



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A *RÊVERIE* NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO
DA PUBERDADE À ADOLESCÊNCIA NAS EXPRESSÕES
MASCULINA E FEMININA ATRAVÉS DO RORSCHACH**

ANA FILIPA CANHA JERÓNIMO

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pela disponibilidade na orientação da minha tese, pelo seu conhecimento e rigor que permitiram a estimulação do pensamento necessária à elaboração deste trabalho. Obrigado por sensibilizar o meu olhar para a Psicologia Clínica através do prisma do único e singular.

Aos meus pais, pela oportunidade de crescimento e desenvolvimento que me deram a partir das suas estéticas de cuidados. Obrigado pela confiança e orgulho que têm em mim.

Ao Mário, pela sua tolerância e sensibilidade às minhas vicissitudes ao longo deste percurso. Obrigado por todo o apoio e carinho.

Aos jovens adolescentes que aceitaram participar neste estudo. Obrigado pela disponibilidade e oportunidade de revelarem a vossa essência.

À minha família, avós, avó e tia, que embora longe me apoiaram sempre.

A todos, os meus sinceros e ternos agradecimentos.

RESUMO

O presente estudo visa a descrição da actuação da *rêverie* ao longo do processo adolescente através do método Rorschach, desde a puberdade à adolescência nas expressões masculina e feminina, no encontro entre o sujeito adolescente e os objectos externos que aparecem privilegiados nesta fase do desenvolvimento.

Partindo da revisão conceptual da *rêverie*, procuramos isolar as suas características a partir dos diferentes contextos em que a *rêverie* aparece descrita na literatura: contexto relacional mãe-bebé, originalmente descrito por Bion, e o contexto analítico amplamente descrito por Grotstein e Antonino Ferro. De igual modo caracterizamos o processo adolescente a partir da sua inscrição relacional e transformacional. De forma a aceder à expressão da *rêverie* na adolescência, criámos procedimentos de análise para dotar o instrumento Rorschach de uma maior sensibilidade face ao objecto de estudo,

No essencial percebemos que a *rêverie* como função que actua na ligação entre interno e externo, sujeito e objecto, real e imaginário, depende das características da *barreira de contacto*, nas suas funções de separação e comunicação entre estas dialéticas. Tanto no grupo pré-adolescente como no grupo adolescente verificamos que as características desta estrutura não asseguram a permeabilidade e flexibilidade necessária para que ocorra a ressonância emocional da experiência.

Palavras-Chave: *Rêverie, Adolescência, Rorschach.*

ABSTRACT

This study intends to describe the performance of *reverie* during the adolescence process through the Rorschach method, from puberty to adolescence in male and female expressions, in the meeting between the subject and external object that acquire an important role at this stage of development.

Starting from the conceptual review of *reverie* we tried to isolate their characteristics from the different contexts where *reverie* appears described in the literature: mother-infant relational context, originally described by Bion, and analytic context described by Grotstein and Antonino Ferro. In the same way we characterize the adolescent process from its relational and transformational inscription. In order to access the expression of *reverie* in adolescence, we have established new procedures of analysis for the instrument Rorschach, making it sensitive to the object of study.

Essentially we realize that *reverie*, as function that acts as a link between internal and external, subject and object, reality and imaginary, depends on the characteristics of the *contact barrier*, in its functions of separating and communication between dialectics. In both groups in study, we verified that the characteristics of this structure do not ensure the permeability and flexibility required to the emotional resonance of the experience.

Key-Words: *Reverie, Adolescence, Rorschach.*

Índice

Introdução	VI
1. <i>Rêverie</i> enquanto Conceito e Modelo Teórico	1
2. Adolescência: Transformações e <i>Rêverie</i>	8
3. Objectivo do Estudo	15
4. Tipo de Estudo	17
5. Participantes	18
6. Procedimentos de Recolha dos Protocolos Rorschach	18
7. Método Rorschach	19
8. Procedimentos de Análise no Rorschach	23
9. Apresentação e Análise dos Dados Rorschach	31
9.1. Análise Cartão-a-cartão	31
9.2. Síntese dos Resultados	42
10. Discussão	49
11. Conclusão	55
Referências Bibliográficas	58

Anexos

Anexo A – Modelo da Carta de Consentimento Informado	62
Anexo B – Protocolos Rorschach Pré-adolescentes Feminino	63
Anexo C – Protocolos Rorschach Pré-adolescentes Masculino	70
Anexo D – Protocolos Rorschach Adolescentes Feminino	81
Anexo E – Protocolos Rorschach Adolescentes Masculino	90

Lista de Tabelas

Tabela 1. Procedimentos de Análise no Rorschach	29
---	----

INTRODUÇÃO

A realização deste estudo nasce do desejo de saber mais sobre os modelos teóricos da Psicanálise e aprofundar os conhecimentos sobre a metodologia projectiva, em particular do Rorschach, instrumento capaz de intuir o que de mais singular há no universo humano. Ao mesmo tempo, é o desejo de contribuir para o enriquecimento das concepções teóricas e metodológicas da Psicologia Clínica que me leva a partir num caminho de verdadeira transformação interna e externa da qual nasce este novo objecto.

Um dos autores que mais contribuiu para o desenvolvimento da teoria psicanalítica foi Bion, que ainda hoje graças às suas concepções teóricas contribuí para esse mesmo desenvolvimento, pela possibilidade de crescimento e desenvolvimento que dotou os seus trabalhos. É nesse sentido que nos debruçamos sobre o conceito de *rêverie*, conceito originalmente descrito no contexto da mágica relação mãe-bebé que determina todo o desenvolvimento humano.

O conhecimento que temos do Mundo deriva da atribuição de sentido e significado que fazemos dele, das experiências vividas, das relações experimentadas, dos sentidos e emoções que de tudo isto deriva. Este processo de significação resulta da nossa capacidade de *rêverie*, da nossa capacidade de abraçar as experiências que o Mundo oferece, de as acolher e nomear, transformando-as em elementos de reflexão, pensamento e sonho. É a partir daqui que crescemos.

Na literatura encontramos a *rêverie* descrita como função pela qual a mãe satisfaz as necessidades psicológicas de amor e de compreensão do seu bebé, captando em sentido os seus tormentos que transforma em significado, por base numa intervenção de profunda intimidade e sintonia entre um e outro (Bion, 1962/91). É através desta experiência intensa, subjectiva e enigmática, inalcançável à observação a olho nu, que se predispõe o desenvolvimento mental futuro e a saúde psíquica do sujeito, uma vez que da interiorização deste processo pela criança, resulta a base do aparelho de pensamento. Uma interferência nesta relação íntima condena o desenvolvimento posterior (Meltzer, 1981b; Ferro, 2002a, 2002b, 2006). É também num outro contexto relacional, em muito semelhante à relação primária, que encontramos um alargamento teórico do conceito, na relação analítica onde a *rêverie* aparece como uma condição particular do analista, através da qual os *pensamentos sem pensador* do analisando podem ser pensados e simbolizados, num processo com características semelhantes ao de *rêverie* materna, permitindo igualmente a introjecção do método pelo analisando (Ferro, 2002a, 2005; Grotstein, 1981).

A ideia de estudar o conceito de *rêverie* no processo adolescente, deriva da carência de dinamismo teórico e metodológico que encontramos nos conceitos psicodinâmicos. Porquê aplicá-lo ao processo adolescente? Por ser um processo marcado por uma intensa e complexa reorganização psíquica, que obriga à integração dos conflitos que derivam das transformações que ocorrem na adolescência. Estas dimensões de intensa conflitualidade vividas no período da adolescência vão ser responsáveis pela mobilização de novos processos de ligação, união e integração que irão permitir a instauração e realização pela experiência de um processo de criação de novos objectos com novas características, através do encontro, comunicação e relação entre interno e externo (Marques, 2001). É pela sua função de conter, ligar, integrar e transformar os elementos dispersos da experiência, que pretendemos compreender a actuação da *rêverie* ao longo do processo adolescente. Assim, formulámos como objectivo do estudo a descrição da actuação da *rêverie* no processo adolescente, desde a puberdade à adolescência, nas expressões masculina e feminina.

O método Rorschach assume extrema importância nesta investigação, por privilegiar uma centração nas lógicas do sujeito, revelando a natureza dos objectos internos mobilizados pelos objectos externos, e a natureza dos processos de união, integração e recriação de uns por outros (Marques, 2001). De forma a aceder à expressão da *rêverie* no Rorschach criámos procedimentos de análise específicos para o efeito, partindo das características da função *rêverie* encontradas na literatura, como: a receptividade aos objectos externos, ressonância da experiência emocional, integração da experiência no funcionamento mental e inversão da *rêverie*. Assim, o Rorschach enquanto instrumento desta investigação revela-se como objecto continente, na possibilidade de conter os conhecimentos teóricos e práticos, do qual resultam os dados Rorschach, que pela atribuição de significado por acção da interpretação dá origem ao conhecimento que aqui procuramos descobrir.

O estudo que passamos a apresentar organiza-se em quatro partes. Numa primeira parte apresentamos a revisão de literatura sobre a *rêverie*, através de uma abordagem psicodinâmica, tendo como pano de fundo o modelo das relações de objecto. Tecemos ainda uma caracterização da adolescência a partir da inscrição relacional e transformacional deste período, de forma a tornar coerente a(s) teoria(s) em estudo e o método. No capítulo consagrado ao método de investigação caracterizámos o método Rorschach e passamos um olhar pelas concepções que o ligam a adolescência. Apresentamos nesse mesmo capítulo os procedimentos de análise no Rorschach que consideramos que dão conta da actuação da *rêverie*. Na terceira parte expomos os dados obtidos pela recolha de protocolos juntos dos jovens púberes e adolescentes, pela análise e interpretação dos mesmos, tendo em conta os procedimentos de análise criados, da qual emerge a

discussão final desta investigação. Na quarta e última parte fazemos uma reflexão sobre o percurso feito, sobre os ganhos e as limitações que podem conduzir ao crescimento deste estudo.

1. A *Rêverie* enquanto conceito e modelo teórico

A revisão de literatura que passamos a expor neste capítulo inscreve-se na concepção teórica do modelo das relações de objecto, onde encontramos a *rêverie* descrita na relação mãe-bebé e na relação analítica. Procuramos descrever de forma exaustiva o conceito nestas duas dimensões teóricas, uma vez que vai ser a partir daqui que poderemos isolar as características deste conceito de forma a usá-lo como modelo teórico nesta investigação e adaptá-lo em termos metodológicos.

A teoria de Bion funda-se numa teoria da mente baseada no conceito de digestão das emoções, bem como na introjecção progressiva de instrumentos que tornam essa operação possível. Para Bion, o desenvolvimento do aparelho psíquico depende da interacção entre mãe-bebé, mais concretamente do jogo de projecções e introjecções existente na relação entre eles, na medida em que a mãe preside a modulação da dor mental do bebé, desempenhando as suas funções mentais, para que de forma gradual a criança possa aprender a fazê-lo por si própria, através da internalização do processo (Meltzer, 1981a).

Derivada da imaturidade do sistema nervoso central à nascença, a criança encontra-se extremamente dependente do meio para a sua sobrevivência física e mental. A sua experiência mental nesta fase é regida por elementos sensoriais brutos que derivam da experiência sensorial e emocional. Estes elementos, designados por elementos β (beta) não podem ser pensados, apenas podem ser evacuados para o exterior através do mecanismo de identificação projectiva. A função α é o nome dado a uma abstracção usada para descrever um processo, para o qual contribui a função do ego que transforma os dados sensoriais em elementos com significado psíquico – elementos α , que constituem imagens visuais ou padrões auditivos e olfactivos que, ao contrário dos elementos β , podem ser pensados, sonhados, e contribuem para a criação da *barreira de contacto* que resulta da proliferação dos elementos α . Esta função opera na consciência da experiência emocional e é necessária para o pensamento consciente e para o raciocínio, permitindo afastar para o inconsciente, quando necessário, um excesso de pensamentos (Bion, 1962/91).

Quando o bebé nasce o seu aparelho mental não tem capacidade para transformar os elementos β em elementos α , por ausência da função α que possibilita esse processo, contudo possui já os rudimentos dessa função. Grotstein (2003) propõe que os elementos β designados por Bion sejam renomeados como *elementos β primários*, uma vez que o bebé é capaz de reconhecer o carácter premonitório destes, contudo nega-se a conhecê-los porque se sente incapaz de tolerar o seu significado. Assim, o autor reconhece a existência de uma entidade interna que organiza a

actividade inconsciente, introduzindo a noção de *sujeito inefável do inconsciente*, responsável pelo reconhecimento dos elementos β como intoleráveis.

Os elementos β quando são projectados pela criança no exterior, por acção da identificação projectiva, precisam de ser acolhidos por um objecto externo capaz de os transformar em elementos α . Bion desenvolveu a noção de objecto continente, como um objecto capaz de descodificar as mensagens proto-emocionais não elaboradas pelo outro e de as devolver por meio de uma intervenção sintonizada e apropriada, num processo através do qual os elementos outrora intoleráveis, pelo seu carácter ambíguo e desconhecido, são dotados de significado psíquico, possíveis de serem pensados e sonhados (Bion, 1962/91; Bronstein, 2012). Este objecto apresenta como característica essencial o facto de ser receptivo e tolerante aos conteúdos da experiência do outro, mesmo quando estes conteúdos produzem ansiedade (Bronstein, 2012). A partir das projecções que o bebé realiza sobre este objecto, inicia-se o processo de significação da sua experiência emocional.

É através da resposta que o objecto continente fornece às projecções do bebé, que a experiência emocional deste adquire sentido e significado psíquico. Ao mesmo tempo, o objecto continente é introjectado, assim como a sua função α , permitindo à criança aprender o processo que lhe possibilita por ela própria a elaboração da sua experiência emocional (Meltzer, 1981b).

Grotstein (2003) defende que este objecto quando é introjectado constitui-se como o continente do material recalcado, através do qual o sujeito projecta os conteúdos da experiência sobre os quais ainda não consegue pensar ou que não tem capacidade para tolerar o seu significado, cuja emergência destes conteúdos se define pelo retorno do recalcado. O mesmo autor chama a atenção para a sensibilidade deste objecto face às vicissitudes do outro, uma vez que cabe a este intuir a capacidade que o sujeito tem para processar a experiência simbolizada, uma vez que o sujeito tem de atingir a maturidade e o desenvolvimento necessário para integrar a transformação dos elementos β , caso contrário assiste-se a uma invasão por novos elementos β . Assim quando o objecto continente elabora a experiência emocional do outro e a comunica, deve ser sensível à capacidade do sujeito para integrar a significação da experiência no funcionamento psíquico.

Em *Learning from experience* Bion descreve em profundidade as trocas e comunicações que ocorrem a partir da relação *continente-conteúdo*. Na mesma obra, aprofunda os factores do meio que influenciam essa relação, enfatizando por parte do objecto continente a existência de um estado de espírito através do qual existe uma receptividade aos conteúdos não elaborados do outro (Meltzer, 1981b).

Bion (1962/91) descreve que é através da capacidade de *rêverie* que a mãe suprime as necessidades psicológicas de amor, segurança e compreensão, definindo-a como “um estado mental aberto à recepção de quaisquer objectos do objecto amado, capaz de receber as identificações projectivas do bebé, sejam elas sentidas como boas ou más” (p. 36). É a partir da sua capacidade de *rêverie* que a mãe realiza um processo análogo ao processo de digestão face às necessidades psicológicas do seu bebé, sendo capaz de discernir o seu estado mental. Como refere Zimerman (1995) a *rêverie* é a condição pela qual a mãe se encontra num estado de “sonho”, como a própria raiz da palavra sugere *rêve* = sonho, estado esse que lhe permite captar o que se passa com o seu bebé, através da sua intuição e sensibilidade. Assim, para Bion, a função de *rêverie* é a capacidade que a mãe tem para fazer ressonância emocional daquilo que é projectado pela criança sobre ela. Através do processo de *rêverie* o bebé adquire uma sensação de continuidade existencial.

Para ser possível estabelecer a continuidade existencial através da *rêverie*, a mãe deve ser capaz de conter as ansiedades básicas infantis e de ter a capacidade de resistir à acumulação de estímulos. Assim, é fundamental a existência, por parte da mãe, objecto continente, uma *barreira de contacto* permeável, que lhe permita distinguir a realidade interna e externa e de não ser dominada pelas suas próprias impressões sensoriais não desenvolvidas, nem pelas suas próprias ansiedades catastróficas (Bronstein, 2012).

Percebemos até aqui que é resultante da experiência da primeira relação, marcada por uma intensa profundidade, intimidade e reciprocidade entre mãe e bebé, que se adquirem os fundamentos básicos da vida mental, tais como a função α responsável da elaboração da experiência emocional. Tal função é adquirida por meio de um estado de espírito de um objecto externo, um objecto com características continentas, capaz de intuir as necessidades do sujeito e de as suprimir, pela transformação do tormento em significado.

Segundo Meltzer (1981a) o desenvolvimento e saúde mental derivam das relações íntimas, uma vez que são nestas relações, onde as paixões estão envolvidas, que se podem experimentar os conflitos de significado emocional que contribuem para o crescimento mental. Para Bion é o pensamento e compreensão da experiência emocional destas relações que permite a expansão e desenvolvimento psíquico. Assim, quando há uma interferência na relação *continente-conteúdo*, a base do aparelho mental sofre um colapso inevitável no seu desenvolvimento.

Bion (1962/91) considera que a capacidade de *rêverie* é inseparável do conteúdo, porque um depende do outro, na medida em que as qualidades psíquicas da mãe são transmitidas ao bebé pelos meios de comunicação que a ligam à criança, nomeadamente pelo seio aquando da amamentação. Se a mãe por alguma razão não tem esta capacidade ou se está se encontra

dissociada de afecto, tal facto é comunicado à criança, embora seja incompreensível para ela devido à imaturidade do seu psiquismo. O que acontece a partir daqui vai depender da natureza das qualidades psíquicas maternas e do impacto destas sobre as qualidades psíquicas da criança, que compõem uma experiência emocional subjectiva, tanto do ponto de vista do desenvolvimento da relação entre eles, como do desenvolvimento de cada um e do próprio processo de transformação pela função α .

Se por alguma razão a mãe não tem esta capacidade para responder de forma adequada às projecções do bebé, uma carga adicional de frustração recai sobre a criança e geram-se novos elementos β . Por outro lado, se a criança tem uma capacidade de tolerância à frustração adequada, pode sobreviver a uma mãe incapaz de suprimir as suas necessidades mentais, por ausência da capacidade de *rêverie*, enquanto uma criança marcadamente incapaz de tolerar a frustração não pode sobreviver, sem um colapso no seu desenvolvimento, a uma experiência de *identificação projectiva* com uma mãe sem capacidade para acolher os seus estados de confusão (Bion, 1962/91).

Antonino Ferro (2006) considera a *rêverie* como o motor da nossa vida mental e saúde psíquica, através da qual podemos receber, processar e transformar os estímulos da realidade externa. A disfuncionalidade desta função pode conduzir ao sofrimento e/ou doença mental. O autor descreve três fontes de trauma que podem ocorrer no desenvolvimento do funcionamento mental, decorrente de vicissitudes na relação com os objectos primários, a saber: a partir de um defeito na função reguladora do objecto cuidador que não é capaz de transformar os elementos β em elementos α , o que resulta no desenvolvimento inadequado da função α pela criança, uma vez que não haverá introjecção das ferramentas necessárias ao gerenciamento básico da vida psíquica e para desenvolvimento da capacidade de simbolizar; a receptividade inadequada e deficiente capacidade de contenção do cuidador que impede a introjecção pela criança, de um *contínente* para conter as emoções e os pensamentos, o que leva ao recurso de mecanismos de defesa como a clivagem e à indefinição de estados emocionais intoleráveis; o encontro entre uma adequada função α e capacidade de contenção com uma situação crítica, que com um excesso de estímulos resulta num acumular de factos indigestos que esperam pela transformação. Os efeitos descritos constituem um ataque ao desenvolvimento, uma vez que pela ausência de uma função contentora e da capacidade de *rêverie*, as emoções primitivas do sujeito são congeladas.

De acordo com Ferro (2002a) Bion acreditava que um defeito no funcionamento da *rêverie* materna poderia levar ao desenvolvimento de um superego rígido, que implicaria a presença de emoções não elaboradas. No caso de o defeito desta função ser extremo, ao ponto de haver uma inversão da *rêverie*, pode desenvolver-se uma utilização patológica da configuração *contínente-*

conteúdo, oposta daquela que potencia o crescimento e o conhecimento, estimulando o desenvolvimento de um tipo particular de superego patológico, cuja principal característica é o ódio por qualquer desenvolvimento na personalidade, como se tal fosse um ritual de destruição.

A *rêverie invertida* descreve uma consequência do fechamento da mente materna às identificações projectivas da criança, na medida em que a mãe reage de forma negativa às projecções do seu bebé. Este tipo de *rêverie* no contexto analítico é útil por permitir a reactivação de experiências traumáticas do paciente que poderão ser pensadas e simbolizadas (Ferro, 2002b).

É precisamente a partir deste ponto que focamos o nosso olhar sobre o desenvolvimento da *rêverie* noutro campo relacional, o campo da relação analítica, onde encontramos uma definição particular deste conceito, proposto na literatura como a *rêverie do analista*.

A *rêverie do analista* compreende a sensibilidade deste às vicissitudes do outro, a partir da qual o analista é tolerante face às identificações projectivas derivadas dos elementos β dos pacientes, que podem ser transformados em elementos α pelo recurso à sua função α . Ferro (2002a) salienta que é através à *rêverie do analista* que é possível realizar um trabalho analítico significativo sobre um superego patológico.

Grotstein (1981) refere que a *rêverie do analista* compreende uma implementação particular da função α , que prepara o campo analítico para a emergência dos “pensamentos sem pensador” tanto no interior do analista como do paciente. A função α do analista, por meio da sua capacidade de *rêverie*, facilita o desenvolvimento desta mesma função pelo paciente, de modo a que este possa realizar as suas próprias transformações da Posição Esquizoparanóide para a Posição Depressiva.

O analista num estado de *rêverie* do tipo meditativo, por abandono da memória, desejo, compreensão, juízo de valor e dados sensoriais em geral, de modo a que a sua mente fique insaturada, é capaz de detectar o padrão, o facto selecionado que dá coerência aos “pensamentos sem pensador” da experiência inconsciente do analisando. Através deste estado de imersão sempre alerta, o analista torna-se hábil para sintonizar os seus próprios sentimentos internos e cenários emocionais que correspondem ou combinam com os proto-sentimentos do paciente, experimentando-os por meio de ressonância (Grotstein, 2003).

De acordo com Ferro (2005) a *rêverie do analista* compreende os momentos em que este está em contacto profundo com os seus pensamentos de sonho na vigília. Nestes momentos o analista entra em contacto com uma imagem que compreende o sincretismo de estímulos pré-verbais. Assim que o analista aceita essa imagem, metaboliza-a e transforma o que era proveniente do paciente, o que depois de ser adequadamente trabalhado pode ser usado para formular uma interpretação. Segundo o autor, a alfabetização dos elementos β no contexto

analítico, não consiste apenas na actividade interpretativa, mas também em sequências de movimentos emocionais e relacionais entre o analista e o analisando.

O pensamento de sonho na vigília é descrito por Bion (1962/91) como uma experiência emocional similar à que ocorre no sonho nocturno.

Bion vê o material do sonho como material consciente que tem de ser mantido longe do pensamento, sendo por isso armazenado, submetido a material onírico. Para além do sonho nocturno, Bion acredita que a nossa mente cria, através da função α , uma operação contínua de alfabetização de todos os estímulos sensoriais e emocionais que recebemos. Os elementos α , produto dessa alfabetização, quando colocados em sequência produzem o pensamento de sonho na vigília, sendo este um processo em constante formação e que opera em todos os momentos. Tendo em conta que cada mente constrói os elementos α de forma específica e subjectiva, ainda mais subjectiva e específica é a sequência de elementos α que continuamente é produzida nas cadeias que formam o pensamento de sonho (Ferro, 2002b, 2005 e 2006). Segundo Bion descreve, uma das formas de acesso, ainda que indirecta, às sequências formadoras de elementos α é através das narrativas derivadas do pensamento de sonho na vigília (Ferro, 2006). Se por alguma razão a função α é perturbada e se torna inoperante, as impressões sensoriais permanecerão inalteradas e o sujeito encontra-se impedido de sonhar.

Grotstein (2003) numa revisão que efectuou sobre o trabalho do sonho refere que a actividade onírica permite a ligação das experiências correntes com as experiências anteriores, onde os detalhes do passado são continuamente reintroduzidos na consciência (Lowy, 1942 cit in Grotstein, 2003). Através do processo de sonhar, constante e contínuo, cria-se uma continuidade que contribui para a preservação da coesão e da unidade mental como um todo. No mesmo sentido, Palombo (1978) cit in Grotstein (2003) percebeu o sonhar como um elemento importante na função organizadora do ego necessária para a integração da memória, através da ligação que o sonho possibilita entre as representações das novas experiências com as representações das experiências passadas.

Compreendemos assim, que a função *rêverie* designa um estado de espírito de receptividade, de contenção e acolhimento às experiências emocionais subjectivas intoleráveis do outro, que se vê incapaz de as nomear, de as transformar em elementos com significado para serem pensados e sonhados.

Através da capacidade de *rêverie* internaliza a partir dos cuidados do objecto cuidador da primeira relação de objecto, somos capazes de pensar e sonhar e a nossa experiência, de dotar os

estímulos do dia-a-dia com significado psíquico, numa operação contínua e constante que potencia o desenvolvimento e crescimento mental.

Diversas circunstâncias podem provocar um defeito nesta função, entre elas uma falha na introjecção da capacidade de *rêverie*, a insuficiente ou inadequada receptividade por parte de um objecto continente, ou uma situação crítica que leva a acumulação de estímulos não-elaborados, que esperam pela transformação em elementos que possam ser pensados e sonhados. No extremo da disfuncionalidade desta função encontramos a inversão da *rêverie*, que se caracteriza pela ausência de qualquer transformação psíquica e conseqüente desenvolvimento e crescimento mental. Qualquer disfuncionalidade que possa ocorrer nesta função é reversível e até considerada útil em certos contextos, nomeadamente em Psicanálise, uma vez que pela reactivação de experiências traumáticas é possível pensá-las e simboliza-las, tornando a *rêverie* funcional, através da *rêverie do analista*.

Através do estado de *rêverie* encontramos-nos num sonho acordado, num estado de intensa e profunda sintonia e afinidade com os elementos da experiência externa, que podem ser combinados com os elementos da nossa própria experiência, num processo de ligação, união e comunicação entre interno-externo, sujeito-objecto, real-imaginário, que possibilita a transformação da experiência externa num processo de atribuição de sentido e significado psíquico, que pode posteriormente ser integrada no funcionamento mental.

2. Adolescência: Transformações e *Rêverie*

Neste capítulo consagrado à revisão de literatura sobre a adolescência, procuramos descrever o processo adolescente ligado às noções de relação e de transformação, de forma a proceder a uma adequação e coerência entre a teoria e o método. Assim, as teorias aqui expostas sobre o processo adolescente derivam do modelo das relações de objecto, uma vez que é a partir destes que surge “privilegiada a caracterização dos processos que conduzem à criação de novas significações, à criação de «novos objectos» e à criação de novos símbolos, através da actividade de pensar” (Marques, 2001, pág. 278), processos estes que possibilitam o crescimento e desenvolvimento mental do jovem adolescente enquanto adulto.

A adolescência enquanto processo psicológico é um período repleto de novas potencialidades para o sujeito. É a partir do caos psíquico que deriva das transformações do processo adolescente que o jovem pode experimentar os conflitos e a dor mental, através da qual se processa o crescimento.

O processo adolescente é longo e elaborativo e marcado por múltiplas mudanças que obrigam a uma reorganização psíquica significativa. A adolescência divide-se essencialmente em duas fases, uma fase inicial designada por puberdade, limitada no tempo, e uma segunda fase que compreende a adolescência propriamente dita. A fase pubertária inicia-se com as modificações corporais, sendo esta a transformação adolescente mais complexa e turbulenta, não só pelas mudanças fisiológicas que ocorrem, mas também pelas modificações psicológicas e sociais que produz (Braconnier, 2000).

A transformação pubertária coloca ao jovem adolescente um duplo desafio, por um lado o de manter um sentimento de continuidade existencial num corpo em mudança, por outro, o desafio de integrar esta transformação do funcionamento psíquico (Braconnier, 2000). Estas tarefas pubertárias constituem para o jovem um verdadeiro desafio, não só pelo paradoxo que compreendem, mas também devido à vivência de perda que o corpo em mudança induz no jovem adolescente – perda do corpo sexual indiferenciado infantil, que conduz a uma fragilidade egóica e a vivências de descontinuidade e desarmonia. Os sentimentos de dúvida e hesitação que se traduzem em questões existenciais e sentimentos de angústia decorrentes desta transformação, acordam a vivência da primeira relação, em particular o que remete para a estabilidade/instabilidade desta. Se esta remeter para uma imagem interna de relação pacífica e harmoniosa, existirá por parte do jovem adolescente uma capacidade de *rêverie*, de sonho e uma certa tolerância ao sofrimento, o que lhe vai permitir enfrentar os conflitos internos provocados

pelo novo corpo. Por outro lado, a existência de carências graves decorrentes das primeiras relações ou relações simbióticas de objecto precoce, podem ser reactivadas e reactualizadas.

As modificações corporais pelas questões existenciais e sentimentos que suscitam provocam uma fragilidade ao nível identitário, instaurando um sentimento de *identidade movente* (Marques, 2001). A necessidade de integrar o corpo adolescente no funcionamento mental implica uma renúncia à ambiguidade sexual infantil e impõe uma escolha sexual, como tal os processos de identidade e identificação são mobilizados.

A adolescência é o período de maior sensibilidade na construção da identidade, pela multiplicidade de identificações que surgem nesta fase através dos modelos extrafamiliares. O jovem adolescente confronta-se durante este processo com os ideais primitivos, derivados das identificações primárias, assim como com os ideais realistas que o obrigam a reformular as representações que tem de si mesmo e dos seus objectos internos. É através deste processo contínuo que resulta um sentimento de união e de integração das experiências vividas e que diz respeito ao sentimento de identidade (Matos, 2005).

Derivada da transformação pubertária impõe-se como fundamental e necessária aquela que é considerada como a principal tarefa desta fase de desenvolvimento, a transformação da relação com os pais. Esta compreende o desligar-se e libertar-se dos comportamentos infantis e das formas de relação características da infância, uma vez que a maturação sexual torna constrangedor o sistema de relações mantido na infância. Esta reorganização implica também ela um duplo desafio ao sujeito adolescente: a separação das figuras parentais e a conquista da autonomia. Com desafio prevê-se conflito, devido ao paradoxo que tais tarefas constituem. A separação das figuras parentais assume-se como condição essencial do processo adolescente, uma vez que é a partir desta que o jovem pode procurar os seus próprios limites corporais, intelectuais e sociais, contudo esta tarefa implica uma separação da fonte segura e de protecção cuja necessidade de desligamento faz emergir sentimentos relacionados com o medo de abandono das figuras parentais (Braconnier, 2000).

Apesar da tarefa de transformação da relação com as figuras parentais obrigar a uma separação destes e a um desligamento relativamente à infância, é importante perceber que tal tarefa ocorre de forma progressiva e nunca é completa, uma vez que o objectivo final não constitui um corte relacional, mas sim o estabelecimento de um sentimento de identidade que tem como suporte os laços infantis e as relações de objecto primárias.

O período da adolescência propriamente dita caracteriza-se essencialmente por uma fase destinada à integração psíquica de todas as transformações corporais e relacionais que se arrastam desde a puberdade, e incorporar todos os novos elementos delas decorrentes que permitem a

construção da identidade e da autonomia (Matos, 2005), cuja fase final se caracteriza pela escolha do feminino/masculino (Marques, 2001).

Até aqui descrevemos as principais transformações que caracterizam o processo adolescente, com as respectivas tarefas de reorganização psíquica que comportam e que são responsáveis pela turbulência psíquica vivida nesta fase. Contudo, torna-se agora fundamental articular e descrever um elemento essencial que permite a realização destas tarefas e que torna possível a resolução deste processo – o papel desempenhado pelo outro, pelo objecto externo, não descurando assim a inscrição relacional do processo adolescente.

Como já descrito, as modificações corporais arrastam uma crise identitária que provoca uma descompensação interna, notória sobretudo pela instabilidade emocional que caracteriza a adolescência. A única solução possível para este estado de desorganização é a fuga para o exterior, para o grupo de pares, onde o jovem adolescente pode exteriorizar as várias partes de si para os vários elementos que aí encontra (Meltzer, 1973/2008). Os objectos externos aparecem nesta fase como objectos privilegiados, como organizadores de uma realidade interna turbulenta, conflitual e difícil de elaborar.

Para além da necessidade de investimento no exterior derivada do caos psíquico provocado pelo corpo adolescente, também a tarefa de reorganização da relação com as figuras parentais vai obrigar a um investimento em novos objectos, uma vez que o desinvestimento que o jovem se vê obrigado a fazer em relação aos objectos primários, arrasta a uma reprovação no sistema de gratificação que estes objectos ofereciam, obrigando o jovem adolescente a investir nos novos objectos externos, onde pode encontrar parte dessas gratificações (Braconnier, 2000).

São os objectos externos que marcam de forma inquestionável e unanimemente reconhecível o percurso que vai da infância para à adultícia, constituindo a adolescência o espaço e o tempo de (re)conhecimento e estabelecimento da relação com estes objectos.

A necessidade de o adolescente estar em grupo responde a questões educativas, sociais e a motivações intrapsíquicas. As questões educativas derivam da oportunidade que o grupo oferece como meio de troca e partilha de interesses e experiências. Do ponto de vista social é o grupo que vai permitir a construção de um sentimento de integração e de homogeneidade entre o jovem e o grupo, assim como vai permitir a criação das regras da vida em sociedade fundamentais no mundo adulto. As questões intrapsíquicas devem-se à possibilidade de conquista e de ser que o grupo oferece. O grupo representa essencialmente uma caixa-de-ressonância pela oportunidade de expressão da originalidade e origem identificatória, ao mesmo tempo é a partir do grupo que o jovem encontra novos modelos de identificação (Braconnier, 2000).

É através de um processo de trocas e investimentos mútuos e recíprocos entre sujeito e objectos que se vai organizar e construir o sentimento de identidade e estabilizar o sentimento de integridade. Neste processo de criação e construção identitária o sujeito forma-se e transforma-se pelo modelo de objecto primário e diferencia-se graças aos ideais, estereótipos e cultura que conferem um colorido às múltiplas identificações que os objectos externos, extrafamiliares oferecem, cujas características vão ser interiorizadas pelo sujeito (Matos, 2005).

A partir da revisão de literatura efectuada que descreve o processo transformacional adolescente, percebemos que o(s) objecto(s) externo(s) representa um papel essencial na realização deste processo, tanto pelo novo sistema de investimentos como pelas novas formas de relação que o sujeito vai com ele(s) estabelecer. Um autor que nos permite dar conta da importância do objecto externo na acção transformadora do ser é Bollas.

Bollas (1978) descreve o processo de transformação, recorrendo à noção de momento estético definido por Krieger (1976). O momento estético constitui uma relação profunda entre sujeito e objecto, que pode ser entendida como um feitiço que prende o eu e o outro, numa experiência de *rêverie*, proporcionando uma ilusão geradora de encaixe entre eles, que evoca uma memória existencial. O momento estético caracteriza-se por ser auto-suficiente, pela capacidade de prender o sujeito nesta experiência subjectiva de feitiço. A epistemologia do momento estético é anterior à cognição e à fala, pelo que só poderá permitir a evocação de uma experiência existencial, em que o pensamento era irrelevante para a sobrevivência, e em que a comunicação ocorreu unicamente através de uma relação de intensa afectividade entre sujeito e objecto.

Esta relação é a relação mãe-bebé, em que a mãe tem como principal tarefa oferecer uma experiência de continuidade existencial à criança, através do seu idioma de cuidados maternos que dão forma ao mundo interno da criança, formando e transformando o self desta, constituindo este processo aquilo que o autor designa como a primeira estética humana (Bollas, 1978).

A fenomenologia do processo de transformação deriva dos cuidados maternos da primeira relação de objecto. Segundo Bollas (1978) o *self* forma-se a partir de um ambiente facilitador, em que é graças a uma mãe suficientemente boa que as capacidades crescentes do ego se podem desenvolver.

Decorrente da prematuridade do nascimento, a criança precisa que a mãe sirva de ego suplementar, fornecido através da cultura particular que a mãe cria para o seu bebé, composta por uma linguagem de sintaxes altamente idiomática de gestos, sons e humor, que garante a intimidade e enfatiza o ambiente enclausurado desta primeira relação. A partir dos seus cuidados maternos, a mãe prepara o desenvolvimento da actividade do ego funcional. Da mesma forma, é através destes cuidados que as partes desintegradas do *self* do bebé podem encontrar integração,

pela possibilidade da criação de uma experiência estética. Pela forma particular que a mãe tem de satisfazer as necessidades do bebê, ela transforma as realidades internas e externas do seu bebê: a mãe dissolve a angústia que a criança sente na sua ausência, através da sua aparição; transforma a agonia da fome e do vazio numa experiência de plenitude, através do leite materno. Estas são as primeiras transformações que o sujeito experimenta, que permitem a formação e transformação do *self* (Bollas, 1978, 1979).

Bollas (1978) sustenta que cada experiência estética promove uma transformação, pelo que ele recorre ao “objecto estético” de Krieger e denomina-o como objecto transformacional. Desta forma, concede à mãe o papel de primeiro objecto de transformação, e ao seu estilo de cuidados maternos, o carácter de paradigma da transformação para o seu bebê. É a partir dos cuidados maternos que se instala uma tradição de transformações das realidades internas e externas, uma vez que a primeira estética humana serve de base ao desenvolvimento da criança e cria a base para todas as futuras experiências estéticas que colocam o sujeito numa relação profunda com um objecto.

Aquando da primeira estética humana, a mãe é identificada pelo bebê como um processo assimilado com cumulativas gratificações internas e externas, isto é, é identificada como um processo que altera a experiência do *self*, não sendo ainda reconhecida como um objecto. Da mesma forma, o primeiro objecto transformacional também é identificado como um processo de metamorfose do *self* (Bollas, 1979). O ego da criança face à experiência de transformação internaliza o primeiro objecto transformacional (mãe), da mesma forma que interioriza o processo em si (estética de transformação). O que acontece a partir daqui é que o *self* inaugura uma procura infundável por novos objectos transformacionais, que lhe permite, quando encontrados, alcançar a simetria em relação ao meio (Bollas, 1978).

Desta forma, a primeira estética humana dá lugar à segunda, que compreende a experiência da formação da palavra. A segunda estética humana é, segundo Bollas (1978), a transformação mais significativa, uma vez que permite a expressão do bebê, que até ai apenas encontrava significado na psique da mãe. A aquisição da linguagem possibilita que o bebê transite de uma cultura profunda e enigmática conhecida na relação mãe-bebê para a cultura do mundo social, sendo a palavra o segundo objecto transformacional, que vai permitir a procura de novas equações simbólicas.

Para que tal seja possível, é necessário que ocorra na relação entre a mãe e o bebê uma separação e desilusão da criança face à função aparente da mãe como único agente de transformação. De igual modo, é fundamental que a mãe sofra alguma experiência de decepção em relação ao bebê, provocada pelas reais necessidades deste, que atenua o desejo inconsciente

da mãe de que o bebé seja o seu objecto de transformação. Caso contrário encontramos na clínica casos de psicopatologia da relação de objecto transformacional (Bollas, 1979).

Sobre os defeitos que podem ocorrer no desenvolvimento da criança e do objecto transformacional, Bollas (1978) refere que uma falha ao nível da aquisição da linguagem, leva a que a palavra se torna numa expressão desprovida de sentido para o mundo interno da criança, perdendo a palavra a sua função de comunicar os estados do *self*, como é característico nas personalidades esquizóides.

A procura de objectos transformacionais deriva portanto da relação de objecto mais arcaica do sujeito. A procura pelo objecto transformacional é a procura pela recordação de uma experiência de relação objecto precoce, de uma experiência existencial identificada com cumulativas metamorfoses do *self*. Na vida adulta, quando o sujeito experimenta um momento de intensa relação de afinidade profunda com um objecto, que recorda uma memória egóica pré-verbal, encontra-se na presença de um objecto que promete a transformação da sua realidade interna e externa (Bollas, 1979).

Para que ocorra a transformação da realidade interna e externa do sujeito, é necessária a acção de uma importante estrutura intrapsíquica, que pela sua actualização irá permitir a criação de novos objectos, falamos da *barreira de contacto*, que adquire durante o processo adolescente uma extraordinária renovação com o enriquecimento das suas funções.

A renovação desta estrutura ocorre devido às transformações vividas no período da adolescência, em que os novos objectos e objectos resultantes do processo adolescente impõe a actualização da *barreira de contacto*, que ao ser renovada vai permitir a ligação, comunicação e ajustamento à realidade interna e externa, possibilitando a criação de novas realidades, de novas relações *continente-conteúdo* e novas significações (Marques, 2001).

A *barreira de contacto* forma-se a partir da transformação das impressões sensoriais (elementos beta), relacionadas com uma experiência emocional, em elementos alfa através função alfa do sujeito. Esta barreira está continuamente em processo de formação, marcando o ponto de contacto e de separação entre elementos conscientes e inconscientes. A *barreira de contacto* pode ser considerada como tendo as características de uma estrutura, que serve a função de uma membrana, que pela natureza da sua composição e permeabilidade, separa os fenómenos mentais em dois grupos, um dos quais executa as funções da consciência e o outro desempenha as funções do inconsciente (Bion, 1962/91).

Esta barreira apresenta uma tripla função: tem a função de diferenciar e mediar o contacto entre instâncias psíquicas e entre o consciente e o inconsciente; tem a função de diferenciar e mediar o contacto entre o que pertence ao sujeito e aquilo que pertence ao exterior;

por fim tem a função de diferenciar e mediar o que são as representações e as coisas em si. A *barreira de contacto* pode ser entendida como uma área intermédia na psique humana que mantém em contacto o mundo interno e o mundo externo, permitindo a realização de trocas de conteúdos entre eles, num processo dialético contínuo – entre fantasia/realidade, eu/não-eu, símbolo/simbolizado, continente/conteúdo, que fornece os alicerces para a formação da identidade (Cabral, 1998 cit in Soares e Marques, 2009).

A *barreira de contacto* ganha consistência, espessura e permeabilidade ao longo do desenvolvimento do sujeito, sendo enriquecida através das novas experiências vividas por ele. É na adolescência que se assiste a uma importante evolução nas características desta estrutura, e a uma intensa complexificação das suas funções psíquicas, sendo através destas que vai ser possível a resolução dos conflitos do processo adolescente (Marques, 2001 cit in Soares e Marques, 2009). Da mesma forma, é graças a esta *barreira de contacto*, que tem por função conter e simbolizar, que ocorre a criação de novos objectos internos e externos, e a recriação do sujeito e objectos, com novas qualidades e novas características (Marques, 2001).

Podemos em jeito de conclusão deste capítulo de caracterização do processo adolescente assinalar que no essencial, as expressões adolescentes devem ser inscritas num contexto relacional e transformacional, uma vez que o objecto externo ocupa no decurso deste processo um papel essencial no crescimento do sujeito adolescente, uma vez que é através da vivência e da experiência do jovem na relação consigo próprio e com o(s) outro(s) que se constrói enquanto adulto (Marques, 2001).

3. Objectivo do Estudo

A literatura apresenta a *rêverie* como uma função intrapsíquica importante e necessária ao longo do desenvolvimento, através da qual é possível conter, integrar, ligar e transformar os elementos desintegrados da experiência, em elementos úteis para o pensamento e sonho, permitindo a actividade de pensar. Ferro (2006) fala-nos de uma actividade basal e constante da *rêverie*, que possibilita ao sujeito receber, metabolizar e transformar os estímulos do dia-a-dia, constituindo-se esta função intrapsíquica como o motor da nossa vida mental e saúde psíquica. Pela actuação da *rêverie*, as experiências vividas pelo sujeito adquirem significado interno, havendo uma aprendizagem pela experiência, permitindo o desenvolvimento e crescimento mental.

A função *rêverie* desenvolve-se no encontro do sujeito com um objecto continente, com capacidade para pensar/sonhar as necessidades do sujeito com amor, acolhendo as experiências emocionais intoleráveis do outro, executando as funções mentais por ele, metabolizando e transformando a experiência emocional em significado psíquico, devolvendo-a ao outro de forma a que seja por ele compreendida, para posteriormente ser armazenada e disponível para a actividade de pensar e sonhar Grotstein (2003). Grotstein (2003) designa o objecto transformacional de Bollas como um objecto continente, capaz de ver as coisas como elas realmente são, derivado de uma “capacidade mística” do objecto transformacional para detectar e clarificar o que o outro não consegue nomear e significar. Esta “capacidade mística” que Grotstein fala, designa no nosso entender a capacidade de *rêverie* do objecto transformacional, no seu estado de receptividade, de acolhimento, de sensibilidade e ressonância às vicissitudes do outro.

O processo transformacional adolescente caracteriza-se por uma mudança catastrófica devido às dimensões de intensa conflitualidade interna e externa, objectal e relacional, que vão fazer intervir novos processos de ligação, de transformação e simbolização, que vão permitir a criação de novos objectos, novas relações continente-conteúdo e finalmente um novo sujeito. As principais transformações de objectos e objectivos na adolescência organizam-se em torno dos organizadores corpo, identificações e das relações que o jovem estabelece consigo e com o outro (Marques, 2001). Surge na adolescência abertura à relação com o novo, com o externo, com o desconhecido, o extrafamiliar – o outro, que desempenha um papel importante enquanto organizador do mundo interno do sujeito.

A adolescência apresenta uma forte inscrição relacional, uma vez que é na e pela relação que o sujeito se experimenta na relação consigo e com o outro, ocorrendo o crescimento mental (Marques, 2001 e Braconnier, 2000). Como refere Meltzer (1981b) é nas relações íntimas, onde as

paixões estão envolvidas que se podem experimentar os conflitos de significado emocional que contribuem para o crescimento. Os novos objectos e objectivos que decorrem do processo adolescente vão impor a renovação da barreira que contacto, que ao sofrer actualização vai permitir a ligação, comunicação e ajustamento entre a realidade interna e externa, ocorrendo a criação de novas realidades, de novas relações continente-conteúdo e novas significações (Marques, 2001).

A partir da dimensão relacional do processo adolescente e dos organizadores corpo, identificações e relação consigo e com o outro, pretendemos perceber que objectos transformacionais - na acepção de Bollas (1978, 1979) objectos externos com acção transformadora do ser; objectos continentes - na acepção de Bion (1962/91) receptivos às vicissitudes do sujeito, que permitem o processo de significação da experiência, encontra o jovem adolescente ao longo do processo transformacional adolescente, e como actua a função *rêverie* nesse encontro, potenciando a actividade do pensamento e do sonho permitindo a construção e crescimento do adolescente enquanto adulto.

Para tal pretendemos compreender a *rêverie* no processo adolescente através da metodologia projectiva, particularmente através do Rorschach, de forma a perceber como actua a *rêverie* no processo adolescente, desde a adolescência inicial – puberdade, até à adolescência propriamente dita. O Rorschach assume-se como o instrumento desta investigação, por apresentar como potencialidade a expressão e revelação do espaço de mediação, ligação, transformação e recriação entre o interno e o externo, entre o presente e passado e entre o presente e futuro (Marques e Aleixo, 1994). Para que tal seja possível, iremos proceder à construção de uma grelha de análise para perceber a expressão da *rêverie* através dos protocolos Rorschach recolhidos junto de sujeitos adolescentes, para posteriormente caracterizar de que modo actua esta função psíquica na população adolescente.

4. Tipo de Estudo

A Psicologia Clínica face ao seu objecto de estudo – o sujeito psicológico, deve estabelecer e estabilizar as concepções e modelos que deverão fundar os métodos para aceder a esse mesmo objecto, de forma a atingir o singular e o único, ao mesmo tempo a complexidade e a totalidade. “A essência de um ser ou de um fenómeno (...) está no mais «insignificante», no «esquecido» ou «escondido», no «transitório» e «mutável» (...) aceder a esse domínio impõe o recurso aos *modelos que usam a significação e o sentido, que se fundam, também, na consensualidade, comunicação, construção e transformação*”. (Marques, 2001, p.99). São nos métodos qualitativos que encontramos a produção de conhecimento, a criação de teoria sobre a realidade da subjectividade humana (Gonzalez-Rey, 2002).

A metodologia qualitativa, como descreve Gonzalez-Rey (2002) está orientada para a criação de ideias, ao desenvolvimento de teoria que resulta essencialmente da produção de pensamento. A investigação qualitativa constitui-se como um processo irregular e diferenciado que se ramifica à medida que o objecto de estudo se revela e expressa em toda a sua riqueza e complexidade, através da lógica indutiva de atribuição de sentidos por via da interpretação. É nesta forma de proceder em investigação que se inscreve o presente estudo.

Esta metodologia assenta fundamentalmente em três princípios: o conhecimento resulta de um processo de construção interpretativo de atribuição de sentido à expressão do objecto de estudo, através da qual o investigador integra, reconstrói e apresenta os diversos indicadores obtidos no decurso da investigação; o processo de construção é relacional, na medida em que a relação investigador-sujeito(s) é a condição para o desenvolvimento da investigação; a significação da singularidade é o nível legítimo da produção do conhecimento, isto é, há um resgate do individual, do singular, da significação do subjectivo (Gonzalez-Rey, 2002).

Como refere Marques (2001), é através da metodologia projectiva que a Psicologia Clínica encontra as melhores formas de aproximação, articulação, integração e coerência entre as concepções teóricas e os métodos de abordagem, descrição e compreensão do seu objecto de estudo. A partir dos métodos projectivos encontramos instrumentos que facilitam a expressão do objecto de estudo da Psicologia clínica em toda a sua complexidade, mas também na sua singularidade.

5. Participantes

A recolha dos protocolos Rorschach foi realizada durante o mês de Abril no Agrupamento de Escolas do Forte da Casa no concelho de Vila Franca de Xira, contando com a colaboração e respectiva autorização da direcção das Escolas Básica Padre José Rota e Secundária do Forte do Casa.

O âmbito da investigação foi explicado à direcção de cada uma das escolas, tendo ficado ao cuidado destes a selecção de turmas com alunos que satisfizessem as condições relativas à idade pretendida (13 e 17 anos) e ao rendimento escolar, aparentemente sem problemas psicológicos, de forma a garantir dentro do possível as condições de normalidade do funcionamento mental dos participantes. Assim, foi seleccionada uma turma do 8º ano e outra do 11º ano do agrupamento de ciências e tecnologias, a quem foi esclarecido o objectivo do estudo. Junto dos jovens que se mostraram interessados em colaborar na investigação foram entregues as cartas de consentimento informado e combinado um dia e hora com cada um para proceder à recolha de dados. Os participantes no total são 10 e distribuem-se por dois grupos: um grupo de 5 jovens pré-adolescentes (2 raparigas e 3 rapazes) e outro grupo de 5 jovens adolescentes (2 raparigas e 3 rapazes).

6. Procedimentos de recolha dos protocolos Rorschach

A recolha dos protocolos foi efectuada numa sala destinada a actividades de psicologia existente em cada uma das escolas, no dia e hora agendado com cada um dos participantes. Cada um dos encontros teve a duração média de 1 hora, onde se procedeu a uma breve conversa com os jovens, de forma a que houvesse um maior envolvimento e à vontade entre os participantes e o investigador, esclarecendo hipotéticas dúvidas que poderiam ter sobre aquele encontro. Sobre a técnica Rorschach não foram discutidos pormenores, introduzindo-se a aplicação da mesma como uma actividade interessante, divertida e lúdica. Os jovens no geral mostraram-se colaborantes e interessados na situação, contudo destaca-se sobretudo um maior à vontade e entrega à situação por parte do grupo de pré-adolescentes, e um sentimento de reserva e contenção por parte do grupo de adolescentes.

7. O Método Rorschach

Hermann Rorschach concebe o Rorschach em 1920 como instrumento ao serviço do estabelecimento do diagnóstico psicológico, tanto na criança como no adolescente e no adulto, ligado à clínica psicopatológica. O autor considerava o instrumento Rorschach como um aliado do psicanalista tanto na determinação do diagnóstico como do prognóstico de análise. Na sua concepção H. Rorschach vê o instrumento como uma prova de percepção que faz intervir um processo que combina a sensação, a memória e a actividade associativa, que através de um complexo de sensações dá lugar à ideia, à resposta Rorschach (Marques, 2001).

A noção de percepção encontra uma ligação estreita à noção de interpretação, uma vez que a resposta Rorschach mais do que revelar a natureza do objecto percebido revela a natureza do sujeito que percebe, pela intervenção de mecanismos psicológicos na emergência da resposta Rorschach. É a partir daqui que se desenvolvem diversas concepções que pretendem dar conta dos processos que intervêm no processo-resposta Rorschach, em particular concepções que se focam na participação da singularidade e subjectividade do sujeito (Marques, 2001).

São sobretudo as concepções desenvolvidas em torno da coexistência de elementos perceptivos e projectivos que adquirem maior atenção e fundamentação. Schafer (1954) cit in Marques (2001) caracteriza a situação Rorschach como relação transferencial e contratransferencial. Na sua concepção refere que a situação projectiva apela a uma regressão ao funcionamento do sujeito, pela solicitação que lhe é feita para criar algo novo, um novo objecto. Para o autor a resposta Rorschach resulta de um *continuum* que se joga entre uma imagética autística e a percepção que liga o sujeito à realidade do estímulo, numa regressão específica, temporária e parcial das funções egóicas, que possibilita a emergência de material inconsciente e pré-consciente. Rausch de Trautenberg (1983) conceptualiza a situação Rorschach como um espaço de interacções onde a resposta Rorschach emerge da relação entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática e entre realidade interna e externa. A autora explicita os elementos que impõem ao sujeito os movimentos que operam entre percepção – realidade, e a projecção – o singular e subjectivo, a saber: característica do estímulo, dimensão simbólica dos cartões, instrução, factores das respostas e processo-resposta. A resposta Rorschach no entender de Trautenberg deriva da atribuição do sentido que o sujeito faz entre o seu mundo interno e o mundo externo. Chabert (1983, 1987) cit in Marques (2001) vem conferir à situação Rorschach o estatuto de uma *Psicanálise aplicada*, procurando aproximar o Rorschach dos modelos psicanalíticos. Para Chabert a análise das respostas Rorschach faz-se pela consideração da relação entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente de cada cartão, a relação entre a percepção, a

representação e os afectos, a oscilação entre o processo primário e secundário, a regressão, os conflitos e o sistema defensivo. À semelhança de Schafer, a Chabert atribui relevância aos fenómenos transferenciais e contratransferências, uma vez que o carácter paradoxal e conflitual da instrução e material levam à emergência de afectos e emoções que mobilizam movimentos relacionais inconscientes.

A situação Rorschach inscreve-se na situação projectiva, situação de encontro entre duas subjectividades, que juntas irão construir uma intersubjectividade. O encontro que se joga entre clínico e paciente na situação projectiva é mediado por um material e instrução paradoxal que criam uma situação de conflito, onde emergem afectos e emoções que mobilizam as defesas habituais do sujeito face a situações do mesmo cariz (Marques, 1994a, 2001). Na situação Rorschach há uma centração nas lógicas do sujeito, considerando os movimentos e processos que ocorrem no espaço-tempo situacional e relacional em que ocorre a aplicação. Perante um teste projectivo, o sujeito (paciente) encontra-se perante uma situação catastrófica, de caos psíquico, que o leva a clivar e posteriormente projectar esse caos sobre o exterior. O caos projectado é acolhido e contido pelo outro (clínico), naquilo que Bion designa por *rêverie*, numa relação *contínente-conteúdo*, iniciando-se a partir daqui um processo de formação de símbolos e de pensamento. Este processo de formação de símbolos constitui-se como um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências passadas com as actuais, que apenas ocorre na relação com um objecto externo dotado de certas qualidades psíquicas que possibilitam a actividade de pensar do sujeito (Marques, 1994a).

O material Rorschach, composto por dez manchas de tinta, ambíguas quanto ao seu significado, constituem uma impressão sensorial que o sujeito organiza como uma percepção a partir de dimensões precisas como a simetria, a forma, a cor e o esbatimento, a partir das quais emerge a resposta Rorschach, comunicada sob a forma de palavras. A resposta Rorschach designa um novo objecto, um símbolo que surge para restaurar o caos, que resulta de um processo de ligação e transformação pelo confronto entre interno e externo, ocorrendo a construção e comunicação de um sentido, pela acção da identificação projectiva que actua no encontro, comunicação e integração entre interno e externo, entre sujeito e objecto, que é submetido pelo contexto situacional e relacional onde emergem as respostas. É através de todo o trabalho mental envolvido no processo-resposta Rorschach que é revelada a natureza dos objectos internos mobilizada pelos objectos externos, e a natureza dos processos de união, integração e recriação de uns por outros, da natureza do sujeito, do eu e da sua relação de/com objecto (Marques, 2001).

A atribuição de sentidos da resposta Rorschach contém os devaneios, as visões e os fantasmas referentes a uma realidade objectiva que é singularizada (Rausch de Traubenberg, 1983). A resposta Rorschach compreende sempre o compromisso entre aquilo que de mais significativo ordena e rege a realidade interna do sujeito, mas também as características da realidade externa. O sentido que o sujeito atribui à mancha Rorschach constitui somente uma parte, a possível e desejável de uma significação muito mais amplas, cuja expressão simplificada que o sujeito fornece através da resposta Rorschach se encontra saturada de sentido que pode ser aberta ou fechada para novas significações. Desta forma, a análise de um Rorschach pressupõe ir além daquilo que é dito, acedendo-se ao que operou *entre* e *inter* o dito, uma vez que aceder à singularidade do sujeito é poder revelar aquilo que podendo ser insignificante se pode constituir como a essência do acesso ao individual (Marques e Aleixo, 1994b).

Rorschach e Adolescência

Diversas são as concepções que se debruçam sobre as características e especificidades da expressão adolescente no Rorschach. Chabert (1989) cit in Marques (2001) desenvolveu o seu trabalho no sentido de estabelecer critérios precisos para o diagnóstico e prognóstico de sujeitos adolescentes, procurou aprofundar as modalidades e qualidades do sistema defensivo de sujeitos adolescentes através da imagem de si e da capacidade para elaborar as relações conflituais. Mais tarde, com um enriquecimento teórico introduz como parâmetros de análise dos protocolos de adolescentes, os arranjos pulsionais, os arranjos narcísicos e os arranjos relacionais que especificam o funcionamento psíquico de cada um.

Rausch de Traubenberg e Sanglade (1984) cit in Marques (2001) criaram uma grelha de análise a partir dos conceitos de representação de si e representação de objecto, de forma a melhor aceder à compreensão da estrutura de personalidade e do funcionamento mental dos jovens adolescentes. Pouco tempo mais tarde o uso desta grelha caiu praticamente em desuso. Traubenberg cria com os seus colaboradores em 1988 uma nova grelha que designa como dinâmica afectiva, que procura dar conta do impacto que é inerente às modificações que o processo adolescente acarreta, onde os eixos de análise incluem: expressão pulsional, objectal; agressividade; narcisismo; imagem do corpo; depressão; natureza da angústia e mecanismos de defesa. Os organizadores introduzidos por esta autora – representação de si e representação das relações, permitem extrair do Rorschach uma expressão adolescente com as características de “aumento substancial da necessidade de representação da imagem do corpo, que aparece inteira mas vivida como frágil, por insegurança dos limites, com risco de ser vivido como atingido, ou

sentimentos de impotência, e uma representação das relações predominantemente especulares, relações que podem mesmo ser evitadas e onde os arranjos narcísicos chegam a cristalizar a expressão pulsional” (Marques, 2001, p. 292).

Marques (1993) cit in Marques (2001) nos trabalhos desenvolvidos procurou diferenciar a expressão feminina e masculina na puberdade e na adolescência. A autora descreve que na puberdade há uma expressão intensa da vivência emocional, assistindo-se a uma forte oscilação entre representação, investimento e natureza da relação entre interno e externo. Há nesta fase pré-adolescente uma dificuldade ao nível da identidade subjectiva, que se traduz pela vivência de uma identidade movente. No masculino a problemática incide sobre a diferenciação, que também é visível no feminino, contudo nos rapazes há um aumento da intensidade das pulsões e a oscilação entre investimento interno e externo, enquanto nas raparigas há o privilegiar do objecto externo. Na adolescência já se encontra uma melhor diferenciação interno e externo, e uma *barreira de contacto* melhor estabelecida, embora rigidificada nas suas características com recurso à contenção e retraimento. Nos rapazes emerge nesta fase a temática ligada à castração, enquanto nas raparigas emerge a importância do olhar do outro e o aumento da tonalidade depressiva.

8. Procedimentos de Análise no Rorschach

De modo a aceder à expressão da *rêverie* no Rorschach, partimos do isolamento das características do conceito que aparecem descritas na revisão de literatura realizada, de forma a determinar os procedimentos de análise Rorschach que consideramos que podem dar conta dessas mesmas características, procedendo à devida fundamentação dos elementos de análise isolados.

Posteriormente será a partir dos procedimentos de análise por nós criados, que será feita a análise cartão-a-cartão dos protocolos dos jovens pré-adolescentes e adolescentes, apresentando as características de cada um dos grupos em função também das expressões masculino e feminino.

A capacidade de *rêverie* designa um estado de **receptividade** aos conteúdos psíquicos intoleráveis do outro, permitindo a **ressonância** das suas experiências emocionais, transformando-as através da atribuição de significado e sentido emocional, permitindo a posterior **integração** da experiência no funcionamento mental. A insuficiente funcionalidade da *rêverie* pode num caso extremo conduzir à sua **inversão**, designada como *rêverie invertida*.

- **Receptividade aos objectos externos**

A capacidade de *rêverie* pressupõe uma capacidade de receptividade aos estados emocionais do outro, de ser capaz de acolher as suas vicissitudes, ainda que sejam desconhecidas e causadoras de ansiedade para o sujeito. Esta capacidade é descrita por Bion como a característica essencial do objecto continente. Um objecto continente pressupõe como características fundamentais a existência de uma delimitação permeável e flexível das suas fronteiras, garantindo a separação e comunicação entre interno e externo, entre sujeito e objecto, entre real e imaginário, protegendo o continente de ser dominado pelos conteúdos da experiência emocional do outro e pelas suas próprias experiências emocionais não desenvolvidas. Os procedimentos de análise Rorschach que consideramos que melhor podem dar conta desta característica num protocolo são:

- Pela análise dos **modos de apreensão** é possível aceder à presença ou não, de um continente com fronteiras delimitadas entre interno-externo, sujeito-objecto, real-imaginário, e presenciar as suas características de flexibilidade e permeabilidade que permitem a troca e comunicação entre estas dialéticas.

A análise de **G% dentro dos valores normativos** dá-nos conta da capacidade de inserção do sujeito numa realidade objectal diferenciada, evidenciando uma atitude activa e dinâmica de exploração dos objectos externos, o que sugere uma sensibilidade face aos mesmos (Chabert, 2003).

As respostas **G simples – G F+** testemunham a existência de um continente bem delimitado (Gavanha & Marques, 2009), que assegura a diferenciação e comunicação entre interno e externo, embora não permita o acesso ao mundo fantasmático (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009). Estes procedimentos sugerem a capacidade de figurar um objecto num envelope perceptivo (Linhares & Pinheiro, 2009).

A capacidade do sujeito para apreender a mancha em **G nos cartões I, IV, V e VI** dá-nos conta do estabelecimento de um eu estável (Chabert, 2003). Este modo de apreensão nos referidos cartões na presença de determinantes formais de boa qualidade **F+** ou de cinestésias inteiras, de qualidade **K** ou **kan** dão conta da capacidade do sujeito para se reconhecer como inteiro e diferenciado, abrindo portas para o reconhecimento do outro.

A análise de **D% dentro dos valores de referência** atesta o investimento que o sujeito realiza na realidade externa, dando conta da sua sensibilidade e curiosidade face aos objectos externos e também face aos objectos que compõem a realidade interna do sujeito (Chabert, 2003).

- No que diz respeito aos **determinantes**, consideramos que a análise do **F% dentro dos valores normativos** revela a existência de um continente bem delimitado, com fronteiras permeáveis e flexíveis que permite a elaboração dos conteúdos da experiência pela possibilidade de comunicação entre as dialéticas interno-externo (Gavanha & Marques, 2009). A análise do **F+% dentro dos valores normais** testemunha a capacidade de contenção do espaço psíquico (Gavanha & Marques, 2009).

As respostas formais de carácter impreciso **F+-** em número limitado assinalam a sensibilidade e tolerância do sujeito face aos objectos externos com características ambíguas e desconhecidos. Este procedimento dá-nos conta da curiosidade e tomada de posição activa do sujeito no conhecimento destes objectos (Gavanha & Marques, 2009).

Ao nível dos determinantes sensoriais, as respostas cor quando integradas numa forma que domine sobre o carácter sensorial do estímulo **FC** revelam-nos a existência de um continente bem delimitado, sensível aos estímulos da realidade externa, com capacidade de os conter (Chabert, 2003). No mesmo sentido, as respostas esbatimento controladas

pela forma **FE** remetem para uma atitude de perspicácia intuitiva nas relações, isto é, para uma delicadeza e sensibilidade em relação ao outro (Rausch de Traubenberg, 1970).

Os determinantes cinestésicos, em particular as cinestésias humanas e animais, inteiras e de boa qualidade, **K** e **kan** dão conta da capacidade do sujeito para se reconhecer como inteiro, isto é, para reconhecer a sua própria identidade subjectiva, o que abre portas ao reconhecimento do outro, e portanto, de manter a dialética de unidade e de separação (Chabert, 2003; Gavancha & Marques, 2009; Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

- Relativamente aos **conteúdos**, os conteúdos humanos inteiros **H** revelam o reconhecimento da própria identidade subjectiva, que como já afirma-mos, permite o reconhecimento do outro.

- Por último, a presença de elementos como **observações cor** e/ou o **aumento do número de respostas nos cartões pastel** sugere-nos por parte do sujeito uma atitude de sensibilidade aos estímulos da realidade externa (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- **Ressonância da experiência emocional**

O objecto continente, receptivo aos conteúdos da experiência externa, tem capacidade para transformar estas experiências, através de um processo de significação. A ressonância da experiência ocorre pela transformação das sensações e emoções da experiência externa em sensações e emoções dotadas de sentido e significado psíquico, nomeáveis e capazes de serem reconhecidas. Neste processo o sujeito capaz de colocar ao serviço do objecto externo a sua função α , tem capacidade para pensa-lo e sonhá-lo, entrando em contacto com os seus “pensamentos sem pensador”, da sua experiência inconsciente, o que pressupõe um contacto profundo com os pensamentos de sonho na vigília do sujeito. Não é só da alfabetização dos elementos β em α que decorre a ressonância emocional e fantasmática da experiência, mas também através da sequência de movimentos emocionais e relacionais que ocorre entre o sujeito e o objecto externo. Os procedimentos de análise Rorschach que consideramos que melhor sustentam esta característica são:

- Pela análise dos **modos de apreensão**, a presença de **G elaborados** permite apreciar por parte do sujeito o recurso a mecanismos de simbolização por emergência do imaginário e fantasmático (Chabert, 2003). Estas respostas dão-nos conta da implicação

peçoal do sujeito na criação da resposta Rorschach, utilizando as suas potencialidades criativas (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Também os **D elaborados** após uma resposta G dão-nos conta da possibilidade criativa do sujeito, do acesso ao mundo interno (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Quando o sujeito faz uma exploração minuciosa e significativa da mancha – **G → D → Dd**, preferencialmente por esta ordem, assistimos à expressão do imaginário (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Um modo de apreensão em grande detalhe associado a determinantes formais de boa qualidade – **D F+** remete para a existência de um continente capaz de transformar os conteúdos da experiência (Chabert, 2003; Gavancha & Marques, 2009), permitindo a proximidade ao fantasmático (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

- Ao nível dos **determinantes**, quando assistimos à alternância entre determinantes formais, cinestésicos e sensoriais controlados pela forma – **F, K/kan/kob/kp, FC/FE**, assistimos à expressão das características de flexibilidade e permeabilidade do espaço psíquico, isto é, a possibilidade de comunicação e troca entre mundo interno e externo (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Quando ao nível dos determinantes cinestésicos encontramos a representação de figuras humanas e/ou animais de boa qualidade – **K** e/ou **kan nos cartões bilaterais (II, III e VII)**, percebemos a capacidade do sujeito para fazer ressonância da experiência, uma vez que assistimos a um compromisso harmonioso entre real e imaginário (Linhares & Pinheiro, 2009; Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- Por fim, a análise de fenómenos como **ausência de choques, equivalentes choque e recusa**, um **número suficiente de respostas Banais**, um **débito verbal rico e elaborado e número de respostas ligeiramente superior ao normal** dá-nos conta da possibilidade de acesso ao simbólico, ao imaginário, ao verdadeiramente significativo (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Do mesmo modo, quando verificamos que a resposta Rorschach criada pelo sujeito vai ao encontro do significado simbólico da mancha, percebemos a capacidade de acesso ao fantasmático pelo sujeito (Oneto, Marques & Pinheiro 2009).

- **Integração da experiência no funcionamento mental**

Após a atribuição de sentido e significado psíquico à experiência emocional, esta tem de ser integrada no funcionamento mental para que possa ser pensada e sonhada, permitindo o crescimento e expansão mental. Com a integração da experiência no funcionamento psíquico resultam novos objectos e objectivos que vão impor a renovação da *barreira de contacto*, sendo a partir da renovação desta estrutura que ocorre a ligação, comunicação e ajustamento entre o mundo interno e externo, permitindo a coesão mental pela ligação, união e integração do antigo e do novo. Através do pensamento e do sonho as experiências actuais encontram ligação às antigas, criando-se uma continuidade onírica que preserva a coesão e a unidade mental como um todo. Ao nível dos procedimentos de análise Rorschach destacamos:

- Relativamente aos **modos de apreensão**, os procedimentos de análise que dão conta da existência de um continente bem delimitado, estável e com barreiras flexíveis e permeáveis, sugerem a existência de um espaço psíquico cuja *barreira de contacto* permite a separação e comunicação entre interno e externo, entre sujeito e objecto, permitindo a criação e re-criação de objectos pela actualização desta estrutura. Assim a existência de respostas **G F+** e **D F+** que testemunham a delimitação e integridade de um continente capaz de conter e transformar os conteúdos sem perder o controlo das percepções (Chabert, 2003) e evidencia a operacionalidade da *barreira de contacto* e a integração da experiência no funcionamento psíquico.

- Ao nível dos **determinantes**, **F%** e **F+%** dentro dos valores de referência atestam a permeabilidade do funcionamento mental, isto é, de um *continente* com barreiras flexíveis e permeáveis (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- No que diz respeito a outros elementos, quando verificamos por parte do sujeito uma **sensibilidade ao conteúdo latente**, assistimos à possibilidade de mentalização e integração da experiência no funcionamento psíquico (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- **Inversão da *Rêverie***

Quando há uma receptividade inadequada ou uma deficiente capacidade de contenção por parte do objecto continente, assistimos a uma utilização patológica da configuração *continente-*

conteúdo, que compromete o crescimento mental pela acumulação de emoções e sentimentos desintegrados e não elaborados, como consequência de uma inversão na função *rêverie*. Esta inversão pode levar ao desenvolvimento de um superego patológico, que reage com aversão a qualquer mudança no desenvolvimento da personalidade.

- Pelos **modos de apreensão**, a análise da apreensão em **G%** quando superior aos valores de referência sugere por parte do sujeito uma fuga à dor mental através de uma colagem ao saber objectivo e superficial pela ausência de investimento na realidade externa e interna (Chabert, 2003, Gavanha e Marques, 2009).

No mesmo sentido **D%** em excesso dá conta desta abordagem superficial à realidade (Chabert, 2009).

A presença de respostas **G associadas a conteúdos Ban** remete para a ausência de esforço pessoal do sujeito na elaboração da experiência (Chabert, 2003).

- Os **determinantes** formais **F%** quando superiores aos valores de referência evidenciam a ausência de flexibilidade e permeabilidade do funcionamento mental do sujeito, pela existência de um continente com barreiras rígidas que negligencia os afectos e impede a elaboração de novos sentidos e significados, não havendo ressonância da experiência. O investimento excessivo ao nível dos limites revela uma frágil capacidade de mentalização e pobreza fantasmática (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

As respostas formais de carácter impreciso **F** – em excesso remetem para a acumulação de estados emocionais intoleráveis que o sujeito não tem capacidade de pensar, de fazer ressonância.

Os determinantes sensoriais **Cor**, quando ausentes, dão conta de um continente com barreiras demasiado rígidas que impede a emergência dos afectos e das vivências do sujeito, o que remete para a dificuldade do sujeito para pensar o seu mundo interno e o mundo externo (Chabert, 2003). O aparecimento de respostas esbatimento de difusão **EF** dá-nos conta da sensibilidade do sujeito a tudo o que tem ausência de limites, ao que é fluído e que muda (Chabert, 2003). Estas respostas comportam uma imprecisão por carências de firmeza, de solidez dos elementos que a qualquer momento se podem dissolver. Através dos EF o sujeito experimenta a sua sensibilidade interior e a sua própria fragilidade (Rausch de Traubenberg, 1970). As respostas EF sugerem sensibilidade à mudança e à transformação.

Ao nível dos determinantes Cinestésicos, a presença de respostas **kob** assinala a descarga pulsional em detrimento da procura de um objecto (Chabert, 2003). O sujeito adopta uma

atitude desprovida da procura do outro, onde a dimensão relacional é relegada por privilégio da dimensão pulsional. Existe dificuldade de mentalização, e como tal assiste-se a uma acumulação de estados emocionais indefinidos.

- A análise dos **conteúdos** animais **A% acima dos valores normativos**, remetem para uma defesa contra a relação, que impede o recurso ao imaginário (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

- Relativamente a outros elementos, como a presença de **recusas e de choques**, permitem dar conta de fenómenos internos que o sujeito não consegue transformar, de tensões internas que não o permitem elaborar as experiências emocionais. Também a **insensibilidade ao conteúdo latente** remete para a impossibilidade de transformação da experiência por recurso ao imaginário (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Na tabela seguinte encontramos uma síntese dos procedimentos de análise Rorschach isolados em função das características da *rêverie*.

Procedimentos de Análise <i>Rêverie</i> no Rorschach		
Teoria	Técnica	
Receptividade aos objectos externos	Modos de Apreensão	- G% dentro dos valores normativos (20-30%) - Respostas G simples – G F+ - Presença de respostas G nos cartões I, IV, V e VI, associados a determinantes F+, K e kan - D% dentro dos valores normativos (60-68%)
	Determinantes	- F% dentro dos valores normativos (50-70%) - F+% dentro dos valores normativos (80-85%) - Respostas F+- em número limitado - Respostas sensoriais determinadas pela forma FC e FE - Respostas cinestésicas K e kan de boa qualidade
	Conteúdos	- Conteúdos humanos H
	Elementos qualitativos	- Observações cor - Aumento do número de respostas nos cartões pastel VIII, IX e X
Ressonância da experiência emocional	Modos de Apreensão	- Respostas G elaborados - Respostas D elaborados - Exploração da mancha em G-D-Dd - Respostas D F+
	Determinantes	- Alternância entre respostas F, K/kan/kp/kob, FC, FE - Respostas cinestésicas K ou kan nos cartões II, III e VII

	Elementos qualitativos	- Ausência de fenómenos Choque, Equivalente Choque e Recusas - Respostas Banais em número limitado - Debito verbal rico e elaborado - Número total de respostas ligeiramente superior ao normal (20-30)
Integração da experiência no Funcionamento Mental	Modos de Apreensão	- Respostas G associadas a determinantes F+, K e kan - Respostas D associadas a determinantes F+, K e kan
	Determinantes	- F% dentro dos valores normativos (50-70%) - F+% dentro dos valores normativos (80-85%)
	Elementos qualitativos	- Sensibilidade ao conteúdo latente
Inversão <i>Rêverie</i>	Modos de Apreensão	- G% superior aos valores normativos (30%>) - D % superior aos valores normativos (68%>) - Respostas G associadas a conteúdos Banais
	Determinantes	- F% superior aos valores normativos (70%>) - Excesso de respostas F- - Ausência de respostas C, CF, FC - Respostas EF (esbatimento de difusão) - Respostas kob
	Conteúdos	- A% superior aos valores normativos (50%>)
	Elementos qualitativos	- Presença de fenómenos Choque, Equivalente Choque e Recusas

Tabela 1. Procedimentos de análise no Rorschach

9. Apresentação e Análise dos Dados Rorschach

Inauguramos neste ponto a tarefa de atribuição de sentido(s) e significado(s) às expressões dos grupos pré-adolescente e adolescente em estudo, através da leitura dos protocolos em articulação com os procedimentos de análise Rorschach isolados para o efeito.

9.1. Análise Cartão-a-cartão

- **Puberdade**

- **Feminino**

No **cartão I**, verificamos por parte das raparigas que ambas têm capacidade para estruturar a realidade externa através da referência a uma imagem interna, associada a um engrama formal de boa qualidade formal, o que testemunha a qualidade perceptiva das jovens inserida na realidade, garantindo o carácter adaptativo do funcionamento mental. A expressão da *rêverie* surge através das respostas G associadas a F+ que testemunha a existência de um continente que permite a transformação da experiência, fundada no mecanismo de identificação projectiva, com capacidade para conter os conteúdos, sem perder o controlo das percepções, assistindo-se à operacionalidade da *barreira de contacto*. A resposta Gbl presente no protocolo da Maria evidencia a fragilidade dos limites do continente, uma vez que se verifica uma confusão entre sujeito e objecto. Esta fragilidade também é evidente no protocolo da Inês pela resposta “*escaravelho*” – resposta *pele* que tenta colmatar a fragilidade existente ao nível dos limites dentro/fora. Tendo em conta que este cartão remete para o contacto com uma situação nova e desconhecida, verificamos que as jovens revelam capacidade para transformar a experiência emocional.

No **cartão II** há uma tentativa de conter a angústia suscitada por este cartão, através de uma defesa maníaca por parte da Maria. Tanto a Maria como a Inês apresentam uma dificuldade de contenção dos movimentos pulsionais, contudo a Maria é capaz de retardar a descarga pulsional, elaborando num primeiro momento a solicitação relacional latente do cartão – “*Dois elefantes a darem um beijinho*” – o que sugere a existência de um espaço psíquico que permite a ressonância da experiência emocional através da proximidade que permite ao imaginário. Esta representação da relação dá conta de uma imaturidade afectiva, pelo deslocamento de uma relação libidinal para um conteúdo animal. A Inês faz uma descarga pulsional imediata, que compromete de seguida a elaboração da experiência emocional. O facto de ambas atenderem aos

detalhes vermelhos, sugere por parte das jovens uma sensibilidade aos estímulos da realidade externa.

Surge no **cartão III** novamente por parte da Maria uma defesa maníaca, como forma de conter a angústia. Ao contrário do que aconteceu no cartão anterior, os detalhes vermelhos são interpretados, mas através do mecanismo de isolamento dos afectos, em que as representações significativas são substituídas por conteúdos banais – *“Laço”*. A Inês revela uma inibição na abordagem do cartão fornecendo apenas a banalidade ligada aos detalhes negros, o que sugere a capacidade para reconhecer a sua própria identidade, embora num registo de indiferenciação sexual – *“Duas pessoas, um casal”*. Embora a cinestesia seja Banalidade neste cartão, a Maria representa a relação em interacção, através de uma cinestesia de boa qualidade e diferenciada, o que testemunha a capacidade do continente para pensar a experiência emocional e elaborar os conflitos, pela existência de uma *barreira de contacto* permeável e flexível que permite a expressão do imaginário. A fragilidade ao nível dos limites e da capacidade de contenção do continente evidenciada pelo cartão anterior, surge também neste cartão através da procura de limites surgindo a necessidade de unir e de ligar o que está disperso – *“Duas pessoas com um coração no meio”*, *“Duas pessoas a trabalhar unidas (...) o laço entre elas”*.

No **cartão IV** verificamos por parte da Inês uma atitude de submissão ao impacto da mancha, permitindo a emergência fantasmática, contudo revela capacidade de integrar a angústia interna sentida num continente, ao paço que a Maria elabora o conteúdo latente desvitalizando o carácter potente e de força do cartão através de um conteúdo Vest.

Vemos no **cartão V** que as duas jovens reconhecem a imagem como inteira, sugerindo a capacidade de se representarem como objecto total numa realidade objectal diferenciada – *“Isto é que faz parecer mesmo um morcego”*, *“Borboleta”*. A Inês revela apesar de tudo uma precaução verbal na interpretação do cartão. No protocolo da Maria encontramos uma representação de si fragilizada – *“Borboleta com as asas rasgadas”*, dando conta de um atingir da identidade corporal.

Na abordagem ao **cartão VI** a Maria apresenta uma atitude de inibição e apenas consegue interpretar um detalhe da mancha, o que assinala apesar de tudo uma certa sensibilidade às características ambíguas e desconhecidas do estímulo que procura conhecer. A Inês consegue elaborar a experiência emocional e revela sensibilidade ao carácter esbatido do estímulo, surgindo uma resposta esbatimento – *“Uma cova”*.

Face à solicitação relacional do **cartão VII** a Maria recorre novamente a uma defesa maníaca, tal como aconteceu nos dois cartões precedentes que apelam à dimensão da relação. As suas respostas são respostas especulares *“Duas bailarinas (...) gémeas”* *“É como se fosse um espelho”* que surgem para negar o movimento projectivo, contudo aparecem cinestésias K de boa

qualidade através da evocação de posturas de relação, o que testemunha a capacidade do continente para fazer ressonância da experiência emocional e de elaborar os conflitos internos. A *barreira de contacto* assegura a separação entre mundo interno e externo, ao mesmo tempo que assegura a comunicação entre eles, permitindo a emergência de representações inconscientes. O aparecimento de conteúdos H sugere a capacidade para reconhecer a sua própria identidade subjectiva, que abre portas ao reconhecimento do outro, embora com características especulares. Por sua vez a Inês não é capaz de elaborar as solicitações deste cartão, surgindo uma restrição na sua interpretação que se caracteriza por uma atitude regressiva através de um conteúdo infantilizado - *"Bugs-Bunny"*.

A introdução dos tons pastel no **cartão VIII** demonstra por parte das jovens uma sensibilidade aos novos estímulos da realidade externa, visível através da observação cor da Maria - *"Esta tem cores"* e da integração da cor nas respostas fornecidas, emergindo as representações afectivas ligadas a conteúdos regressivos Bot - *"Floresta"*, *"Reflexo na água"* - há uma instabilidade ao nível dos afectos, que não são contidos pelo continente, que por sua vez não é capaz de transformar os conteúdos da realidade externa pela intoxicação que provocam no espaço psíquico, que impedem a elaboração e que conduzem a um acumular de estados emocionais indefinidos, visíveis através da intensidade das pulsões internas no protocolo da Maria através de uma cinestesia kob.

Verificamos no **cartão IX** uma grande desorganização com o aparecimento de cinestésias K de má qualidade, o que sugere a dificuldade do continente para conter e elaborar conteúdos e experiências ligadas à regressão. A fragilidade dos limites do continente é evidente através de respostas especulares - *"Bebés siameses"*.

Face à dispersão do **cartão X**, há por parte das jovens uma tentativa de integração dos vários detalhes num mesmo cenário, negando ainda o carácter disruptivo da perda através de um cenário agradável - *"Parece Paris"*, *"Parece um mundo cheio de criaturas mágicas"* - é visível a necessidade de evocar um continente que reúna e integre as partes dispersas e desintegradas da experiência. Novamente assiste-se à representação da afectividade com a integração da cor nas respostas, contudo há uma dificuldade em conter as dimensões afectivas e o continente é invadido, não sendo capaz de transformar a experiência o que conduz à descarga pulsional.

- Masculino

No **cartão I** assistimos a diferentes condutas nos rapazes na abordagem deste cartão. O modo de apreensão dominante é em D o que sugere uma dificuldade em estruturar o todo a partir da referência a uma imagem interna. Os novos objectos pelo seu carácter desconhecido

provocam uma atitude de inibição na exploração e elaboração da experiência, porque o novo é temido e inquietante e evidencia as fragilidades internas, surgindo a necessidade de evocar figuras potentes – “*Demónios*”, “*Bonecos tipo dragões*”. Apenas o Ivo revela capacidade para conter os conteúdos da experiência e elaborá-los – “*Uma águia*”, “*Uma abelha*”, e a angústia suscitada pelo desconhecido é contida num continente – “*Monstro*”. Verifica-se de um modo geral a inexistência de um espaço psíquico capaz de conter e de fazer ressonância da experiência emocional. No protocolo do Fábio é evidente um grande fechamento do jovem sobre si próprio, através de conteúdos Anat que remetem para o interior do corpo.

Através do **cartão II** os jovens revelam capacidade para conter e elaborar as dimensões afectivas e pulsionais – “*Um coração*”, “*Lagosta*”, cuja articulação de um determinante sensorial com um engrama formal que domina sobre a sensação, revela uma dimensão subjectiva e assegura a função adaptativa. Estas respostas sugerem a existência de um continente com sensibilidade aos estímulos do meio, capaz ainda de os transformar sem por eles se deixar invadir. Por outro lado, também é visível uma certa flexibilidade do espaço psíquico, quando surgem respostas Cor puras no protocolo do Ivo – “*Sangue*”, seguida de uma procura de limites, de um continente que contenha esta dimensão mais pulsional, através da resposta *pele* – “*Lagosta*”, cujos limites entre interno e externo são bem marcados. No protocolo do Fábio encontramos neste cartão características da inversão da *rêverie*, uma vez que continuamos a assistir a uma conduta muito fechada sobre si mesmo, cuja expressão das dimensões pulsionais surge privilegiada em detrimento da procura de relação. A resposta esbatimento que surge no seu protocolo – “*Aqui umas partes pretas parece o fumo que está a sair*”, dá conta de um sensibilidade à transformação e à mudança, pela sensibilidade ao que é ausente de limites. Apenas o Hélder vai ao encontro da solicitação relacional latente deste cartão, conseguindo elaborar a experiência através de uma dimensão mais subjectiva, de maior implicação pessoal – “*Dois pessoas de joelhos*”, contudo há da sua parte um evitamento dos detalhes vermelhos, o que revela uma fuga à dor mental.

No **cartão III** verificamos que o Fábio mantém uma conduta de fechamento sobre si próprio, apresentando uma grande dificuldade em elaborar a experiência emocional, visível através do grande número de respostas de má qualidade formal, assinalando a acumulação de estados emocionais indefinidos – “*Pulmão*”, “*Ossos*”. No seu protocolo encontramos uma grande procura de limites do espaço psíquico, que se revela insuficiente na contenção dos elementos dispersos e desintegrados e que não permite uma delimitação entre mundo interno e externo – “*Parecem os países e os continentes do Mapa Mundo (...) unidos e as fronteiras*” – as fronteiras que separam e possibilitam a diferenciação de cada um, mas unidos, possibilitando as trocas e a comunicação. O Hélder e o Ivo conseguem elaborar a solicitação latente – “*Pessoas a falarem*”, “*Parece uma senhora*

com uma mala a ver-se ao espelho”, assistindo-se à capacidade de contenção e de ressonância do espaço psíquico. O Hélder á semelhança do cartão anterior faz um evitamento perceptivo dos detalhes vermelhos, sugerindo a dificuldade em elaborar as dimensões pulsionais e afectivas. Por outro lado o Ivo interpreta os detalhes vermelhos mas através de um apego à realidade, às formas de forma a evitar a emergência das dimensões projectivas.

Na interpretação do **cartão IV** os jovens revelam uma atitude de inibição na abordagem deste cartão face ao seu simbolismo latente. O Ivo revela capacidade de contenção dos conteúdos da experiência e consegue elaborá-los, contudo recorre a conteúdos Vest desvitalizando a imagem. O Fábio revela novamente uma sensibilidade ao carácter disfórico da mancha – *“Parece um monstro”* e à ausência de limites – *“Faz-me lembrar o fumo a sair das fábricas”*, em que a elaboração da experiência surge comprometida, tal como acontece no protocolo do Hélder – *“Uma espécie de rio dividido em três”*.

No **cartão V** ambos conseguem representar-se como objectos internos e diferenciados em relação ao meio, o que sugere um carácter adaptativo do funcionamento mental e o sentimento de pertença a um grupo humano, com delimitação do espaço psíquico, capaz de conter e fazer ressonância dos conteúdos da experiência emocional. Apenas o Hélder revela uma confusão identitária – *“Pessoa com asas”*, o que dá conta de uma contaminação do continente pelos conteúdos da experiência emocional.

Através do **cartão VI** surge privilegiada pelos jovens a dimensão pulsional, pelo aparecimento das respostas kob – *“Vulcão”*, *“Míssil a sair do meio do fumo”*, o que revela uma dificuldade para pensar e elaborar nas problemáticas sexuais que apela este cartão, assistindo-se a uma inversão da função *rêverie*, pela atitude de fechamento existente que impede a receptividade dos conteúdos da experiência e a sua elaboração. Quando há capacidade para elaborar as solicitações latentes assiste-se a uma desvitalização da imagem através de um conteúdo Obj.

No **cartão VII** o Hélder e o Ivo conseguem elaborar as solicitações latentes deste cartão – *“Uma senhora”*, *“Duas pessoas”*, revelando a capacidade do continente em conter e em fazer ressonância dos conteúdos do exterior. Á semelhança do que aconteceu anteriormente, no cartão de apelo à relação, o Fábio procura o estabelecimento de limites, assistindo-se a um vaivém, entre limites difusos e limites flexíveis e permeáveis – *“Animais”*, *“Países ligados pelas fronteiras”*, *“Nuvens”*, que conduz ao erguer de uma fortaleza que impede o sujeito da invasão pela realidade externa – *“Castelo”*. Face à frágil delimitação do espaço psíquico do Fábio, a sua elaboração da experiência surge comprometida.

No **cartão VIII** o reconhecimento da Banalidade associada aos detalhes laterais do cartão assinala a capacidade de contenção do espaço psíquico, mas a elaboração da experiência ocorre

por uma imprecisão – *“Animais”*. O Hélder revela neste cartão uma fragilidade ao nível da integridade do continente que não permite uma clara diferenciação entre sujeito e objecto, assistindo-se a uma confusão entre eles através do aparecimento de uma resposta Gbl, que assinala ao mesmo tempo a procura por uma unidade corporal. Os tons pastel que aparecem a partir deste cartão não são integrados nas respostas, o que sugere uma insensibilidade às dimensões afectivas que se encontram contidas.

No **cartão IX** apenas o Hélder e o Fábio conseguem aceder à solicitação regressiva deste cartão, através da elaboração da experiência através de conteúdos aquáticos.

Através do **cartão X** verificamos a capacidade do espaço psíquico do Hélder e do Ivo para acolher os elementos dispersos da experiência e elaborá-los, dotando-os de significado psíquico. No protocolo do Fábio a dispersão leva novamente à procura de limites e de um continente capaz de conter a experiência – *“Dois países”* e de permitir a comunicação, ligação e troca entre mundo interno e externo – *“Ponte”*, contudo estes limites são frágeis e não contêm, deixando ver os seus constituintes – *“Ossos”* e deixando-se invadir pelos conteúdos externos – *“Parece uma central que parece estar a ser atacada”*, impedindo a transformação da experiência.

- **Adolescência**

- **Feminino**

No **cartão I**, na entrada para a nova situação, no contacto com o desconhecido as jovens são capazes de organizar a experiência a partir da referência a uma imagem interna inteira. A Ana revela um apego à realidade, elaborando a experiência a partir dos contornos formais, surgindo o conteúdo animal banal do cartão – *“Borboleta”*. A Rita num primeiro momento também investe na forma, embora imprecisa e tenta impedir a emergência da dimensão projectiva através de defesas rígidas, que se mostram ineficazes e a projecção tende a impor-se surgindo cinestésias de má qualidade e respostas que dão conta da dificuldade de elaboração dos conteúdos da realidade externa. Ambas revelam a existência de um continente que apresenta algumas fragilidades ao nível da delimitação interno/externo, sujeito/objecto, assistindo-se a uma confusão entre sujeito e objecto visível através da resposta Gbl no protocolo da Rita.

No **cartão II** que faz apelo á relação consigo e com o(s) outro(s) verificamos por parte das jovens um retraimento nas relações. A Ana tem uma atitude de fechamento sobre si própria, surgindo respostas de conteúdo Anat – *“Pulmões”*, e respostas especulares – *“Um espelho”*, como defesa contra uma emergência mais projectiva e significativa que ela estanca através do bloqueio do processo associativo – *“Não consigo ver mais nada daqui”*. A Rita por outro lado representa a

relação – *“Dois coelhos”* mas não há interação, há uma atitude de passividade e de uma certa submissão na relação com o outro – *“Parece que estão de joelhos”*. Os conteúdos Ad e Hd assinalam a dificuldade na relação com o outro, que é procurado, mas cujo estabelecimento da relação é difícil. Os tons vermelhos não são integrados nas respostas, embora interpretados, o que assinala a dificuldade em pensar a experiência emocional, ligada às dimensões pulsionais e agressivas. Novamente a presença de respostas Dbl evidencia a confusão entre sujeito e objecto, colocando em causa a integridade dos limites do espaço psíquico.

No **cartão III** a Rita faz uma abordagem de forma superficial e banal, evitando uma vez mais a elaboração da experiência emocional ligada aos detalhes vermelhos, preferindo refugiar-se da dor mental através do apego à realidade, às formas. Quando emerge a dimensão projectiva cria-se um cenário de destruição e morte – *“Um pássaro a cair (...) está morto”*. A Ana apresenta uma grande dificuldade em elaborar a experiência ligada ao relacional, a sua atitude é novamente de fechamento sobre si própria, contudo a sua resposta – *“Útero”* representa um continente, onde ocorrem trocas e onde há protecção contra os perigos e ameaças do exterior, ao mesmo tempo representa uma relação simbiótica onde não há diferenciação entre um e outro. Os elementos vermelhos são evitados, não há capacidade para elaborar o pulsional.

No **cartão IV** ambas demonstram o impacto negativo provocado pela mancha. Da parte da Rita assistimos a uma desorganização através da emergência da dimensão projectiva. A Ana face ao carácter disfórico do cartão não consegue num primeiro momento lidar com a angústia que este lhe suscita, conseguindo elaborar a experiência surgindo a resposta *“Árvore”*, símbolo de potência, de vida, tentando negar o impacto angustiante, contudo este é mais forte e acaba por emergir através da resposta *“Monstro”*.

Através do **cartão V** as duas jovens demonstram ser capazes de se representar como inteiras numa realidade objectal, atestando a capacidade do continente de delimitar o mundo interno do mundo externo, o mundo real do mundo imaginário e consequentemente, havendo reconhecimento da identidade subjectiva. A representação identitária da Rita surge fragilizada, dando conta de um atingir da identidade – *“Borboleta meio esquisita”*, o que sugere a existência de uma fragilidade interior. O mesmo se pode afirmar em relação à Ana, que apresenta uma defesa narcísica neste cartão, que sugere a necessidade de ser investida.

Na interpretação do **cartão VI** ambas conseguem elaborar os conteúdos do estímulo, sugerindo a capacidade do continente para conter e elaborar a experiência emocional. Apenas a Rita revela alguma dificuldade através de respostas imprecisas, que apesar de tudo é notória a sua sensibilidade aos detalhes ambíguos e desconhecidos do estímulo que procura conhecer. A Ana deixa transparecer a fragilidade do continente através de uma resposta *pele* – *“Uma tartaruga”* que

pelos seus limites rígidos permite a clara distinção entre interno e externo e que permitem proteger o espaço psíquico da invasão pelos estímulos externos, contudo não permite uma flexibilidade e permeabilidade do espaço psíquico, condenando a ressonância emocional.

No **cartão VII** verificamos que graças à resposta *pele* que a Ana deu no cartão anterior, consegue elaborar os conteúdos da experiência e há novamente evocação da representação de um continente – *“Isto pareceu um útero”*. A relação surge representada através de uma atitude de passividade, ausente de acção, o que demonstra pouco investimento na dimensão relacional e na procura activa de estabelecer relações profundas com o outro – *“Dois bebés, um de cada lado”*. O mesmo acontece no protocolo da Rita, onde se releva a capacidade do espaço psíquico para acolher e elaborar os conteúdos da experiência, contudo novamente surge a fragilidade dos limites deste espaço que leva à confusão entre sujeito e objecto, visível através de uma confusão identitária – *“Cão com uma cara de elefante”*, comprometendo a elaboração. Surge a primeira resposta sensorial no protocolo da Rita, uma resposta FE que pressupõe da sua parte uma sensibilidade ao estímulo, às vicissitudes do outro.

O **cartão VIII** pressupõe-se uma mudança pela introdução dos tons pastel, que remetem para afectividade e para as trocas com o mundo, havendo naturalmente uma complexificação da realidade do estímulo. Verificamos que tanto uma como a outra têm uma atitude de fechamento sobre si próprias, a Ana através de respostas de conteúdos Anat e a Rita através de conteúdos Hd. Ambas referem como resposta do conteúdo banal – *“Camaleão(ões)”*, animal peculiar em relação às suas características e à forma como se relaciona com o meio, uma vez que é um animal mutável e maleável às características do meio, que facilmente se confunde com este, passando despercebido, não se diferenciando. Ao nível da relação das jovens com o mundo, esta resposta sugere a indiferenciação que elas vivem em relação à realidade objectal, não procurando o estabelecimento de relações profundas pela confusão que pode ocorrer entre elas e o(s) outro(s), porque o espaço psíquico ainda não atingiu a diferenciação necessária, os limites ainda são difusos – *“Fantasma”*, *“Bicho”*.

No **cartão IX** ambas revelam uma atitude de maior implicação pessoal na abordagem da mancha surgindo uma cinestesia animal nos dois protocolos. Aparece neste cartão uma fragilidade ao nível dos limites, que aparecem vagos, dando conta da frágil delimitação do continente, contudo verificamos uma atitude de sensibilidade aos estímulos ambíguos que as jovens procuram conhecer. No protocolo da Rita há uma exploração minuciosa dos detalhes do cartão, contudo a elaboração surge comprometida. No protocolo da Ana há o privilegiar da dimensão pulsional, em detrimento da procura da relação.

A partir do **cartão X** encontramos condensado um pouco do que encontramos ao longo dos protocolos das duas jovens. A Ana projecta as suas ansiedades não elaboradas no exterior – “*Aranhas*” e de seguida tem uma atitude de fechamento sobre si própria, através de conteúdos Anat, que remetem para um egocentrismo, que não permite trocas entre ela e o meio, que poderiam ser proveitosas no sentido de lhe permitirem fazer a ressonância da sua experiência. Face à angústia que sente pelo acumular de estados emocionais não elaborados, a jovem defende-se recorrendo a uma defesa maníaca – “*Cara com um sorriso*”, e estanca o processo associativo para impedir a emergência de representações mais implícitas – “*Acho que não consigo ver mais nada*”. Por sua vez a Rita demonstra alguma dificuldade em elaborar a perda, visível através da produção numerosa. Assiste-se a uma oscilação entre os movimentos de contenção e elaboração pelo continente e o testar dos seus limites, ainda um pouco difusos, mas que não impedem uma atitude de sensibilidade ao desconhecido e de procurar conhecê-lo. Surge ainda neste cartão a única resposta Cor da Rita em todo o protocolo, uma resposta FC – “*Um gafanhoto (por causa da cor, por ser verde)*” o que sugere uma grande inibição da afectividade, que se encontra extremamente contida.

- Masculino

No **cartão I**, no contacto com o desconhecido os jovens demonstram sentimentos de estranheza e de inquietação transmitidos pelas características desconhecidas dos novos objectos – “*Isto é estranho*”, “*É escuro (...) parece um pouco sombrio*”, apresentando algum receio e inibição na abordagem dos objectos externos. No geral os jovens evidenciam dificuldade em estruturar e organizar a realidade externa através da referência a uma imagem interna, apenas o Bernardo o consegue fazer, através da evocação de um símbolo protector – “*Dois anjos*”. A elaboração da experiência faz-se por referência ao conteúdo banal do cartão. O espaço psíquico dos jovens revela fragilidades ao nível dos limites – “*Nuvens*”, “*Insecto*”. Assiste-se neste cartão a uma luta contra uma implicação mais pessoal por parte dos jovens, através do bloqueio do processo associativo – “*Acho que é só*”.

Aparece expressa no **cartão II** uma fragilidade ao nível da integridade corporal, que é necessária colmatar, surgindo uma globalização excessiva no protocolo do Tiago. A dimensão pulsional aparece expressa no protocolo do Sérgio – “*Sangue*”. É notória uma procura activa do outro, mas cuja relação é custosa – conteúdos Hd. A representação da relação surge representada no protocolo do Sérgio através de um conteúdo Animal, sugerindo alguma imaturidade na elaboração da solicitação – “*Parecem dois cães*”.

No **cartão III** face à solicitação relacional num contexto agressivo/libidinal, o Tiago recorre a uma defesa maníaca para conter a angústia que o cartão lhe suscita. Encontramos a banalidade do cartão – *“Duas pessoas”* num registo de indeterminação sexual e de passividade na relação, apenas no inquérito o Sérgio acrescenta identidade sexual às personagens através da percepção dos atributos – *“Duas senhoras porque têm saltos altos”*. O Tiago denuncia uma incompletude da mancha, sinal da uma integridade corporal com falhas – *“Aqui as pernas, falta uma”*. As dimensões pulsionais são contidas e elaboradas com recurso ao formal e associadas a conteúdos banais. No protocolo do Bernardo encontramos uma atitude de fechamento sobre si próprio através de conteúdos Anat.

Verificamos no **cartão IX** uma submissão ao impacto da mancha pelo Bernardo – *“Um gigante”* e de seguida desvitaliza o seu impacto através de um conteúdo objecto – *“Taça”*. O Sérgio revela uma grande sensibilidade aos limites e a fragilidade do espaço psíquico evidencia-se *“Mar”*. O Tiago consegue elaborar a solicitação latente através de um símbolo de potência – *“Javali”*.

Através do **cartão V** os jovens revelam capacidade para se representarem inteiros face à realidade objectal onde se inserem – *“Parece um pássaro”, “Borboleta”, “Um morcego”*. Contudo o Bernardo revela uma fragilidade identitária devido ao carácter difuso desta – *“Nuvens”*.

No geral há capacidade para elaborar a experiência do **cartão VI**, contudo os jovens apresentam uma inibição na sua exploração, impedindo o processo associativo através de defesas rígidas – *“Não me faz lembrar mais nada”*. O Bernardo revela um comprometimento na elaboração pela desorganização que ocorre – *“Bocado de carne a ser queimado”*.

No **cartão VIII** com a introdução dos tons pastel assistimos a uma mudança, aparece a expressão, em boca escassa, da afectividade – *“Colorida, mais alegre”* e a introdução da cor associada a conteúdos regressivos – *“Árvore”, “Relva”*, onde a expressão da afectividade domina sobre a forma, revelando a ausência de contenção das dimensões afectivas e a sensibilidade do continente aos estímulos da realidade externa. As falhas na integridade corporal aparecem no protocolo do Bernardo através de uma globalização excessiva. O Bernardo mantém ainda uma atitude de fechamento sobre si próprio e evoca objectos continentes para esconder as fragilidades do espaço psíquico – *“Armadura”, “Roupa”*, mas nem assim consegue elaborar a experiência.

No **cartão IX** encontramos expressões múltiplas, o Tiago demonstra a existência de pressões internas muito intensas que impedem o processo associativo, surgindo uma recusa à elaboração do cartão – *“Não consigo ver...”*. O Bernardo por sua vez não consegue elaborar a experiência, assistindo-se a uma desorganização perceptiva. No protocolo do Sérgio assistimos à expressão das pressões internas – *“Chamas”, “Água”*.

A dispersão do **cartão X** causa impacto nos jovens, o Tiago continua a evidenciar pressões muito intensas que o impedem de interpretar o cartão, sugerindo a incapacidade para conter os vários elementos da experiência. O Sérgio reconhece a dificuldade face ao desconhecido e à dispersão do cartão – “*É complexo*” mas revela sensibilidade às suas características, procurando conhecê-las, embora a elaboração surja comprometida pela ausência de contenção da afectividade. O Bernardo consegue organizar-se face à dispersão e revela capacidade para restaurar todo o seu percurso pela situação Rorschach, procurando num primeiro momento organizar os vários elementos num mesmo cenário – “*Órgãos do ser humano*”, embora se continuem a evidenciar as falhas do continente – “*Teias de aranha*”.

9.2. Síntese dos Resultados

Puberdade – Feminino

As raparigas revelam sensibilidade aos estímulos da realidade externa, contudo a sua abordagem dos objectos que a compõem ocorre de forma concreta e superficial. Apesar disso, no contacto com estes objectos, as jovens púberes revelam capacidade para estruturar a realidade externa a partir da referência a uma imagem interna, uma vez que ambas se reconhecem como objectos inteiros e diferenciados face à realidade objectal em que se inserem (cartão I e V). A representação de si da Maria surge no entanto fragilizada – *“Borboleta com asas rasgadas”*, o que dá conta de um atingir da identidade corporal e da existência de falhas ao nível da integridade corporal (Gbl cartão I). Verificamos ainda que a Maria tem uma atitude de tomada de uma posição identificatória feminina – *“Duas mulheres”*, *“Duas bailarinas”* e que procura activamente a sua identidade – H%. Por sua vez, a Inês revela capacidade para reconhecer a sua própria identidade subjectiva mas mantém um registo de indiferenciação sexual. O reconhecimento da própria identidade subjectiva abre portas ao reconhecimento do outro e à tolerância e sensibilidade às suas vicissitudes. Verificamos nos protocolos das raparigas que o outro surge com características especulares – *“Duas bailarinas”*, *“Bebés siameses”* e a representação da relação aparece num registo de passividade, sem interacção entre as personagens.

A análise geral dos protocolos evidencia a existência de um continente que apresenta uma fragilidade ao nível dos seus limites, havendo necessidade por parte das jovens de evocar um continente com barreiras estáveis e claramente delimitadas entre interno/externo, sujeito/objecto, real/imaginário, através de respostas *pele* – *“Bailarinas”*, *“Escaravelho”*, *“Botas”*. Do mesmo modo, encontramos tentativas de (re)unir e ligar o que está disperso – *“Duas pessoas a trabalhar unidas”*, *“Duas pessoas com um coração no meio”*. Face à dispersão do cartão X é notória esta mesma atitude – *“Parece Paris”*, *“Parece um mundo cheio de criaturas mágicas”*.

A frágil delimitação do espaço psíquico leva por vezes a confusões entre sujeito e objecto – Gbl, e conduz inevitavelmente a falhas ao nível da capacidade de contenção, principalmente das dimensões pulsionais – *“Sangue”* e das dimensões afectivas – C, CF, EF, que ao não serem contidas também não são elaboradas, assistindo-se à invasão do continente pelos conteúdos da experiência. Face à ausência de ressonância destas dimensões há um acumular de estados emocionais intoxicados que, ao não serem mentalizados, levam ao aumento das pulsões internas que expressam de forma impulsiva e agida – *“Vulcão a entrar em erupção”*, *“Flor a deixar cair as pétalas”*.

Concluimos portanto, que as jovens púberes apresentam um continente com fragilidades na delimitação interno/externo, sujeito/objecto, real/imaginário, embora haja receptividade e sensibilidade das jovens às características dos novos objectos, sendo esta a característica essencial de um objecto continente. Contudo, a abordagem destes objectos só pode ser de forma superficial e objectiva, porque uma implicação mais profunda poderia conduzir a uma confusão entre sujeito e objecto, pelo defeito dos limites do espaço psíquico. As principais falhas de contenção do continente ocorrem em relação às dimensões pulsionais e afectivas, que ao não serem pensadas são agidas e tornam o espaço psíquico vulnerável à invasão pelos conteúdos da realidade externa e interna do sujeito. Podemos perceber então que neste grupo, a função *rêverie* face à elaboração das dimensões pulsionais e afectivas não se mostra suficientemente actuante na ligação entre a experiência externa e o mundo interno do sujeito, uma vez que estas dimensões invadem o espaço psíquico, pela impossibilidade de contenção do aparelho mental, comprometendo a ressonância emocional.

Por outro lado, quando o continente demonstra capacidade para conter e elaborar os conteúdos da experiência, e quando as jovens face à fragilidade dos limites do espaço psíquico evocam objectos continentes através de respostas *pele*, assistimos à operacionalidade da *barreira de contacto* nas suas funções de separação e comunicação entre mundo interno e externo, pela possibilidade das jovens entrarem em contacto com as suas experiências inconscientes, com os seus pensamentos recalcados, que lhe permitem atribuir à nova experiência um sentido e significado. Verificamos que neste grupo a função *rêverie* é actuante quando o espaço psíquico consegue manter uma delimitação entre mundo interno e externo, com distinção entre sujeito e objecto, actuando a *rêverie* como ponte comunicante e ligante da realidade externa e interna das jovens, emergindo desta comunicação a criação de novos objectos e a recriação dos objectos antigos pela renovação da *barreira de contacto*.

Puberdade – Masculino

O carácter ambíguo e desconhecido dos novos objectos provoca nos jovens púberes uma atitude de inibição na sua exploração, porque estes novos objectos pelas suas características são temidos e inquietantes, uma vez que evidenciam as fragilidades internas dos jovens. Verificamos no geral uma atitude de inibição e de ancoragem ao real, de investimento nos limites na abordagem à realidade externa – F%, respostas *pele*: “*Lagosta*”, “*Sapatos*”, conteúdos Obj. Existe por parte dos jovens dificuldade em estruturar a realidade externa a partir da referência a uma imagem interna, que é intensamente procurada, assim no encontro com o(s) novo(s) objecto(s) os jovens evocam figuras de potência e de força numa tentativa de se protegerem e de esconderem a

fragilidade interior – “*Demónios*”, “*Bonecos tipo dragões*”, “*Monstro*”. No geral encontramos nos jovens púberes a existência de um espaço psíquico capaz de acolher os elementos dispersos da experiência, de os conter e fazer ressonância dos mesmos, assistindo-se à operacionalidade da *barreira de contacto*. Somente no protocolo do Fábio encontramos uma frágil delimitação do continente, com dificuldade de contenção dos conteúdos da experiência que facilmente invadem o espaço psíquico – “*Parece uma central que está a ser atacada*” e impedem a ressonância da experiência, havendo uma acumulação de estados emocionais intoxicados, que ao não serem pensados são agidos (kob=5).

Verificamos no protocolo do Ivo e do Fábio a existência de um espaço psíquico capaz de conter e elaborar as dimensões pulsionais – “*Coração*”, “*Lagosta*”, havendo uma certa permeabilidade e flexibilidade do continente, que permite uma certa desorganização – “*Sangue*”. Da parte do Hélder encontramos um evitamento na elaboração das dimensões pulsionais que se encontram recalcadas, mas que quando emergem são contidas e elaboradas. Relativamente às dimensões afectivas encontramos condutas distintas nos três protocolos. No protocolo do Ivo verificamos a existência de capacidade para conter estas dimensões mas não há elaboração, por seu turno, no protocolo do Fábio devido às fragilidades do seu espaço psíquico já nomeadas, não existe contenção das dinâmicas afectivas – $FC < C+CF$, EF, que se apresentam instáveis e que tornam o continente vulnerável à sua invasão. O Hélder demonstra uma grande insensibilidade às dinâmicas afectivas que se encontram extremamente contidas.

Os jovens revelam uma fragilidade ao nível da identidade – “*Borboleta gigante*”, “*Pessoa com asas*”, que revela dificuldades ao nível da integridade corporal, que conduz a uma procura intensa da imagem de si e da própria identidade em detrimento da procura da dimensão relacional, havendo por isso uma atitude de passividade na relação com o(s) outro(s). O Ivo evoca imagens indeterminadas – “*Dois pessoas*” (cartão III, VII) havendo uma indeterminação sexual, por outro lado o Hélder é capaz de tomar uma posição identitária num segundo momento, que ocorre pela percepção de atributos – “*Dois pessoas (Dois mulheres (...)) pareciam uns saltos altos*”. O Fábio não é capaz de se representar através de conteúdos humanos nem inteiros nem parciais.

No plano relacional percebemos um retraimento e passividade nas relações que parecem ser custosas – “*Senhora a ver-se ao espelho*”, “*Pessoas de joelhos*”, “*Pessoas a falarem*”. No caso particular do Fábio verificamos um fechamento do sujeito sobre si próprio, cuja dimensão relacional é posta de parte através do privilegiar da dimensão pulsional, não havendo reconhecimento da própria identidade.

Concluimos que no grupo de rapazes púberes há uma atitude de inibição na abordagem aos novos objectos, que são sentidos como temidos e inquietantes. No contacto com estes

objectos os jovens não têm capacidade para estruturar e organizar a experiência da realidade externa através da referência a uma imagem interna, havendo uma superficialidade na sua abordagem. No geral verificamos por parte dos rapazes púberes a ausência de uma entrega efectiva aos novos objectos. Apesar de os rapazes evidenciarem, no geral, a existência de um espaço psíquico capaz de conter e elaborar a experiência externa, não o fazem por recurso ao fantasmático, havendo uma substituição das representações significativas por representações socializadas e banais, sugerindo a dificuldade de mentalização. O retraimento e passividade na relação com o externo impedem os jovens de experimentar a dor mental que deriva dos conflitos produzidos no seio das relações de contacto profundo e íntimo, que potencia o crescimento e desenvolvimento mental. No geral não é notória uma actuação da função *rêverie* com função ligante e comunicante entre mundo interno e externo, uma vez que a elaboração da experiência ocorre por referência à experiência social e banal e não por referência à subjectividade do sujeito, os novos objectos criados não são fruto da acção do pensamento sobre a experiência.

Adolescência – Feminino

As jovens adolescentes no encontro com os novos objectos da realidade externa adoptam uma atitude de recurso aos contornos formais. No entanto, revelam capacidade para estruturar e organizar a experiência a partir da referência a uma imagem interna. A análise dos protocolos das jovens adolescentes deixa transparecer uma fragilidade identitária – “*Borboleta esquisita*”, o que dá conta de dificuldades no reconhecimento da própria identidade subjectiva, que conduz a um retraimento e passividade das jovens na relação com o(s) outro(s) que apresenta(m) características especulares. A Ana apresenta uma atitude de fechamento sobre si própria, de inibição na procura da relação, por outro lado, a Rita tem uma atitude de procura activa do outro, demonstrando uma sensibilidade em relação às suas características, contudo revela dificuldades em estabelecer uma relação profunda e significativa com este. Estas atitudes embora distintas, revelam um ponto em comum, ambas se representam como “*Camaleão(ões)*” na relação com o mundo, ambas se representam como um animal mutável e maleável às características do meio, que facilmente se confunde com este, passando despercebido, o que dá conta da indiferenciação que as jovens vivem em relação à realidade objectal, cujo esbatimento dos limites entre sujeito/objecto só permite uma relação superficial pela confusão que ocorre/pode ocorrer entre eles numa relação mais profunda. A integridade corporal das jovens apresenta algumas fragilidades, cuja indiferenciação vivida em relação ao exterior leva à confusão entre sujeito e objecto - “*Cão com cara de elefante*”, (Gbl no cartão I).

No essencial, o espaço psíquico das raparigas adolescentes revela fragilidades ao nível dos seus limites, na delimitação entre interno/externo, sujeito/objecto, real/imaginário, havendo por isso um investimento nos limites no contacto com a realidade externa, que implica o testar e o experimentar dos mesmos. Os limites do espaço psíquico apresentam-se com características difusas – “*Bicho*”, “*Fantasma*”. Verificamos ainda que o espaço psíquico das jovens adolescentes apresenta dificuldades na contenção e elaboração das dimensões pulsionais. Por outro lado, as dimensões afectivas encontram-se extremamente contidas, havendo por parte da Rita uma insensibilidade face à afectividade, que não é mentalizada, enquanto a Ana revela a existência de um espaço psíquico incapaz de conter e fazer ressonância das dimensões afectivas, que são instáveis e tornam o espaço psíquico vulnerável à invasão dos estímulos externos.

Concluimos pela análise dos protocolos das duas jovens, que há por parte da Ana um espaço psíquico pouco receptivo aos estímulos externos, havendo uma atitude de fechamento da jovem sobre si própria, não procurando estabelecer relação com o(s) outro(s), o que condena o estabelecimento de relações profundas e significativas de conhecimento mútuo, culminando numa acumulação de estados emocionais intoxicados que são projectados no exterior – “*Aranhas*”. A ausência de ressonância emocional e o aumento de elementos desintegrados e dispersos da experiência comprometem o seu crescimento e desenvolvimento mental, apresentando assim características de inversão da *rêverie*. Da parte da Rita, verificamos a existência de um espaço psíquico receptivo às características da realidade externa, contudo a fragilidade dos limites do continente impedem o estabelecimento de relações profundas e significativas com o(s) outro(s), pela confusão que ocorre entre sujeito e objecto, interno e externo comprometendo a ressonância emocional.

Ambas apresentam um investimento na realidade objectiva numa procura activa e intensa de limites, que permitam a distinção entre interno e externo, e que permite ao mesmo tempo que as tensões internas vividas encontrem alguma serenidade. Contudo estes limites são rígidos, denunciando a rigidez da *barreira de contacto* que impede a ressonância fantasmática, pela restrição da emergência da subjectividade. Face a estas características, vê-mos que a *rêverie* não actua na ligação entre o objecto externo e o objecto interno, uma vez que este último se encontra enclausurado pela rigidez da *barreira de contacto*.

Adolescência – Masculino

No contacto dos jovens adolescentes com os novos objectos da realidade externa, surgem sentimentos de inquietação e desconforto face às características desconhecidas e enigmáticas destes objectos – “*É escuro (...) parece um pouco sombrio*”, “*Isto é estranho*”, o que leva à evocação de símbolos de protecção contra este desconhecido – “*Dois anjos*”. Apesar do reconhecimento do temor provocado pelas características destes objectos, no geral, os jovens revelam sensibilidade às suas vicissitudes, contudo, a exploração que fazem deles ocorre de forma objectiva e superficial, numa atitude de inibição e de insistência nos limites, que se revelam rígidos e com tendência para negligenciar a expressão das dimensões afectivas. Os jovens revelam dificuldade para estruturar a realidade externa a partir da referência a uma imagem interna. Ao nível da integridade corporal, encontramos falhas que os jovens tentam colmatar a todo o custo através da procura de uma unidade corporal – (Gbl no cartão I e VIII), “*Aqui as pernas, falta uma*”.

No geral, verificamos que os jovens adolescentes apresentam um espaço psíquico que revela fragilidade ao nível dos seus limites, que se revelam difusos e pouco contentores, permitindo facilmente a invasão do continente pelas ansiedades não desenvolvidas e pelos estímulos da realidade externa – “*Nuvens*”, “*Teias de Aranha*”, havendo por isso necessidade de evocar continentes que permitam a contenção dos elementos da experiência – “*Armadura*”, “*Roupa*”, mas que se revelam insuficientes nessa mesma função, comprometendo a elaboração da experiência. Na introdução dos cartões pastel, com a complexificação da realidade do estímulo, as dimensões afectivas acabam por emergir – “*Árvore*”, “*Folhas*”, “*Flores*”, denunciando a falha ao nível da contenção destas dimensões. As dimensões pulsionais são elaboradas com recurso a conteúdos socializados e banais, o que dá conta da negligência da expressão do subjectivo na elaboração da experiência externa. O investimento que este grupo faz nos limites impede a ressonância fantasmática, sendo o mundo interno mantido à distância e a função *rêverie* impedida de proceder à ligação entre interno e externo.

Na representação da relação encontramos uma atitude de retraimento e de inibição – “*Dois pessoas*”, não há interacção entre as personagens, não há uma procura activa e dinâmica do outro, que se encontra condicionada pelas falhas que os jovens apresentam ao nível da integridade corporal e pela ausência de reconhecimento da própria identidade subjectiva. A procura pela imagem de si surge privilegiada em detrimento da procura pela dimensão relacional. Os objectos externos são neste grupo investidos como objectos que permitem a descarga imediata das pulsões internas, assistindo-se à sua expressão – Kob, C, CF.

Concluimos que os jovens adolescentes apresentam uma *barreira de contacto* rigidificada nas suas funções de separação entre interno e externo, sujeito e objecto, real e fantasmático, e

também na sua função de comunicação entre estas dialéticas, uma vez que a elaboração da experiência ocorre desprovida de ressonância fantasmática, havendo uma sobreposição da realidade sobre a fantasia e imaginação impedindo uma conduta criativa. Contudo, verificamos que quando o mundo interno se expressa dá conta da ausência de contenção e elaboração das experiências emocionais pelo espaço psíquico, tornando-o vulnerável à invasão, não só pelos estímulos externos, como também das próprias experiências do mundo interno que não-elaboradas. Assim, percebemos que a função *rêverie* vê-se impedida de actuar na comunicação e ligação entre os elementos da experiência externa que encontram ligação à experiência interna, devido á rigidez da *barreira de contacto*. Apesar disso os jovens apresentam características de sensibilidade face aos objectos externos, embora reconheçam o seu carácter ameaçador para o espaço psíquico, sendo esta a característica essencial do objecto continente.

10. Discussão

Num primeiro momento, começamos por diferenciar a expressão pré-adolescente da expressão adolescente através do Rorschach a partir da análise efectuada aos protocolos dos jovens em estudo, pondo em evidência as semelhanças entre a expressão masculina e feminina de cada um dos grupos, seguida das diferenças entre elas. No momento seguinte, faremos referência à expressão da *rêverie* em cada um dos grupos, assinalando a diferença na expressão da função *rêverie* em rapazes e raparigas.

Da análise conjunta dos protocolos púberes encontramos uma livre expressão das dimensões pulsionais e afectivas, onde a dimensão formal é pouco investida. Os jovens púberes revelam a existência de um espaço psíquico cujos limites entre interno/externo, sujeito/objecto, real/imaginário são frágeis, verificando-se por vezes uma confusão entre estas dialéticas no testar e experimentar dos limites. Os jovens revelam assim necessidade de evocar continentes com barreiras claramente delimitadas, que assegurem uma diferenciação em relação ao meio, surgindo assim nos protocolos deste grupo numerosas respostas *pele*. A intensidade pulsional vivida nesta fase dificulta os processos de comunicação e negociação entre mundo interno e externo, porque a frágil delimitação do espaço psíquico não permite a contenção da intensidade pulsional que se expressa de forma brutal, o que dá conta da incapacidade de mentalização das dimensões pulsionais e afectivas, cujo agir é a solução possível, assinalando a descarga pulsional a fuga à reflexão e à tomada de consciência dos conflitos internos.

A vivência pré-adolescente caracteriza-se ainda por uma indiferenciação objectal, em que a diferenciação intensamente procurada através da procura activa da imagem de si, visível pela elevada expressão das grandes cinestésias e pelo elevado número de conteúdos humanos, predominantemente inteiros e alados. Face a esta indiferenciação, o outro aparece nesta fase com características especulares e a relação é representada através de um retraimento e passividade no contacto com o outro. Perante as características enunciadas, destaca-se a existência de uma *barreira de contacto* com características de porosidade, não assegurando a suficiente separação entre mundo interno e externo, nem a contenção da experiência, comprometendo a actividade de simbolização.

As raparigas e rapazes pré-adolescentes aqui estudados apresentam singularidades próprias face a esta vivência comum. Verificamos que as jovens púberes demonstram sensibilidade aos estímulos da realidade externa, demonstrando capacidade para estruturar e organizar a experiência a partir da referência a uma imagem interna. Apesar disso, devido às

características de vulnerabilidade que o espaço psíquico apresenta em relação aos estímulos externos, a abordagem a estes objectos só pode ocorrer de forma superficial, uma vez que as características da *barreira de contacto* permitem a invasão do continente pelos conteúdos da experiência, cuja ausência de transformação resulta na acumulação de estados emocionais intoxicados. Por outro lado, quando as raparigas evocam objectos continentes através das respostas *pele* é notória a capacidade de elaboração da experiência por recurso ao fantasmático, assistindo-se à actuação da função *rêverie*, como função que permite a ligação e comunicação entre o mundo interno do sujeito, por contacto com os sentimentos e emoções do sujeito que se ligam com os estímulos do mundo externo, ocorrendo a significação da experiência que pode posteriormente ser integrada na psique.

Os rapazes púberes demonstram uma submissão ao impacto misterioso e enigmático que os objectos da realidade externa representam, inibindo-se na exploração destes. Os rapazes evidenciam um maior investimento na realidade objectiva, não conseguindo estruturar e organizar a realidade externa a partir da referência a uma imagem interna. Ao contrário do que acontece com as raparigas, os rapazes conseguem conter as dimensões pulsionais graças ao investimento formal e à evocação de continentes através das respostas *pele*, mas as representações significativas são substituídas por representações socializadas. Por outro lado, o espaço psíquico dos rapazes revela a mesma vulnerabilidade à invasão pelos estímulos externos que as raparigas, devido à insuficiente capacidade de contenção das dimensões afectivas, pelo que quando estas dimensões emergem, a função *rêverie* vê a sua actuação impedida pela invasão do continente pelos conteúdos da realidade externa e pelas próprias emoções não-desenvolvidas do sujeito.

Na adolescência há uma significativa diminuição da expressão do pulsional e um forte investimento nos limites, como garante da diferenciação entre mundo interno e externo, sujeito e objecto, real e fantasmático. O recurso à objectividade é de tal forma intenso que há um restringir da subjectividade e uma negligência em relação às dimensões afectivas, que aparecem extremamente contidas. Encontramos nesta fase uma diminuição da procura identitária, pela quebra do número de grandes cinestésias e de conteúdos humanos, que surgem neste grupo predominantemente representados de forma parcial. A expressão geral dos conteúdos evocados pelos jovens adolescentes também decresce substancialmente, mas há um aumento dos conteúdos animais, o que sugere uma atitude regressiva. Aparecem também em grande número os conteúdos que remetem para o interior do corpo, que fazem aumentar o índice de angústia, e que remetem para a interioridade corporal como eixo organizador do mundo interno. As falhas

ao nível da integridade corporal são mais preocupantes para este grupo, que tenta colmatar a todo o custo essas falhas.

No geral o espaço psíquico revela grandes fragilidades nas suas fronteiras, insuficientes na contenção dos elementos da experiência, e incapaz de fazer ressonância emocional devido à rigidez dos limites. A sensibilidade dos jovens adolescentes à fragilidade dos limites internos é notória pelo aparecimento numeroso dos esbatimentos de difusão. A dimensão relacional é muito pouco investida, havendo uma procura muito mais intensa do próprio, do que do outro. Há neste grupo fortes questões identitárias por resolver antes de os jovens serem capazes de reconhecerem o outro como distinto e separado de si, e de procurarem o estabelecimento de relações profundas.

A *barreira de contacto* apresenta assim neste grupo uma rigidez nas suas funções, condenando a ressonância fantasmática, pela extrema contenção das dimensões inconscientes, subjectivas, sendo a experiência externa elaborada por recurso a referências socializadas e banais, liberta de uma implicação pessoal e significativa.

Do mesmo modo que na puberdade se assiste a diferentes expressões entre rapazes e raparigas, na adolescência também é visível uma diferente expressão entre género. Assim, vê-mos nas raparigas adolescentes uma atitude de maior exploração dos estímulos da realidade externa, que sugere o investimento nos objectos externos como forma tranquilizar a inquietação interna vivida. A experiência externa é estruturada e organizada pela referência a uma imagem interna. Contudo devido á frágil delimitação do espaço psíquico a abordagem aos objectos externos ocorre de forma superficial. Verificamos que as duas adolescentes em estudo apresentam atitudes diferentes na relação com o outro, da parte de uma encontramos um fechamento sobre si própria e um acumular de estados emocionais intoxicados que são projectados no exterior, apresentando esta jovens características da inversão da função *rêverie*, enquanto a outra jovem revela uma procura do outro mas com dificuldade no estabelecimento de uma relação profunda, devido à confusão que ocorre entre um e outro. As duas assemelham-se contudo na impossibilidade de estabelecerem uma relação de profundo envolvimento com o outro, devido à indiferenciação que vivem em relação ao meio.

Os rapazes adolescentes reconhecem a estranheza e inquietação que as características dos objectos externos fazem ressoar no seu interior, apesar disso demonstram sensibilidade em relação às características destes objectos, revelando assim que possuem a característica essencial de um objecto continente, receptivo e acolhedor às vicissitudes dos objectos externos mesmo que estes sejam temidos. Ainda assim, os jovens não conseguem organizar a experiência através da referência a uma imagem interna. A formalização excessiva que se verifica neste grupo evidencia

uma rigidez da *barreira de contacto*, que na elaboração da experiência condena a ressonância fantasmática, em que as representações significativas são substituídas por representações socializadas e banais, havendo uma restrição da subjectividade. Assistimos a uma actuação da função α na elaboração da experiência mas a *rêverie* não actua como elo de ligação entre mundo interno e mundo externo, porque a rigidez da *barreira de contacto* impede a expressão do inconsciente.

Caracterizadas as expressões pré-adolescentes e adolescentes encontradas e as respectivas diferenças entre rapazes e raparigas de cada grupo, passamos a articular as evidências expostas com o que a revisão de literatura realizada descreve.

No conjunto dos protocolos estudados, assistimos à expressão de uma intensa conflitualidade e pressão interna, brutalmente expressa na puberdade e muito mais contida na adolescência, a uma intensa pressão externa, objectal e relacional, de onde realçamos a dificuldade em investir o externo devido à impossibilidade de reconhecimento do próprio como inteiro e diferenciado. Estas dimensões conflituais mobilizam a intervenção de novos processos de ligação, de transformação e de simbolização, a partir dos quais decorre um processo de criação de novos objectos com novas características (Marques, 2001). Vê-mos assim nos grupos aqui estudados a emergência destes processos de ligação e simbolização fundamentais para a resolução do processo adolescente. Tudo isto deriva do encontro, relação e comunicação entre objecto interno e externo, isto é, da actuação de uma função intrapsíquica que medeia, que ligue, que sirva de ponte comunicante entre um e outro – a *rêverie*.

A *rêverie* proporciona a ressonância emocional da experiência, a partir da qual o sujeito entra em contacto com os seus próprios sentimentos e emoções internas, que encontram correspondência aos sentimentos e emoções não-desenvolvidas do outro (Grotstein, 2003), com os próprios pensamentos de sonho na vigília, operando a função α sobre as impressões sensoriais e emocionais, produzindo elementos com significado psíquico que podem ser pensados e sonhados (Ferro, 2006).

Para que tal seja possível, o objecto continente deve apresentar-se receptivo e tolerante às características dos objectos externos, mesmo que estas sejam indutoras de ansiedades, o que pressupõe uma capacidade para conter a próprias ansiedades e resistir a uma acumulação de estímulos externos, apenas possível através da existência de uma *barreira de contacto* permeável e flexível, que delimite interno e externo e permita a comunicação entre eles (Bronstein, 2012).

Pelos resultados já descritos, percebemos que na puberdade a *barreira de contacto* apresenta características de uma frágil delimitação entre mundo interno e externo, impossibilitando a

contenção das emoções e sentimentos internos, que nesta fase encontram uma grande intensidade e instabilidade pelas pressões e conflitos vividos. Esta estrutura não assegura nesta fase uma distinção entre sujeito e objecto, assistindo-se a confusões entre eles, em que o outro apresenta características especulares. Face a isto, a expressão do mundo interno é muito intensa, não sendo suficientemente contida, logo não é mentalizada, mas sim agida. Somente quando este grupo evoca objectos continentais, através das respostas *pele*, que asseguram a delimitação necessária, é possível assistir à elaboração da experiência através de ressonância emocional, através da actuação da função *rêverie*, que impõe a renovação da *barreira de contacto* e que permite a (re)criação de objectos.

Nas raparigas púberes há evidência das suas capacidades continentais, pela sensibilidade que demonstram às características dos objectos externos, característica essa que não se verifica nos rapazes, que apresentam uma atitude de retraimento e inibição na exploração destes objectos devido à inquietação que as suas características desconhecidas e ambíguas destes lhes provocam. Num protocolo em particular encontramos características da inversão da função *rêverie*, pelo fechamento do jovem sobre si próprio e há extrema sensibilidade que apresenta face à transformação e à mudança, revelando ainda um espaço psíquico incapaz de conter os elementos da experiência, sendo este facilmente invadido e a actividade de simbolização comprometida.

Na adolescência encontramos um maior investimento nos limites, o que assegura uma melhor delimitação interno/externo, sujeito/objecto, real/imaginário, apresentando a *barreira de contacto* uma rigidez nas suas características, em que o recurso à formalização restringe a emergência do inconsciente e da subjectividade. Deste modo, na adolescência verificamos uma ausência de ressonância emocional, uma vez que o retraimento e a intensa contenção da barreira não permitem o contacto com os pensamentos inconscientes, pelo que a elaboração da experiência ocorre através do recurso a referências socializadas e não pela actuação da *rêverie*.

As jovens adolescentes recorrem ao objecto externo como forma de descarga das tensões internas e revelam uma maior contenção das dimensões afectivas. Num protocolo em particular encontramos características da inversão da *rêverie* através do fechamento do jovem sobre si própria, e pela sensibilidade que apresenta à transformação e à ausência de limites. Nos rapazes reconhecemos características do objecto continente, uma vez que revelam sensibilidade às características dos objectos externos mesmo reconhecendo o desconforto interno que o carácter ambíguo e enigmático destes objectos lhes provoca. Num dos protocolos encontramos fenómenos de recusa, o que nos sugere um fechamento do continente à receptividade dos conteúdos do outro, semelhante ao fechamento da mente materna à recepção dos conteúdos intoxicados do bebé, que num caso extremo pode conduzir à inversão da *rêverie*.

Ambos os grupos, pré-adolescentes e adolescentes, apresentam em comum a abordagem superficial e concreta da realidade externa, não havendo o estabelecimento de relações profundas, íntimas com o outro, geradoras de significado emocional pela possibilidade de experimentar os conflitos que derivam destas relações. Neste espaço e tempo que é a adolescência, o outro ocupa um papel essencial enquanto continente e conteúdo (Marques, 2005). A atitude de retraimento e fechamento dos jovens à relação, evidente nos protocolos estudados, sugere-nos a necessidade destes jovens se encontrarem a si próprios antes de partirem para o conhecimento do outro, uma vez que para reconhecerem o outro como diferente si, têm primeiro de se reconhecerem como inteiros e diferenciados (Marques, 2001).

Concluimos portanto que a função *rêverie* para actuar na ligação e comunicação entre mundo interno e externo, exige a existência de uma *barreira de contacto* com características de permeabilidade e flexibilidade, de forma a impedir a acumulação de estímulos do outro, mas também do próprio. Assim, asseguradas estas condições assistimos ao contacto do sujeito com os seus pensamentos de sonho na vigília, de onde emergem novos objectos pela renovação da *barreira de contacto*. É através deste processo que as experiências actuais podem encontrar ligação às experiências passadas, criando-se uma continuidade que preserva a coesão da unidade mental, fundamental no processo adolescente.

11. Conclusão

“O conhecimento deve ser encarado como operando num processo que impõe o confronto com o desconhecido e com o nunca completamente atingindo, com todas as dúvidas e angústias aí envolvidas e que terão de ser suportadas” (Marques, 2001, p. 90).

Iniciamos este ponto destinado sobretudo à reflexão sobre o que foi o percurso feito até aqui, com esta citação que consideramos ser uma representação significativa daquilo que foi esse mesmo percurso.

O conhecimento que procurámos com a realização deste estudo foi definido em termos de objectivo a atingir, que designámos como: descrição da actuação da *rêverie* no encontro, comunicação e ligação entre o sujeito adolescente e os objectos externos, que ocupam ao longo do processo adolescente um importante papel enquanto objectos a investir e que investem o sujeito, contribuindo de forma significativa para a resolução deste processo. Alcançar este objectivo implica necessariamente o confronto com o desconhecido, na medida em que não havia conhecimento até aqui sobre a *rêverie* no processo adolescente, razão pela qual nos despertou o interesse para a realização deste estudo, mas ao mesmo tempo é por esta razão que advém o carácter desconhecido e ambíguo, pois não sabíamos que caminhos iríamos trilhar para lá chegar nem sabíamos ao certo o que iríamos encontrar, sendo precisamente através desta forma de proceder em investigação que nos permite a verdadeira construção de conhecimento e (trans)formação teórica. Face a esta situação nova e desconhecida, emergiram as naturais dúvidas, ansiedades e angústias que pela sua elaboração permitiram o desenvolvimento deste estudo, pela contenção que fomos encontrando através dos dados teóricos e metodológicos que foram emergindo ao longo deste processo de investigação.

Com base na revisão conceptual que fizemos sobre a *rêverie* isolámos as características desta função como aparecem descritas na literatura, de forma a podermos utilizá-la como modelo e para dotar a metodologia por nós utilizada de condições para a sua compreensão. Procedemos igualmente à caracterização do processo adolescente, inscrito num contexto relacional e transformacional, através dos modelos da relação de objecto, adoptando a coerência teórica necessária. O instrumento Rorschach foi o mediador deste processo de construção do conhecimento. A partir dos princípios de coerência e convergência entre teoria e método, criámos procedimentos de análise Rorschach a partir das características da *rêverie* descritas na literatura de forma a tornar o instrumento sensível a essas mesmas características. Os dados obtidos através da recolha de protocolos de jovens púberes e adolescentes foram sujeitos a um processo de atribuição de sentidos e significados através da interpretação.

O novo conhecimento, derivado de todo este processo, permite-nos tirar como principais ilações que a *rêverie*, como função que actua na ligação e comunicação entre mundo interno e externo, pressupõe a existência de uma *barreira de contacto* com características de permeabilidade e flexibilidade que assegurem a separação entre as dialéticas interno e externo, sujeito e objecto, real e imaginário, de forma a conter os estímulos provenientes do exterior e os estímulos internos do sujeito. Asseguradas estas condições, assistimos ao contacto do sujeito com os seus pensamentos de sonho na vigília, que permitem a ligação e sintonia dos sentimentos e emoções do sujeito com os sentimentos e emoções do objecto externo, que pela operacionalidade da função α possibilita a atribuição de sentido e significado psíquico, do qual emergem novos objectos pela renovação da *barreira de contacto*.

Percebemos pelos dois grupos aqui estudados, que a *barreira de contacto* apresenta características extremadas entre a fase pré-adolescente e a fase adolescente, uma vez que na pré-adolescência encontramos uma estrutura com características porosas que facilmente conduz à confusão entre dialéticas interno-externo, sujeito-objecto e real-imaginário, o que condena a ressonância fantasmática devido à incapacidade de contenção do espaço psíquico. Por outro lado, na adolescência assistimos a uma mudança nas características da *barreira de contacto* que se apresenta como um verdadeiro reduto do espaço psíquico, devido à rigidez dos seus limites, que diminuem a vulnerabilidade à invasão do espaço mental, mas que impedem a troca e comunicação entre as dialéticas. As características que esta estrutura apresenta nas duas fases do processo adolescente condicionam a actuação da *rêverie* e impedem o estabelecimento de um contacto autêntico, profundo e gerador de significado emocional entre os jovens e os objectos externos, o que sugere a necessidade de se encontrarem a si próprios, antes de poderem encontrar o outro.

Consideramos ter satisfeito o objectivo inicial a que nos propusemos, contudo o conhecimento aqui exposto não é mais do que uma mera aproximação da realidade. O estudo do processo adolescente é complexo e nunca finito devido às múltiplas expressões que constituem a adolescência, por essa mesma razão torna-se impossível fazer uma generalização sobre os resultados aqui encontrados face à população adolescente, que hoje se apresenta assim, mas que amanhã pode evidenciar o oposto. Assim, consideramos que uma forma de conseguir uma maior aproximação à realidade é o alargamento deste estudo a outras idades do processo adolescente, bem como a outros grupos adolescentes com características diferentes das que apresenta o grupo aqui em estudo. Uma limitação que encontramos neste estudo e que ao ser reformulada permitirá também ela uma maior proximidade à realidade do objecto de estudo, são os procedimentos de análise Rorschach, isto é, face à potencialidade deste instrumento, consideramos que os

procedimentos de análise por nós isolados apenas dão conta de uma compreensão aproximada da *rêverie* através do Rorschach, em que um isolamento exaustivo dos procedimentos de análise, a par com outros factores de análise poderia constituir uma mais-valia. Olhamos para as limitações apontadas como uma possibilidade de expansão e crescimento deste estudo.

Como ganhos obtidos para a Psicologia Clínica acreditamos ter contribuído para o alargamento das concepções teóricas psicanalíticas, no que diz respeito à compreensão psicanalítica da adolescência e no que diz respeito às concepções que ligam a adolescência ao método Rorschach. Da mesma forma, consideramos ter dotado o conceito da *rêverie* do dinamismo que lhe é inerente, ao alargá-la a um novo contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bion, W. R. (1991). *Learning from experience*. London: Karnac. (obra original publicada em 1962).
- Bollas, C. (1978). The aesthetic moment and the search for transformation. *Annual of Psychoanalysis*, vol. 6, pp. 385-395.
- Bollas, C. (1979). The transformational object. *International Journal of Psycho-analysis*, vol.60, pp. 97-108.
- Braconnier, A. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Bronstein, C. (2012). Bion, la reverie, la contenance et le role de la barriere de contact. *Revue Française de Psychanalyse*, 76(3), pp. 769-778.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto (2ª ed.)*. Lisboa: Climepsi.
- Ferro, A. (2002a). Superego transformation through the analyst's capacity for reverie. *Psychoanalytic Quarterly*, 71(3), pp. 477-501.
- Ferro, A. (2002b). Some implications of Bion's thought: The waking dream and narrative derivatives. *International Journal of Psycho-analysis*, 83(3), pp. 597-607.
- Ferro, A. (2005). Bion: theoretical and clinical observations. *International Journal of Psycho-analysis*, 86(6), pp. 1535-1542.
- Ferro, A. (2006). Trauma, reverie, and the field. *Psychoanalytic Quarterly*, 75(4), pp. 1045-1056.
- Gavanha, S. e Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 269-279.
- Godinho, M. Q., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, 3(27), pp. 349-363.

- Grotstein, J. (1981). Wilfred R. Bion: The man, the psychoanalyst, the mystic a perspective on his life and work. *Contemporary Psychoanalysis*, 17, pp. 501-536.
- Grotstein, J. (2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Linhares, M. B., & Pinheiro, C. B. (2009). O Eu-pele no Rorschach: A sua expressão em adolescentes toxicodependentes. *Análise Psicológica*, 3(27), pp. 307-318.
- Marques, M. E. (1994a). Do desejo do saber ao saber do desejo: Contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica*, 4(12), pp. 431-439.
- Marques, M. E. e Aleixo, P. (1994b). O Rorschach e o trabalho de revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 4(12), pp. 459-462.
- Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach (2ª ed.)*. Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (2005). Avaliação psicológica do adolescente e do risco. *Análise Psicológica*, 1(23), pp. 19-26.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Meltzer, D. (1981a) The kleinian expansion of Freud. *The International Journal of Psychoanalysis*, 62(2), pp. 177-182.
- Meltzer, D. (1981b). Memorial meeting for Dr. Wilfred Bion. *International Review of Psycho-analysis*, 8(1), pp. 3-14.
- Meltzer, D. (2008). *Sexual states of mind*. London: Karnac. (obra original publicada em 1973).
- Oneto, M. M., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial) – Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica*, 3(27), pp. 331-347.

- Rausch de Traubenberg, N. (1970). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de interacções. *Análise Psicológica*, 4(1), pp.17-22.
- Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Soares, A., e Marques, M. E. (2009). Crescer por dentro – A barreira de contacto no processo adolescente através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 259-267.
- Zimerman, D. (1995). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

Anexo A – Modelo da Carta de Consentimento Informado



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Consentimento Informado de Participação em Investigação

Eu, Ana Filipa Jerónimo, aluna do 5º ano do Mestrado de Psicologia Clínica no ISPA-IU, pretendo realizar, no âmbito do plano curricular do curso, um trabalho de investigação junto de Adolescentes de 13 e 17 anos que frequentem o Ensino Básico/Secundário.

Esta investigação tem como objectivo explorar a expressão de uma função intrapsíquica (*rêverie*: estado de receptividade emocional às vicissitudes do outro) na população adolescente, por se tratar de uma característica importante do funcionamento mental ao longo do desenvolvimento. Para tal, conto com a participação de jovens de 13 e de 17 anos, a quem irei aplicar uma técnica de avaliação psicológica.

A participação neste estudo tem a duração pontual de um único momento avaliativo individual, de duração máxima de 1 hora, com a realização de uma entrevista semiestruturada e a aplicação de uma técnica projectiva de avaliação psicológica. A recolha de dados será feita por mim no estabelecimento de ensino dos participantes, numa hora a acordar com cada um dos jovens.

Toda a informação recolhida junto dos jovens é confidencial e anónima, o que significa que não serão divulgados dados pessoais ou qualquer tipo de informação que possa conduzir à identificação dos participantes, da mesma forma asseguro que a participação neste estudo não acarreta qualquer dano físico, psicológico ou social. A colaboração é voluntária, querendo isto dizer que o jovem pode a qualquer momento interromper a sua participação.

Caso aceite colaborar na realização desta investigação, assine em baixo declarando que leu, compreendeu e concordou com o conteúdo deste consentimento informado. Para qualquer esclarecimento adicional poderá contactar-me: anafjeronimo@gmail.com.

Assinatura do Participante:

Data: ___/___/ 2013

Assinatura do Enc. de Educação:

Data: ___/___/ 2013

Assinatura do Investigador:

Data: ___/___/ 2013

Anexo B – Protocolos Rorschach Pré-adolescentes Feminino

- Protocolo da Inês, 13 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I. Hum... 1 – Um insecto, escaravelho talvez</p> <p>2 – ou algo com asas, como um morcego</p>	<p>Asas, os espinhos na boca (D sup) ou lá o que é, aquelas coisas que os escaravelhos têm, a parte do corpo também parece.</p> <p>Por causa das asas, quer dizer, membranas do morcego e não asas porque os morcegos não têm asas mas sim membranas.</p>	<p>G F⁺ A</p> <p>G F⁺ A Ban</p>
<p>II. Hum... 3 – O vermelho faz-me lembrar sangue</p> <p>4 – E isto parecem duas patas por isso faz-me lembrar uma ovelha morta ou assim.</p>	<p>(verm. sup)</p> <p>Tipo um matadouro e o talho onde estão os animais lá na montra, um animal de cabeça deitada a escorrer o sangue (D sup). Parece o rabo, porque é peludo e as patas (D inf)</p>	<p>D C Sg</p> <p>D F⁻ A</p>
<p>III. 5 – Amor... Parecem duas pessoas, um casal</p>	<p>Porque parecem duas pessoas com um coração no meio (verm. central) tem a forma de coração, apesar de não se juntarem aqui em baixo. Aqui sapatos altos, mamas e um nariz assim um bocado grande e o rabo inclinado e isto (D inf) uma mala.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV. 6 – Um monstro, por causa destas partes parece assim uns cornos, faz-me lembrar</p>	<p>Como se fosse a cabeça (D sup), os cornos (D lateral) e os pés (D inf lateral). Esta parte aqui (D inf) não sei o que é.</p>	<p>∅ Fclob (H)</p>
<p>V. 7 – Isto é que faz parecer mesmo um morcego (múltiplas manipulações) É, um morcego.</p>	<p>Por causa das membranas, a cabeça e as patas traseiras levantadas como se estivesse a voar.</p>	<p>G F⁺ A Ban →kan</p>
<p>VI. 8 – Uma cova</p> <p>9 - por causa disto parece uma cruz, por isso faz-me lembrar um</p>	<p>Tem o formato idêntico ao da cruz (D sup).</p> <p>Isto parece a sepultura, está enterrado (D inf).</p>	<p>D EF Obj</p> <p>D F⁺ Nat</p>

cemitério ou assim.		
VII. 10 – Bugs-Bunny. É fofinha esta imagem.	Por causa das orelhas e do rabinho. Mas tem cara de pessoa, mas parece mais o Bugs Bunny (1º e 2º terço).	D F- (A) Com. Subjectivo
VIII. → 11 – Parece um reflexo na água 12 – e um animal	Por causa da tinta estar distribuída, parece que ele está a andar sobre a água, umas poças. O corpo, as patas, a cabeça e aqui muito pequenino a orelha (rosa)	G CF Elem D kan A Ban
IX. (múltiplas manipulações) ↓ 13 – A mim faz-me lembrar pessoas desvalorizadas, sabe? Por cauda desta parte que parecem umas mãos que parece que estão a pedir ajuda e que ninguém está a ajudar. 14 – E aqui esta parte parecem umas espingardas que estão a ser apontadas a dizer para se ir embora porque não quer ajudar.	Era uma pessoa que representa as mãos (verde) e ameaçaram-na com uma espingarda para se ir embora porque não querem ajudar. (laranja)	D K H D F- Obj
X. Hum... ↓ 15 – Parece um mundo cheio de criaturas mágicas, uma floresta encantada, porque isto parecem criaturas que não existem aqui no Planeta Terra.	Criaturas mágicas (verde inf)	G CF Nat

Prova de Escolhas:

(+ +): III, pelo facto de estarem apaixonados e como eu estou apaixonada...

VIII, por causa das cores e que me faz lembrar a natureza e eu gosto da natureza.

(- -): II, pelo facto de exibirem os animais que matam nos talhos, como se os animais fossem um troféu.

IX, as cores são diferentes e por isso é como se fossem pessoas de raça diferente e como se esta estivesse a enxotar a outra por racismo.

Psicograma – Inês, 13 anos

R: 15	G: 7	F: 7	F+: 4	A: 5	G%: 47
	(G : 1)		F -: 3	(A): 1	D%: 53
	D: 8		F+ -: 0		
		K: 2 (1-)		H: 2	F%: 47
		Kan: 1		(H): 1	F+ %: 57
					Fa%: 73
		C: 1		Sg: 2	F+a%: 70
		CF: 2		Obj: 2	
				Nat: 2	A%: 33
		EF: 1			H%: 13
		FClob: 1			Ban: 4

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 2K/3.5C

F.C.: 1k/1E

R.C.: 33%

I.A.: 13%

Comentário Subjectivo: 1

- Protocolo da Maria, 13 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I. O que é que eu penso? 1 – Uma mosca</p> <p>2 – e parece uma raposa. Muito estranho. É só, acho que é só isto.</p>	<p>Aquelas moscas que estão embalsamadas (mancha toda), esta parte aqui é a boca (D sup), as asas (D lateral sup).</p> <p>Por causa do focinho. As raposas têm a face estreita e por causa das orelhas, que são as asas da mosca (D lateral sup), os olhos (Ddbl sup).</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>Gbl F+ A/Ad Com. Subjectivo</p>
<p>II. (risos) 3 – Parecem dois elefantes a darem um beijinho.</p> <p>4 – Parece sangue não sei...</p> <p>5 – Sangue e uma pessoa a chorar. É só... É uma pessoa a chorar com sangue na cara.</p>	<p>Parece as trombas dos elefantes a juntarem-se (D sup negro), como se estivessem no circo. Cabeça com aquelas cabaças que os elefantes do circo têm (verm. sup), corpo (negro) e o banco onde estão em pé com as duas patas (verm inf).</p> <p>(vermelhos) Uma vez vi uma ferida e é igual.</p> <p>Parece a cara de uma pessoa a chorar, aqui o nariz (Dbl), olhos pequenos (vermelhos no interior do negro), sangue a sair do nariz (verm. inf) e a testa com sangue (verm. sup).</p>	<p>D kan A</p> <p>D C Sg</p> <p>G Kp H/Hd</p>
<p>III. (risos) 6 – Uma vaca, por causa desta parte aqui do sino, com um 7 - laço na cabeça.</p> <p>8 – Ou então, duas pessoas a agarrarem num instrumento qualquer, duas mulheres a trabalhar em qualquer coisa juntas. Tem tudo a ver com uma vaca (risos).</p>	<p>Parece o focinho (D inf). Lembrei-me das vacas que há nas lojas com lacinhos. Olhos (branco no interior do negro).</p> <p>(negro) É como se estivessem a trabalhar unidas, e o laço aqui é o laço entre elas. São mulheres porque parece o rabo aqui, e as maminhas e com salto alto.</p> <p>R.A.: os instrumentos colados na parede. Faz-me lembrar a guitarra Portuguesa (verm. sup).</p> <p>D F+ Obj</p>	<p>D bl F- Obj</p> <p>D F+ Vest Ban</p> <p>G K H Ban</p> <p>Com. Subjectivo</p>
<p>IV. Não faço a mínima. Calma!</p>		

<p>9 – Duas botas, duas botas daquelas dos cowboys mas com qualquer coisa no meio. Botas viradas em sentidos contrários, como se cada uma fosse seguir o seu caminho.</p> <p>10 – E um focinho de cão em cima.</p>	<p>(mancha toda excepto D sup) Esta é a parte da ponta da bota, tem salto porque as botas dos cowboys têm salto e têm uns ferrinhos. Parece que os ferrinhos que eles têm nas botas estão presos a qualquer coisa (D inf) e elas não conseguem andar.</p> <p>(D sup) orelhas do cão (D lateral)</p>	<p>D F⁺ Vest</p> <p>D F⁺ Ad</p>
<p>V. 11 – Borboleta, com as asas meio fechadas, como se não conseguisse voar.</p>	<p>As antenas, porque quando era pequenina desenhava as antenas assim. Parece ter as asas aqui rasgadas. Estão fechadas, como estivessem a fechar, ou a abrir.</p>	<p>G F⁺ A Ban →kan</p>
<p>VI. 12 – Uma flor... Hum... mais nada.</p>	<p>Há uma flor que gosto muito, é a minha flor favorita mas só a vi uma vez na Ericeira, nunca mais a vi, nem mesmo lá, eu tirei foto com o telemóvel. Flor (D sup), pétalas, parte onde as abelhas vão buscar o pólen.</p> <p>R.A.: ↓ A parte de baixo faz-me lembrar um casaco daqueles que as mulheres usam cheios de pelo, com o padrão tigresa, mas sem ninguém lá dentro. Mangas viradas para fora. É por ser meio gordo.</p> <p>D EF Vest</p>	<p>D F+/- Bot</p>
<p>VII. (risos) 13 – Duas bailarinas de ballet a apontarem uma para a outra.</p> <p>↓ 14 - É como se fosse um espelho, é a mesma coisa mas desta vez viradas de costas uma para a outra, uma de frente e outra de trás.</p>	<p>Com os totós no ar, associo que sejam loiras, gémeas. Cara, com o nariz bicudo É como se tivessem vestido o tutu.</p> <p>Cara e cabelo (3º terço). O rabo (1º terço)</p>	<p>G K H</p> <p>G K H</p>
<p>VIII. Esta tem cores. 15 – Dois lagartos a subirem um tronco virados na mesma direcção.</p> <p>16 – Floresta</p>	<p>Parecem as iguanas que mudam de cor. Iguanas irritadas (rosa lateral)</p> <p>Árvores, pela parte verde mas também por causa dos lagartos, as</p>	<p>Observação Cor D kan A Ban</p> <p>D CF Bot</p>

<p>17 – Um caminho, como se não conseguíssemos ver o fim.</p> <p>↓ 18 – Uma flor a deixar cair as pétalas de cada lado, como se estivesse a murchar.</p>	<p>árvores são o habitat deles.</p> <p>(eixo central) caminho que não tem fim, ou pelo menos não dá para ver</p> <p>É como se fosse aquelas rosas que quando murcham ficam meio amareladas e deixam cair as pétalas. As pétalas a cair são os lagartos, aqui é a flor (laranja inf).</p> <p>É como se fosse o lado da tristeza e o lado da felicidade por causa das cores.</p>	<p>D F- Obj</p> <p>G kob Bot</p>
<p>IX.</p> <p>19 – Dois bebés siameses, acho que é assim que se diz. E por cima deles, eles estão agarrados pelo rabo, parece que estão a agarrar</p> <p>20 - duas flores iguais e que se juntam no fim.</p> <p>↓ 21 – Vulcão a entrar em erupção. O fumo, a lava a cair. O vulcão tem olhos e está-se a rir. É parvo!</p>	<p>Bebés, por causa das cabeças, como se estivessem a olhar para cima.</p> <p>As flores aqui no verde e as pétalas (laranja)</p> <p>O fumo (rosa) a lava a cair (verde).</p> <p>R.A.: Luz (Dbl), como se fosse as videntes com a pérola no meio.</p> <p>Dbl C</p>	<p>D K H</p> <p>D F+- Bot</p> <p>G kob Nat</p> <p>Com. Subjectivo</p>
<p>X.</p> <p>22 – Parece uma Torre Eiffel cheia de cores à volta. Parece Paris, eu já fui lá a Paris. Cheio de pessoas a brincarem, e o</p> <p>23 - céu cheio de nuvens,</p> <p>24 - cheio de arbustos</p> <p>25 - e as flores a nascerem.</p> <p>Só se associar ao carnaval devido às cores e for uma máscara. É só.</p>	<p>Devido ao bico, porque também é um triângulo.</p> <p>As nuvens, acho que foi pela cor (azul). Jardim por causa do verde, as flores a nascerem (amarelo)</p> <p>Tem muita cor como o carnaval</p>	<p>D F+ Arq</p> <p>D CF Nat</p> <p>D CF Bot</p> <p>D kob Bot</p>

Prova de Escolhas:

(+ +): II, não sei é devido às cores, gosto muito de preto e vermelho; III, lembra-me a Inês, estamos sempre juntas; VII, faz-me lembrar quando dançava

(- -): IV, porque acho que estão muito chateados, querem os dois se desprender por estarem juntos; VI, porque fez-me lembrar quando vi aquela flor e nunca mais a vi

Psicograma – Maria, 13 anos

R: 25	G: 9	F: 12	F+: 8	A: 5	G%: 36
	(Gbl: 1)		F -: 2	Ad: 2	D%: 64
	D: 16		F+-: 2		
	(Dbl: 1)				
		K: 4 (1-)		H: 5	F%: 44
		Kp: 1		Hd: 1	F+%: 64
		Kan: 2			
		Kob: 3			A%: 27
				Arq: 1	H%: 23
		C: 1		Sg: 1	
		CF: 3		Obj: 1	Ban: 5
				Nat: 2	
				Bot: 6	
				Vest: 1	

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 5K/4.5C

F.C.: 6k/0E

R.C.: 44%

I.A.: 16%

Comentário Subjectivo: 3

Observação Cor: 1

Anexo C – Protocolos Rorschach Pré-adolescentes Masculino

- Protocolo do Hélder, 13 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I. Por acaso não sei...</p> <p>1 – Epa parece um daqueles bonecos tipo dragões com duas cabeças.</p>	<p>Duas cabeças e as mãos (Dd sup), o corpo com as asas (mancha toda).</p>	<p>→Recusa D F⁺ (A)</p>
<p>II. Não sei...</p> <p>2 – Parecem-me duas pessoas de joelhos com a mão dada assim em cima, mais nada.</p>	<p>(negro) Mãos (Dd sup), joelhos e pés (D inf). Foi porque hoje na aula falámos na Coreia e no Japão e nas superstições deles.</p> <p>I. L.: Um coração (D inf. verm.) é parecido. D FC Anat</p>	<p>→Recusa D K H</p>
<p>III. 3 – Isto parece uma senhora com uma mala na mão a ver-se ao espelho e não imagino mais nada.</p>	<p>Por causa da cabeça e aqui pareciam uns saltos altos (Dd inf), aqui as mãos a agarrarem a mala (D inf) e parecia um espelho porque vejo isto reflectido no outro lado.</p> <p>I. L.: Isto parece uma espécie de cachecol (verm. sup), porque parece que tem uma espécie de pêlo. D F- Vest</p>	<p>G K H Ban Obs. Reflexo</p>
<p>IV. 4 – Isto parece uma espécie de rio dividido em três, como se fosse um rio a vir de cima e depois divide-se em três percursos.</p>	<p>Há pouco tempo estava a ver um canal sobre natureza e vi um rio dividido em três e lembrei-me, é igual.</p>	<p>D kob Geo</p>
<p>V. 5 – Isto parece uma borboleta.</p> <p>6 – E uma pessoa com asas, mais nada.</p>	<p>Foi esta parte (D sup) parecer umas antenas e aqui as asas, então pensei na borboleta.</p> <p>Aqui a cabeça com uma bandolete de antenas e as asas.</p>	<p>G F⁺ A Ban G F- H</p>
<p>VI. Não sei...</p> <p>7 – Parece mais ou menos uma guitarra em forma de estrela, mais nada.</p>	<p>Guitarra (D inf) a parte das cordas (eixo central). Lembrei-me de uma guitarra.</p>	<p>→Recusa D F⁺ Obj → E</p>
<p>VII. 8 – Parece-me uma senhora</p>	<p>(1º e 2º terço) Cara de uma senhora</p>	<p>D K H</p>

9 – ou um coelho mais ou menos, mais nada.	idosa como se estivesse a resmungar por ter o cabelo em pé. (1º terço) Orelhas do coelho, cauda do coelho.	D F ⁺ A
VIII. 10 – Isto aqui parece-me uma montanha com várias coisas ao redor dela... 11 – animais. 12 – e rochas.	(D sup) Porque ia de baixo para cima, sempre a crescer. (rosa) Eles parecem ter patas, parecem-me ser animais selvagens. Porque perto das montanhas há rochas (laranja e rosa).	Gbl F ⁺ Pais D F ⁺ A Ban D F+- Geo
IX. 13 – Este aqui parece-me uma fonte, 14 - com duas estátuas de lado e água a passar ao meio.	A base da fonte (rosa) as estátuas (D lateral) e a água (azul claro). Como se fosse um repuxo de água e pensei na fonte.	D kob Elem D F+- Obj
X. Isto aqui... é muito confuso isto tudo... 15 – Em cima parece-me um tronco com duas... 16 - com dois papagaios, e a parte de baixo não sei, mais nada.	(Dd cinza) O tronco por ser direito Os papagaios por causa da boca meio comprida (cinza lat)	Com. Subjectivo Dd F ⁺ Bot D F+ A

Prova de Escolhas:

(+ +): II, porque gosto de fontes e comboios

IX, porque pareceu-me um símbolo de paz

(- -): IV, por causa da resposta do rio não ser muito clara

VII, foi o que menos gostei de todos, não sei porquê

Psicograma – Hélder, 13 anos

R: 16	G: 4	F: 11	F+: 7	A: 4	G%: 25	
(Gbl: 1)	(Gbl: 1)			F -: 2	(A): 1	D%: 69
D: 11	D: 11			F+ -: 2		Dd%: 6,25
Dd: 1	Dd: 1					
		K: 3		H: 4	F%: 69	
		Kob: 2			F+%: 64	
				Elem: 1	Fa%: 88	
				Bot: 1	F+a%: 79	
				Geo: 2		
				Pais: 1	A%: 25	
				Obj: 2	H%: 25	
					Ban: 3	

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 3K/0C

F.C.: 2k/0E

R.C.: 44%

I.A.: 0%

Comentário Subjectivo: 1

Observação Reflexo: 1

- Protocolo do Fábio, 13 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
I.		
1 – Parece aqueles demónios por causa das asas pretas. Parece que está a querer agarrar alguém porque está aqui umas mãos.	Há desenhos animados em que há demónios com asas pretas, parece um demónio (mancha toda) por causa das asas pretas (D sup lateral) as mãos aqui em cima (Dd sup).	G KClob (H)
2 – Parece os pulmões, mais nada.	Faz-me lembrar os pulmões (brancos) porque estão mais ou menos situados nesta parte.	Ddbl F ⁻ Anat
3 - Também me faz lembrar explosões.	Esta parte parece que está a ser levada pelo vento, parece que rebentou (mancha toda).	G kob Explosão
4 – a parte de cima parece um coração	Tem mais ou menos a forma de um coração (Dd sup).	Dd F ⁻ Anat
II.		
5 – A parte vermelha aqui em cima é parecido com uns pulmões.	Nos Raio-X tem mais ou menos assim esta forma (vermelhos sup).	D F ⁻ Anat
6 – a parte do meio parece um coração.	Foi por ser vermelho e depois como tinha a forma de coração (verm. inf)	D FC Anat
7 – a parte preta no principio da parte preta parece um foguetão.	Porque tinha mais ou menos a forma (D sup negro)	D kob Obj
8 – e aqui umas partes parece o fumo que está a sair.	(negro) Porque para além de ser assim preto, a parte aqui do foguetão parece ser os tubos de saída do fumo.	D EF Fumo
III.		
9 – Parece outra vez um pulmão.	Era parecido com o anterior, a cena da forma (vermelhos sup).	D F ⁻ Anat
10 – Aqui em baixo parece esta parte aqui dos ossos (aponta para as próprias costelas).	(D inf central) Parece uns ossos de um filme que vi, que já não me lembro qual era.	D F ⁻ Anat
↓ 11 – Aqui a parte de baixo parece sangue.	Porque é vermelho	D C Sg
↑ 12 – Parecem os países e os continentes do mapa-mundo.	Pensei no mapa-mundo, as ilhas (D inf central) aqui países unidos e as fronteiras (restantes negros). Inq. Limites: ↓ Sim, por acaso virando o cartão assim parecia o cadáver de uma pessoa já bastante degradado. Olhos (D inf), braços (D	D F ⁻ Geo

	lateral inf) e mãos (Dd inf). ↑ Com o cartão direito não... (D F- H)	
IV. 13 – Parece um monstro... Parece assim uns desenhos animados. 14 – Faz-me lembrar o fumo a sair das fábricas, 15 - tipo aqui a fogueira e está assim a sair fumo.	Porque há aqueles monstro (mancha toda) que têm uns cornos grandes (D lateral sup) e os pés grandes (D lateral inf). A fogueira aqui (D inf) e o fumo aqui, por ser preto e as fábricas que não têm filtros deitam fumo muito preto (mancha toda).	G Fclob (H) D EF Fumo D kob Elem
V. 16 – Este aqui parece uma borboleta. 17 – Também parece um morcego, não me faz lembrar mais nada.	Parece assim aqui umas antenas e depois as asas. Também por ser assim (como a borboleta) e por ter as patas (D inf).	G F ⁺ A Ban G F ⁺ A
VI. 18 – Este aqui parece... A parte de baixo parece fumo. 19 - depois há aqui uma parte que parece que está a sair um míssil do meio do fumo todo, e mais nada.	Por ser preto, conforme o míssil foi disparado deitou muito fumo (D inferior) (D superior)	D EF Fumo D F ⁺ Obj
VII. 20 – Aqui a parte de baixo parece um animal. 21 – Depois parece os países ligados pelas fronteiras. 22 - Parece aqueles bonecos que têm assim umas asas grandes 23 – Parecem assim as nuvens e quando os bonecos passam pelas nuvens 24 - e há um castelo.	Porque há animais que têm assim o corpo e depois as asas (3º terço) animal (centro) asas (D lateral). (1º 2º e 3º terço) Pensando no Mapa Mundo tem assim os países todos ligados. (3º terço) animal e asas Parecem as nuvens (mancha toda) Como os dos desenhos animados (Dd 1º terço)	D F+- A G F ⁺ Geo D F+- Obj G EF Nat Dd F- Arq
VIII. 25 – Parece os ossos. Parece assim o peito (aponta para o próprio peito)	(D sup) Pensando no esqueleto humano parece o peito.	D F ⁺ Anat

→ 26 – Dois animais grandes.	(rosa) Parece ser dois animais grandes, eles os dois pareciam uns dinossauros por serem grandes e por causa do formato.	D F+ A Ban
27 – Esta parte aqui parece que está a deitar fumo.	Esta parte aqui (Dd central) está a deitar fumo ou fogo (D inf), parece mais ser fogo, por ser assim laranja.	D kob Elem
IX. 28 – Este aqui parecem ser dois dinossauros. 29 – depois aqui em baixo também parece a parte dos músculos. 30 – Entre a parte cor-de-laranja parece que está aqui um lago.	Por serem grandes e parece que estão a combater (laranjas) Pensando no corpo humano parece a parte dos músculos, por causa da forma (rosa) Por ser azul parece que está um lago (azul claro). R.A.: Parece aquelas casas meio degradadas (laranja) porque tem uma forma um bocado estranha, parece que com o passar do tempo foi-se degradando. (D F- Arq)	D kan A D F- Anat D CF Elem
X. Então hum... 31 – Há aqui uma parte que parecem dois países. 32 – e há aqui uma parte azul que parece que liga os dois países. 33 – Uma parte de cima que parecem os ossos. → 34 – Depois também tem aqui uma parte junto dos países que tem dois animais. 35 – A parte azul parece dois bonequinhos 36 – A parte que parece os ossos	(rosas) Pensando no Mapa Mundo parece a América do Norte. Uma espécie de ponte, porque é o que normalmente liga um lado ao outro (azul central). Por causa da parte direita (cinza sup). Veado, por ter os cornos grandes e estar assim direito (castanho) e aqui R.A.: parece outro animal (amarelo) assim de repente parece um camaleão pela forma. (D F- A) Dois dragões que estão a atacar a central, porque há um jogo em que tenho de chegar a uma central e tenho de apanhar um cubo e há um dragão que não me deixa lá chegar e é parecido. (cinza sup) Parece uma central.	D F- Geo D F- Obj D F- Anat D F+ A D kan (A) D F- Obj

parece uma central que parece estar a ser atacada.		
--	--	--

Prova de Escolhas:

(+ +): IV, porque parece um monstro dos jogos.

X, porque é bastante colorido e porque faz-me lembrar bastantes coisas.

(- -): II, porque é muito simples, não tem grande coisa.

VI, porque é preto e porque não tem muita coisa para eu imaginar.

Psicograma – Fábio, 13 anos

R: 36	G: 7	F: 20	F+: 4	A: 6	G%: 19
	D: 26		F -: 14	Ad: 0	D%: 72
	Dd: 3		F+-: 2	(A): 1	Dd%: 8,3
	(Ddbl: 1)				
		K: 1		H: 0	F%: 54
		Kan: 2 (1-)		Hd: 0	F+%: 20
		Kob: 5		(H): 2	Fa%: 72
					F+a%: 38
		C: 1		Anat: 9	
		CF: 1		Sg: 1	A%: 17
		FC: 1		Obj: 5	H%: 0
				Nat: 1	(H)%: 5
		EF: 4		Geo: 3	
				Elem: 3	Ban: 2
		FClob: 2		Fumo: 3	
				Explosão: 1	
				Arq: 1	

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 1K/3C

F.C.: 7k/4E

R.C.: 34%

I.A.: 29%

- Protocolo do Ivo, 13 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
I. 1 – Uma águia.	As asas (D sup lateral) águia (D sup). (Só no D sup)	D F ⁺ A
2 – Uma abelha. Quantas respostas tenho de dizer?	(parte central da mancha) por causa das patinhas (Dd sup) e do ferrão (D inf).	D F ⁺ A
3 – Um monstro e acho que é só.	Foi o desenho todo, porque tem tipo as asas e os corninhos e parece um boneco que tenho de um jogo.	G Fclob (H)
II. 4 – Um coração.	(D inf) Pensei na minha namorada. Foi o que pareceu que estava aqui.	D FC Anat
5 – Sangue.	Por causa do vermelho (vermelhos)	D C Sg
6 – Aqueles animais do mar, não me estou a lembrar do nome... Ah! Lagosta.	(verm. sup) Porque gosto de lagosta, a forma que aqui está parece uma lagosta por causa das patas e da cabeça.	D FC A
7 – Marcas dos dedos.	(verm dentro do negro) Parecem as impressões digitais.	Dd F ⁺ - Marcas
Matemática.	Porque parece uma figura que damos a matemático, acho que é a reflexão (pelo facto da figura se desdobrar).	Obs. Reflexo
III. 9 – Uma borboleta.	(verm. central) Gosto de borboletas raras e coloridas, tem o formato.	D F ⁺ A Ban
10 – Sapatos	Pareceu sapatos (Dd inf).	Dd F ⁺ Vest
11 – e pessoas a falarem	(negros)	G K H Ban
12 – e uma guitarra.	(verm. sup) Porque gosto de tocar guitarra.	D F ⁺ Obj
IV. 13 – Um grande sapato. E também há a hipótese de não ver nada? Não vejo mais nada neste.	(D lateral inf). Os sapatos que eu quero comprar. Associei os sapatos que eu quero a isto.	D F ⁺ Vest
V. 14 – Uma borboleta gigante.	Pareceu-me o formato de uma borboleta, as asas (D lateral) e a cabeça (D sup).	G F ⁺ A Ban
15 – E a boca de uma hiena.	(D lateral) Pelo riso das hienas.	D F ⁺ Ad

16 – E umas asas.	(D lateral)	Do F+ Ad
VI. 17 – Um vulcão, é só.	Vulcão (D inf), cratera do vulcão (D central). Parece a lava a explodir-se (D sup). Gosto de ciências, tenho 4 e tive Satisfaz Bem.	G kob Nat
VII. 18 – Duas pessoas. 19 – e um cão . 20 - e um cavalo.	Quando falo com os meus colegas às vezes eles estão longe quando falo com eles, como os meus amigos do Algarve e tenho saudades deles. Só as cabeças. (1º terço sem Dd sup). (1º e 2º terço) A minha vizinha tem um cão que está sempre a saltar e lembrei-me do cão e do cavalo também porque põem as patas da frente assim no ar.	D F ⁺ H/Hd D F ⁺ A D F ⁻ A
VIII. 21 – Este lembra-me um dinossauro e mais nada.	(rosas) Porque está relacionado com as ciências, parece o corpo de um dinossauro. R.A.: Vulcão, porque faz lembrar quando os dinossauros viviam naquela época que tinha vulcões. D kob Nat	D F ⁺ (A)
IX. 22 – Este lembra-me a cara de um animal, mais nada.	(azul claro) Pelas duas narinas, associei a um animal.	D F+- Ad
X. 23 – Este lembra-me os pulmões. 24 – e um polvo, mais nada.	(cinza) Parecem os pulmões. (azul) Porque os meus pais e toda a minha família gosta de polvo, pareceu-me o polvo, a cara e os tentáculos.	D F ⁺ Anat D F+ A

Prova de Escolhas:

(+ +): III, porque parece-se com colegas meus e gosto de falar com eles.

VI, porque se parece com ciências e gosto de ciências.

(- -): I, porque no jogo não consigo passar essa fase que é bué difícil passar.

X, porque não gosto de polvo e tenho de gostar.

Psicograma – Ivo, 13 anos

R: 23	G: 4	F: 17	F+: 14	A: 8	G%: 17
	D: 17		F -: 1	Ad: 3	D%: 74
	(Do: 1)		F+ -: 2	(A): 1	Dd%: 8,7
	Dd: 2				
		K: 1		H: 2	F%: 74
		Kob: 1		Hd: 1	F+%: 82
				(H): 1	
		C: 1			A%: 46
		FC: 2		Anat: 2	H%: 13
				Sg: 1	
		FClob: 1		Obj: 1	Ban: 3
				Nat: 1	
				Vest: 2	
				Marcas: 1	

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 1K/2.5C

F.C.: 1k/0E

R.C.: 17%

I.A.: 30%

Anexo D – Protocolos Rorschach Adolescentes Feminino

- Protocolo da Rita, 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I.</p> <p>1 – Um bicho ou assim... Não consigo ver mais grande coisa. Basicamente um bicho com asas.</p> <p>2 – Ah! Também, sei lá, parece uma ovelha com um ar ameaçador. De resto não vejo mais nada.</p> <p>3 – Deste lado parecem lobos aqui</p> <p>4 – Aqui deste lado parece uma pessoa a gritar com a língua de fora ou assim.</p>	<p>Esta parte aqui parece assim a cabeça (D sup) e aqui as asas (D lateral)</p> <p>Aqui parece o focinho, os olhos (Ddbl), as orelhas e os cornos</p> <p>(Dd sup) a cabeça, os olhos e o focinho</p> <p>(D lateral inf) cabeça da pessoa, o nariz, a boca e a língua</p>	<p>G F⁺ A</p> <p>Gbl Fclob A/Ad</p> <p>Dd F- A/Ad</p> <p>D K H/Hd</p>
<p>II.</p> <p>5 – Ah dois coelhos</p> <p>6 – Parecem mãos a segurar numa coisa</p> <p>7 – Aqui parece a cara de um bicho</p> <p>8 – Aqui no meio parece-me um pássaro. De resto acho que é só, não sei mais</p>	<p>(negro) orelhas para trás, rabo, parece que estão de joelhos ou assim</p> <p>(verm. sup) por causa destas partes aqui mais escuras, parecem os dedos</p> <p>(verm. inf) por causa dos olhos, parece assim o focinho mesmo de um bicho</p> <p>Bico (D sup), corpo do pássaro (Dbl)</p>	<p>D F⁺ A Ban</p> <p>D kp Hd</p> <p>D F+- Ad</p> <p>Dbl/D F- A</p>
<p>III.</p> <p>Hum...</p> <p>9 – Duas pessoas, um homem, não sei</p> <p>10 – Uma borboleta</p> <p>11 – Aqui deste lado parece-me um pássaro a cair ou assim. Os homens parece que estão a agarrar uma cesta. De resto mais nada</p>	<p>(negro) O formato, está tipo assim inclinado para a frente</p> <p>(verm. central) Pareciam as asas</p> <p>(verm. sup) Este bocado parece um bico, parece que o pássaro está morto e está assim a cair Por causa da forma, uma pega e o resto da cesta.</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F⁺ A Ban</p> <p>D kan A</p>
<p>IV.</p> <p>12 – Parece assim um homem grande com uns pés assim um bocadinho maiores. Parece que está</p>	<p>Os pés (D inf lat), os braços tão assim a cair ou assim (D sup lat) Tronco (D inf), tem muitas coisas a</p>	<p>G K H</p>

<p>sentado num tronco ou assim. Os braços parecem minhocas e os sapatos parecem de salto alto ou assim (abana a cabeça a olhar para mim a dizer que não)</p>	<p>sair de lado</p>	
<p>V. 13 – Parece uma borboleta assim meio esquisita. 14 – Aqui de lado parecem crocodilos. Não consigo ver mais nada</p>	<p>Toda a mancha, porque aqui (D sup) parece os cornos, aqui as asas um bocado esquisitas mas... Por causa da forma como está, parece que está com a boca aberta</p>	<p>G F⁺ A Ban D F⁺ Ad</p>
<p>VI. 15 – Uma libelinha. 16 – Isto parece uma flor ou assim... 17 – Aqui em baixo parece a cara de um bicho ou assim 18 – Parece tipo uma borboleta pequenina. Não consigo ver mais nada.</p>	<p>(D sup) Por causa da forma das asas (D inf) Isto parecem as pétalas Isto aqui parecem as mandíbulas, não sei como é que é (Dd inf) Por causa da forma da mancha, parecem as asas (Dd central) R.A.: Livro com braços (D inf), por causa do risco do meio, parece que está aberto e os braços por causa das mãos que estão assim com o dedo de fora (exemplifica) D F⁻ Obj/Hd</p>	<p>D F⁺ A D F^{+/-} Bot D F⁻ Ad Dd F⁻ A</p>
<p>VII. (risos) 19 – Parece um cão com uma cara de elefante 20 – Ao contrário parece uma rapariga de perfil 21 – Aqui em baixo parece uma borboleta com asas um bocadinho maiores 22 – Isto parece uma banana aqui de lado. Mais nada</p>	<p>(1º e 2º terço) Por causa da maneira da pata, parece que está a pedir ou assim (1º e 2º terço) Parte onde estão os olhos, nariz e boca, aqui sabe, parece que ela está grávida ou assim Sabe, esta parte (centro) parece mesmo de borboleta e depois as asas Por causa do formato assim meio torto e das manchas R.A.: Isto aqui parece sapatos (Dd inf) por causa do formato Dd F⁺ Vest</p>	<p>D F⁻ Ad D F⁺ H D F⁺ A D FE Alim</p>

<p>VIII. Hum... 23 – Aqui parece um camaleão de lado</p> <p>24 – Aqui deste lado parece que é uma mão a fazer um fixe (exemplifica)</p> <p>25 – Isto faz-me lembrar um leão, dois por acaso</p> <p>26 – Isto também parece uma borboleta ou assim</p> <p>27 – E isto parece um bicho</p>	<p>(rosas) Parece aqui as patas e depois aqui a cauda</p> <p>Por estar manchado e depois só um bocado para cima</p> <p>Não sei bem explicar mas parece quando ele tá assim a olhar para cima (Dd inf)</p> <p>(verde) por causa das manchas aqui de lado parecem as asas e o corpo</p> <p>(D sup) As patas e aqui parece sabe, uma coisa pontiaguda.</p> <p>R.A.: Cauda de uma Sereia (Dd sup) por causa do formato D F+- (Hd)</p>	<p>D F⁺ A Ban</p> <p>D kp Hd</p> <p>D F⁻ A →kan</p> <p>D F⁺ A</p> <p>D F+- A</p>
<p>IX. Ah... 28 – Uma rena</p> <p>29 – No meio parece a cara de um animal ou assim com olhos e com nariz</p> <p>30 – Faz-me lembrar uma foca</p> <p>31 – Isto faz-me lembrar umas luvas de boxe</p> <p>32 – E aqui no meio parece a raiz de uma árvore, mais nada</p>	<p>Parece que tem aqui os cornos ou assim, parece que estão a olhar para o céu (laranjas)</p> <p>(D central) É um animal assim esquisito, olhos neste bocado mais escuro, e o nariz, parecem as narinas</p> <p>(D lat) esta parte mais saída é a parte da cabeça</p> <p>(Dd inf) pelo formato lembra</p> <p>(Dd central) Este mais roxo ou assim parece as raízes</p>	<p>D kan A</p> <p>D F+- Ad</p> <p>D F⁺ A</p> <p>D F⁻ Obj</p> <p>Dd F⁻ Bot</p>
<p>X. (sorri) 33 – Umas algas</p> <p>34 – Faz-me lembrar um rato</p> <p>35 – Isto faz-me lembrar aquelas coisinhas que as mergulhadoras</p>	<p>(azuis) As várias coisas saídas, e depois, não sei explicar bem</p> <p>(cinza Dd) Por causa parece que estão em pé, aqui as patas mas não se vê muito bem o focinho</p> <p>(laranja central) Pelo formato</p>	<p>D F+- Bot</p> <p>D F⁺ A</p> <p>D F+- Obj</p>

usam debaixo de água para pôr no nariz		
36 – Cavalo-marinho	(rosas) Por causa do formato e porque aqui parece o focinho	D F ⁺ A
37 – Um gafanhoto	(verde sup) Por causa da cor, por ser verde, e por ter as patas de fora	D FC A
38 – Uma aranha e...	(castanho) Também me faz lembrar caranguejos, parecem as patas	D F ⁻ A
39 – Parece um bicho com um corno	(amarelo central) O olho nesta parte laranja, aqui o corno e a pata	D F ^{+/-} A
40 – Aqui parece a cara de um coelho	(Dd inf) Por causa das orelhas e do focinho	D F ⁺ Ad Ban
41 – Parece uma pistola assim meio esquisita	(amarelo lat) Parece a pega da mão e como aqui é maior fez-me lembrar a pistola	D F ⁻ Obj
42 – Aqui parecem homens virados ao contrário. De resto não é mais nada.	(azuis centrais) Este meio não me fez lembrar nada, as pernas e um bocado do braço	D F ⁻ H

Prova de Escolhas:

(+ +): II e III, por causa das cores, por ter vermelho

(- -): V e IX, foram ambos diferentes de ver e dizer, este mais (IX) mas este (V) também não gostei muito

Psicograma – Rita, 17 anos

R: 42	G: 5	F: 32	F+: 14	A: 22	G%: 12
(Gbl: 1)	F -: 11		Ad: 5	D%: 81	
D: 34	F+-: 7		Dd%: 7		
(Dbl/D: 1)					
Dd: 3	K: 3 (2-)		H: 5	F%: 76	
	Kp: 2		Hd: 3	F+%: 44	
	Kan: 2 (1-)			F%a: 88	
			Obj: 3	F+%a: 62	
	FC: 1		Alim: 1		
			Bot: 3	A%: 64	
	FE: 1			H%: 19	
	FClob: 1			Ban: 5	

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 3K/0.5C

F.C.: 4k/0.5E

R.C.: 48%

I.A.: 26%

- Protocolo da Ana, 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I. 1 – Uma borboleta Posso Virar?</p> <p>↓ 2 – Uma coroa</p> <p>→ 3 – E uma estrela E acho que daqui não consigo retirar mais nada</p>	<p>A cabeça (D sup) e isto as asas (D lat)</p> <p>Por causa da forma</p> <p>Visto de lado assim, parecem as pontas da estrela (aponta as pontas da estrela)</p>	<p>G F⁺ A Ban</p> <p>G F⁺ Obj</p> <p>G F⁺⁻ Nat</p>
<p>II. 4 – Isto faz-me lembrar pulmões. Que estranho...</p> <p>↓ 5 – Um espelho (múltiplas manipulações) Não consigo ver mais nada daqui</p>	<p>(aponta para os negros) É a forma dos pulmões</p> <p>Em casa tenho um espelho parecido com, uma forma semelhante, o espelho é o branco</p> <p>R.A.: ↓ Os pés de uma criança (verm. sup), porque tem uma forma de pés e parece que está a sair de uma pessoa. D kp Hd</p> <p>R.A.: ↑ Vejo um coração (D inf), porque tem a forma de um coração D FC Anat</p>	<p>D F⁻ Anat Com. Subjectivo</p> <p>Dbl CF Obj</p>
<p>III. 6 – Faz-me lembrar o útero</p> <p>↓ 7 – E isto uma mosca</p>	<p>(negro) Porque como tenho biologia faz-me lembrar muito a zona do útero</p> <p>(negro) Os olhos, a estrutura dela e as pernas</p> <p>I.L.: Sim (Figuras humanas) Talvez aqui assim fetos (verm. sup), porque quando se ligam ao útero têm uma aparência D F⁻ Anat</p>	<p>D F⁻ Anat</p> <p>D F⁻ A</p>
<p>IV. ↓ 8 – Uma árvore</p> <p>↑ 9 – E um monstro (risos) (múltiplas manipulações) Acho que não me faz lembrar mais nada</p>	<p>Os troncos (D central), as raízes (D lat sup) e as folhas (D lat inf)</p> <p>Por causa da cara, a forma de uma cara assustadora, os pés grandes e a forma dos braços esquisitos</p>	<p>G EF Bot</p> <p>G Fclob (H)</p>
<p>V. 10 – Morcego</p>	<p>Por causa das asas e da cara e do</p>	<p>G F⁺ A Ban</p>

→ 11 – E assim faz-me lembrar uma andorinha que bate na água e o seu reflexo	coiso. (D lat) o bico e a asa	D F ⁺ A Obs. Reflexo
VI. Ok... ↓ 12 – Uma estrela de árvore de Natal → ↑ 13 – Uma tartaruga talvez. E acho que mais nada	Por causa do coiso final da estrela de Natal (D sup), e a estrela (D inf) Por causa aqui da carapaça vista de cima e as patas (D inf). Tartaruga (D sup)	G F ⁺ Obj G F ⁺ A
VII. 14 – Dois bebés, um de cada lado. 15 – Também pode ser dois coelhos ↓ 16 – Dois cães a comer erva. Acho que não consigo ver muito mais	(1 ^o terço) Porque isto pareceu um útero devido a isto (3 ^o terço) e isto tem a forma de duas crianças (1 ^o terço) Por causa das orelhas Cães (1 ^o e 2 ^o terço, erva (3 ^o terço) Por causa da cauda, das orelhas, formato do focinho e o corpo	D F ⁺ H D F ⁺ A G kan A
VIII. ↓ 17 – Um coração → 18 – Dois camaleões ↓ 19 – E uma borboleta? Sim uma borboleta 20 – E um fantasma	Por causa da forma destes lados a revestir o coração (D central) (rosa) Por causa das patas e do formato do corpo Cabeça (Dd inf) e as asas (rosas laterais) (D inf) Como vejo sempre nos filmes de terror	D F ⁻ Anat D F ⁺ A Ban D F ⁻ A D F ⁺⁻ (H)
IX. 21 – Uma vaca... a comer 22- erva ↓ 23 – E uma explosão	Por causa do formato de nariz (D central). A erva (verde) como é verde e o formato do nariz e da boca está a ir em direcção ao verde. Tipo um fogo-de-artifício. Fumo a ir nesta direcção (de baixo para cima com o cartão ao contrário)	D kan A D CF Bot G kob Explosão
X. 24 – Aranhas... ↓ 25 – Pulmões outra vez	(azul) O corpo e montes de patas (rosa) Faz-me lembrar os pulmões ligados por isto (cinza)	D F ⁺ A Ban D F ⁻ Anat

<p>26 – E uma cara com um sorriso</p> <p>Acho que não consigo ver mais nada.</p>	<p>Olhos (amarelo central), nariz (azul central) e boca (laranja central)</p>	<p>D kp Hd</p>
--	---	----------------

Prova de Escolhas:

(+ +): III, por causa dos gémeos

X, por causa da cara a sorrir

(- -): IV, porque tem um aspecto de um monstro

IX, porque me faz lembrar coisas do passado que ainda hoje me custa lembrar

Psicograma – Ana, 17 anos

R: 26	G: 10	F: 18	F+: 10	A: 11	G%: 38	
	D: 16			F -: 6		D%: 62
	(Dbl: 1)			F+-: 2	H: 1	
				Hd: 1		
		Kp: 1		(H): 2	F%: 69	
		Kan: 2			F+%: 55	
		Kob: 1		Anat: 4		
				Explosão: 1	A%: 42	
		CF: 2		Obj: 3	H%: 8	
				Nat: 1	(H)%: 8	
		EF: 1		Bot: 2		
					Ban: 4	
		FClob: 1				

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 0K/2C

F.C.: 3k/1E

R.C.: 38%

I.A.: 19%

Comentário Subjectivo: 1

Observação Reflexo: 1

Anexo E – Protocolos Rorschach Adolescentes Masculino

- Protocolo do Sérgio, 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I. Mas o que é que eu digo? É escuro, não sei o que é que hei-de dizer mais. Parece um pouco sombrio não sei...</p> <p>1 – Parece-me um morcego</p>	Aqui a forma parecem asas (D lat sup) e aqui parecem umas patinhas (Dd sup). Talvez o medo	Com. Subjectivo D F ⁺ A Ban
<p>II. 2 – Parece-me sangue</p> <p>3 – Parecem dois cães</p>	(vermelhos) Porque a cor é parecida, está espalhado como se fosse sangue (D negros) Formato da boca, os olhos e as orelhas	D C Sg D F ⁺ A Ban
<p>III. 4 – Parecem duas pessoas</p> <p>5 – Parece uma borboleta no meio</p>	(D negros) Parece uma cara, um nariz, os olhos, os braços e as pernas. Parecem duas senhoras porque (aponta) têm saltos altos O formato da mancha (verm. central)	G K H Ban D F ⁺ A Ban
<p>IV. 6 – Faz-me lembrar o mar</p>	Tem aqui umas coisinhas brancas faz lembrar as ondas as ondas quando estamos no mar alto, apesar de não ser assim tão negro (D sup lat)	D bl EF Nat
<p>V. 7 – Parece um pássaro</p> <p>8 – Um avião</p>	Estas asas aqui, menos estas duas partes (Dd sup) De certa forma faz lembrar assim o avião, as asas a formarem um triângulo (D laterais)	♯ F ⁺ A Ban D F ⁺ Obj
<p>VI. 9 – Uma estrela. Não me faz lembrar mais nada</p>	Afinal são duas (aponta as pontas da estrela D inf) mais a de cima, porque tem cinco pontas	G F ⁺ Nat
<p>VII. 10 – Duas caras de duas senhoras, parece que vão a cair</p>	A cara nariz, a boca, parecem senhoras porque têm o cabelo comprido e atado. Vão a cair porque o cabelo está no ar, parece que vão em queda livre (1º e 2º terço) (3º terço) Tem a forma de um livro e	D Kp Hd

11 – Um livro. Mais nada	está entreaberto	D F ⁺ Obj
VIII. Colorida, mais alegre...		Observação Cor
12 – Dois animais	(rosa) Porque têm quatro patas	D F ⁺ A Ban
13 – A relva e não vejo mais nada	(verde escuro) O verde, faz-me lembrar espaços verdes, natureza	D CF Nat
IX. 14 – Chamas	(laranja) Parecem duas bolas de fogo	D kob Elem
15 – Água	(Dbl) Tem a cor meio transparente, azul transparente da água	Dbl C Elem
16 – Uma floresta Mais nada	(verde) Esta cor faz-me lembrar as diversas tonalidades das árvores e uma floresta porque é muito grande	D FC Nat
X. É complexo...		Com. Subjectivo
17 – Flores	Porque tem o verde das plantas (castanhos lat) e as pétalas de amarelo (amarelos lat)	D CF Bot
18 – Uma guitarra É agradável. Mais nada.	(cinza) Na verdade parecem duas, porque tem estas partes e a parte de cima.	D F ⁻ Obj Com. Subjectivo

Prova de Escolhas:

(+ +): IX e X, porque são muito mais coloridos. O X é complexo e agradável de ver as cores em conjunto ficam bem.

(- -): I, é muito escuro e faz lembrar medo.

VI, este porque não é muito interessante.

Psicograma – Sérgio, 17 anos

R: 18	G: 3	F: 9	F+: 8	A: 5	G%: 17
	(G : 1)		F -: 1		D%: 83
	D:15		F+-: 0		
	(Dbl: 1)				
		K: 1		H: 1	F%: 50
		Kp: 1		Hd: 1	F+%: 89
		Kob: 1			
				Bot: 1	A%: 28
		C: 2		Elem: 2	H%: 11
		CF: 1		Sg: 1	
		FC: 2		Obj: 3	Ban: 6
				Nat: 4	
		EF: 1			

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 1K/5C

F.C.: 2k/1E

R.C.: 39%

I.A.: 11%

Comentários Subjectivos: 2

Observação Cor: 1

- Protocolo Bernardo, 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
<p>I. É para dizer o que eu imagino ou o que parece? Hum... isto é estranho.</p> <p>1 – Parecem dois anjos de frente um para o outro</p> <p>2 – Também parece um coração mais ou menos. Algo voador, não sei bem o quê</p> <p>3 – Nuvens</p> <p>4 - Insectos, não sei Parece um casal, como está assim simétrico. Acho que é só</p>	<p>Duas cabeças, parece que estão-se a beijar (D sup), os pés (Dd inf) as asas a trás (D lat)</p> <p>O formato (mancha toda)</p> <p>Este aspecto ondulado (D lat inf)</p> <p>O facto de estar aqui estes buracos parecem as patas (Dcl) e o insecto está à volta.</p>	<p>Com. Subjectivo</p> <p>G K (H)</p> <p>G F⁻ Anat</p> <p>D EF Nat</p> <p>D F^{+/-} A Com. Simetria</p>
<p>II. Hum... ↓ 5 – Parece um insecto</p> <p>6 – Uma pessoa a saltar. Não estou a ver mais o que é.</p>	<p>Por causa das antenas (D inf) e das asas (negro), uma borboleta talvez, o corpo (Dbl)</p> <p>Aqui (verm. sup) dá a ideia de pernas</p>	<p>D bl F⁻ A</p> <p>D K H/Hd</p>
<p>III. ↓ 7 – Parece um esqueleto. Hum... 8 – E isto parece um coração quebrado ↑ 9 – Uma cara cortada ao meio</p>	<p>Ossos (D inf) as costelas (D negro)</p> <p>(verm. central) Porque associei ao meio de um corpo e também pela cor.</p> <p>Olhos (verm. sup), um nariz e boca (D inf.</p> <p>I.L.: (figuras humanas) Sim, agora que vejo, a cabeça, o tronco e pernas. A segurar qualquer coisa. G K H Ban</p>	<p>D F⁺ Anat</p> <p>D FC Anat</p> <p>D F⁻ Hd</p>
<p>IV. 10 – Parece um gigante. Hum... ↓ 11 – Um ser voador, não sei bem ↑ 12 – Uma taça. Não estou a ver mais</p>	<p>Porque tem pernas muito grandes e parece que vai diminuindo</p> <p>Uma espécie de dragão. Cabeça (D inf) asas (D lat inf)</p> <p>Porque tem aqui as pegas (D lat sup) e esta parte de baixo (D inf)</p>	<p>G Fclob (H)</p> <p>D F⁻ A</p> <p>D F⁻ Obj</p>

<p>V. 13 – Um morcego</p> <p>↓ 14 – Uma nuvem. Não sei...</p>	<p>Tudo, cabeça, asas e as patas</p> <p>Porque é ondulado e grande, não é definido</p>	<p>G F⁺ A Ban</p> <p>G EF Nat</p>
<p>VI. 15 – Parece que é uma placa</p> <p>↓ 16 – Parece um bocado de carne a ser queimado</p> <p>↑ 17 – Uma bandeira 18 - num barco</p> <p>19 – Uma campa, mais nada.</p>	<p>Esta parte (D sup) e esta (D central) que espeta</p> <p>Porque isto aqui parece fogo, as labaredas (D sup) e isto é assim a carne (D inf) D kob Elem</p> <p>Isto parece a bandeira (D sup) e isto um barco (D inf)</p> <p>Dá a ideia que isto está para cima e aqui está uma espécie de bandeira a homenagear a pessoa (D sup). Esta parte não entra (D inf)</p>	<p>D F- Obj</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F+ Simb D F- Obj</p> <p>G F- Obj</p>
<p>VII. 20 – Parece uns cornos. Desculpe.</p> <p>21 – Um colar</p> <p>↓ 22 – Pernas e anca. É só</p>	<p>O formato de uns cornos</p> <p>Pela mesma razão, parece que tem várias peças</p> <p>Ancas, cintura (3º terço) pernas (1º e 2º terço)</p>	<p>G F- Ad</p> <p>G F⁺ Obj</p> <p>G F- Hd</p>
<p>VIII. ↓ 23 – Uma taça</p> <p>24 – Um esqueleto</p> <p>25 – Uma armadura</p> <p>26 – Roupa</p> <p>27 – Parece partes do corpo humano. (múltiplas manipulações) Acho que é só</p>	<p>Sim, as pegas (D lat) e a taça (D inf)</p> <p>Tudo, parece os ossos</p> <p>Aqui (D inf), aqui para os braços, é tudo também</p> <p>Calções, cuecas, mancha toda, pela forma</p> <p>Braços (rosas lat), ancas (verde)</p>	<p>Gbl F- Obj</p> <p>G F- Anat</p> <p>G F- Obj</p> <p>G F+- Vest</p> <p>D F⁻ Hd</p>
<p>IX. ↓ 28 – Um martelo</p> <p>29 – Uma espécie de insecto, umas</p>	<p>A pega (D central) e aqui o martelo (D inf)</p> <p>Olhos (rosa) patas (verde + laranja)</p>	<p>D F- Obj</p> <p>D F- A</p>

asas		
30 – Umas pernas de um sapo. Acho que é só	Parece pernas de sapo (laranja + verde) e os olhos (rosa)	D F ⁻ Ad
X. Parecem ser vários órgãos do ser humano		
31 – Pulmões	(rosa) Porque tem as ligações (cinza)	D F ⁺ Anat
32 – Rins	(laranja) Associei a estes pequenos filamentos	D F ⁻ Anat
33 – Teias de aranha	(azul) Porque parece uma rede	D F ⁺ A
34 – E alguns pássaros	(amarelo central) Um bico, os olhos	D F ⁺ A
35 – Folhas. Acho que é só isso.	(verdes) Pelo formato e cor.	D CF Bot

Prova de Escolhas:

(+ +): I e VI, porque parecem mais imagens reais, os outros parecem um bocadinho sonhos, este também (I)

(- -): VII e IX, havia pouca coisa, não gosto muito da forma

Psicograma – Bernardo, 17 anos

R: 35	G: 13	F: 28	F+: 7	A: 7	G%: 37
	(Gbl: 1)		F -: 19	Ad: 2	D%: 63
	D: 22		F+-: 2		
	(Dbl: 1)				
		K: 2 (1-)		H: 1	F%: 80
				Hd: 4	F+%: 25
		CF: 1		(H): 2	Fa%: 91
		FC: 1			F+a%: 34
				Anat: 7	
		EF: 2		Vest: 1	A%: 26
				Obj: 8	H%: 11
		FClob: 1		Nat: 2	
				Bot: 1	Ban: 1
				Simb: 1	

T. Apreensão : G; D; Dbl; D bl

T.R.I.: 2K/2.5C

F.C.: 0k/1E

R.C.: 33%

LA.: 29 %

Comentário Subjectivo: 1

Comentário Simetria: 1

- Protocolo do Tiago, 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotações
I. 1 – Um morcego	Aqui pelas asas (D lateral) Só aqui (D sup)	D F ⁺ A Ban
2 – Uma abobora (múltiplas manipulações) Acho que é só.	Os olhos e a boca, os dentes (Dbl) abobora (mancha toda)	Gbl F ⁻ Alim
II. 3 – Uma cara com a boca aberta (abana a cabeça a olhar para mim a dizer que não)	Olhos (verm. sup) boca aberta (Dbl) queixo (verm. inf) bochechas (negro)	Gbl F ⁻ Hd
III. (risos) 4 – Duas pessoas acho eu, ou animais ou patos, dois.	(negro) Aqui parece a boca ou o bico, aqui as pernas, falta uma, e aqui as mãos. I.L.: Aqui parece um laço vermelho (verm. central) D F ⁺ Vest Ban Os outros não sei, talvez sangue (verm. sup) D C Sg	G K H Ban
IV. 5 – Um javali	O nariz (D inf) e as orelhas (D sup lateral). É o focinho do javali	G F ⁺ A/Ad
V. 6 – Borboleta (múltiplas manipulações)	Aqui pelas asas e pelo...	G F ⁺ A Ban
VI. 7 – Tapete em forma de animal ou...	Aqui pela cabeça parece um tigre (D sup), aqui parece as patas e as pernas.	G F ⁺ A
VII. 8 – Parecem duas senhoras	Aqui pela cabeça (1 terço) e aqui pelas mãos (2º terço)	D F ⁺ H
VIII. 9 – Dois bichos a subir qualquer coisa...	Aqui parecem duas raposas (rosas) pelo aspecto, pelas pernas e cauda.	D F ⁺ A Ban
10 – Uma árvore	Aqui (verdes) pela forma de árvore triangular	D CF Bot
IX. Não consigo ver...	Nada	Recusa
X. Não consigo.	Talvez aqui a Torre Eiffel (cinza), parece um triângulo. D F ⁺ Arq	Recusa

	E aqui estes dois uns caranguejos (castanhos), por causa das patas. É só. D F+ A	
--	---	--

Prova de Escolhas:

(+ +): IV e VI, é os que parecem mais realistas

(- -): II, parece que tem muito sangue na cara e nos olhos

IX, não percebi o que é que estava aqui

Psicograma – Tiago, 17 anos

R: 10	G: 6	F: 8	F+: 6	A: 5	G%: 60			
Recusas: 2	(Gbl: 2)					F -: 2	Ad: 1	D%: 40
(IX e X)	D: 4							
		K: 1	H: 2	F%: 80				
			Hd: 1	F+%: 75				
		CF: 1						
			Alim: 1	A%: 55				
			Bot: 1	H%: 27				
				Ban: 4				

T. Apreensão : G; D; Dd; Dbl

T.R.I.: 1K/1C

F.C.: 0k/0E

R.C.: 20%

I.A.: 20%